

A República cantada

André Diniz
Diogo Cunha

A República cantada

Do choro ao funk
a história do Brasil através da música



ZAHAR

*Como toda história tem um começo, a nossa partiu
do professor e escritor Mario Furley Schmidt*

Copyright © 2014, André Diniz e Diogo Cunha

Copyright desta edição © 2014:

Jorge Zahar Editor Ltda.

rua Marquês de S. Vicente 99 – 1ª | 22451-041 Rio de Janeiro, RJ

tel (21) 2529-4750 | fax (21) 2529-4787

editora@zahar.com.br | www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados.

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo

ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Grafia atualizada respeitando o novo

Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Preparação: Angela Ramalho Vianna | Revisão: Vania Santiago, Eduardo Farias

Projeto gráfico: Carolina Falcão e Mari Taboada | Capa: Sérgio Campante

Imagem da capa: *Samba no tablado*, de Heitor dos Prazeres (Óleo sobre tela/
Coleção particular)

CIP-Brasil. Catalogação na publicação

Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

D61r Diniz, André
A República cantada: do choro ao funk, a história do Brasil através da
música/ André Diniz, Diogo Cunha. – 1.ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

il.

ISBN 978-85-378-1275-4

1. Música – Brasil – História e crítica. I. Cunha, Diogo. II. Título.

CDD: 780.981

CDU: 78(81)

14-12231

Sumário

Prefácio: Ouça 7

1. E o Império dançou 11

2. A República do maxixe doido 23

3. Músicas do Catete 35

4. “Seu Gegê” 63

5. “Bota o retrato do velho outra vez” 81

6. O presidente bossa-nova e outras bossas 97

7. “Vai passar” 113

8. “Geração Coca-Cola” 137

9. No batidão do real 155

Bibliografia 169

Sugestões de filmes 173

Créditos das imagens 177

Agradecimentos 179

PREFÁCIO

Ouçã

“A música, sobretudo a chamada ‘música popular’, ocupa no Brasil um lugar privilegiado na história sociocultural, lugar de mediações, fusões, encontros de diversas etnias, classes e regiões que formam o nosso grande mosaico nacional. Além disso, a música tem sido, ao menos em boa parte do século XX, a tradutora dos nossos dilemas nacionais e veículo de nossas utopias sociais. Para completar, ela conseguiu, ao menos nos últimos quarenta anos, atingir um grau de reconhecimento cultural que encontra poucos paralelos no mundo ocidental.”*

NÃO EXISTE LINGUAGEM mais universal que a música. Ouvimos música no ônibus, no carro, em casa, nas praças, nos estádios, nas festas, no supermercado. Arte brasileira mais reconhecida, a nossa música sempre foi moderna. Sua diversificação expressa a pluralidade de um país que entrou no período republicano com um discurso avançado, apesar da grande dí-

* Marcos Napolitano, *História & música: história cultural da música brasileira*, p.2.

vida social e da claudicante representação política. Cantava-se o sonho de uma sociedade liberal, mas as marcas do passado escravista ecoam até hoje.

Nossa fauna musical mapeia esse Brasil múltiplo, diverso. Desde o começo do século XX, a indústria fonográfica brasileira está entre os principais mercados do mundo. Além de boa de ouvir, nossa música também é ótima para pensar o país: “Se você tiver uma boa ideia, é melhor fazer uma canção”, diz a máxima, na voz de Caetano Veloso.

Num país em que a monarquia caiu no último baile, os republicanos preferiram ficar com o hino velho e um presidente dançou ao som do “Corta jaca”, política e música valsaram juntas. Quantas marchinhas e sambas não trouxeram à baila uma “fotomelodia” do cotidiano da República? O projeto de Estado que levou Getúlio Vargas ao poder incluía, entre outras iniciativas, uma aproximação com os setores populares, “as coisas nossas”. “Seu Gegê”, como o presidente era conhecido carinhosamente no meio artístico, valorizou os ritmos produzidos pela massa, sobretudo o samba carnavalesco carioca.

A geração dos festivais da canção, de Chico Buarque, Caetano Veloso, Geraldo Vandré, Edu Lobo, Gilberto Gil – e tantos outros que misturavam música de protesto, valorização de nossas tradições e crítica vanguardista ao statu quo – fez da arte um campo de debates de projetos políticos e estéticos, com firme posicionamento ideológico e diálogo com as outras linguagens artísticas. Quem imaginaria que a chamada música “brega” cantasse tanto as contradições da sociedade? O rock demoliu a “Nova República” perguntando “Que país é esse?”, e o funk e o hip-hop fizeram dançar as periferias e favelas dando voz ao seu dia a dia.

Nas últimas décadas tem crescido substancialmente o número de livros sobre música popular e sociedade brasileira. Assim, ao nos ouvirmos mais, podemos entender melhor esses muitos brasis por aí afora. *A República cantada* pretende retratar a história da República – com mais de duzentas músicas – de forma prazerosa para estudantes, professores, amantes da linguagem, da história e da leitura. Sem a ambição de contar todos os detalhes da nossa vida republicana e musical, o livro traça um painel do surgimento da música popular urbana, ainda no final do século XIX – por mais que a definição de “urbana” seja complexa –, aportando nos ricos e debatidos ritmos do funk e do hip-hop; narra da queda da monarquia até o governo Dilma.

O ineditismo deste trabalho nos dá dois prazeres: o primeiro é o de escrevê-lo, ao mesmo tempo ouvindo tantos compositores, maestros, cantores e instrumentistas que expressaram desejos, alegrias, sofrimentos, tristezas e esperanças da sociedade; o segundo, a expectativa de como o(a) amigo(a) leitor(a) irá interagir com o texto, podendo conhecer melhor a história do seu país ao som de suas músicas prediletas. Esperamos que aproveitem.

ANDRÉ DINIZ e DIOGO CUNHA

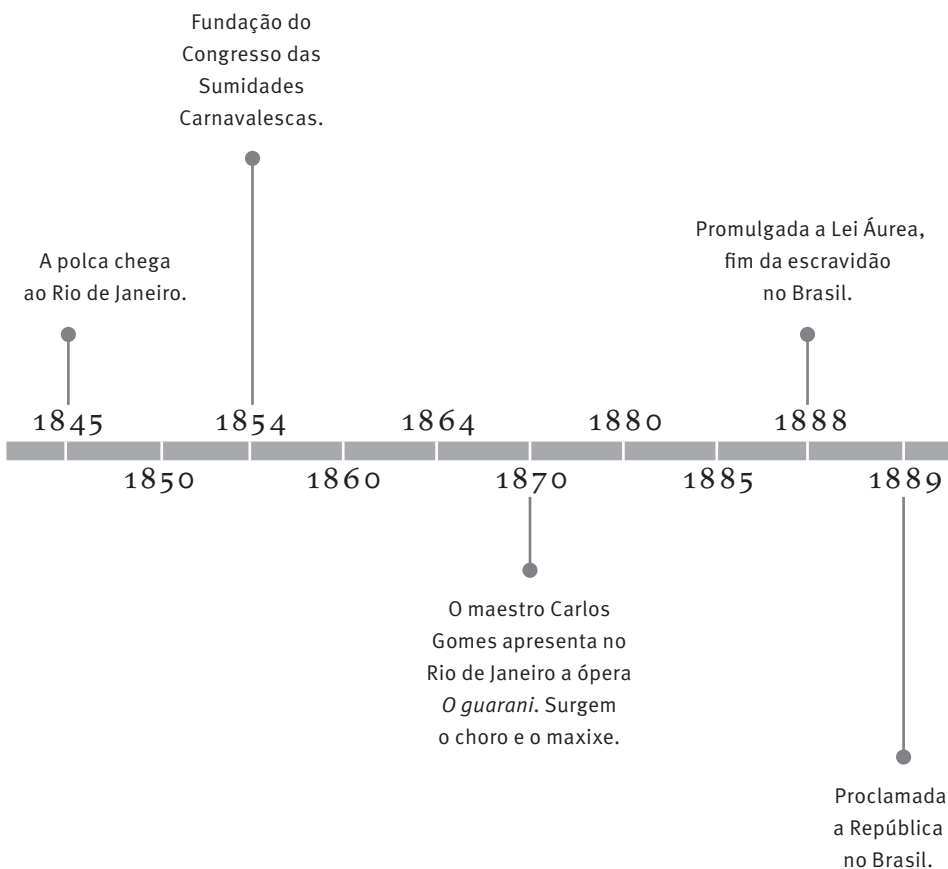
Itacoatiara, junho de 2013

1. E o Império dançou



“...A suntuosidade me acenava
E alegremente sorria
Algo acontecia
Era o fim da monarquia.”

DONA IVONE LARA, SILAS DE OLIVEIRA e BACALHAU,
“Os cinco bailes da história do Rio”



ESTAMOS EM 9 DE NOVEMBRO DE 1889, no palácio da bela ilha Fiscal, situada na baía de Guanabara, no Rio de Janeiro. O Império dava uma festa pomposa para milhares de convidados. O motivo declarado para tamanho gasto e luxo – mais ou menos 10% do orçamento previsto para a província do Rio de Janeiro – era homenagear os oficiais da Marinha chilena embarcados no cruzador *Almirante Cochrane*, atracado em águas cariocas. Todos os barcos que chegavam à ilha estavam enfeitados com bandeiras do Chile e do Brasil. Ao fundo ouvia-se a Banda do Arsenal de Guerra executando o hino “Chile-Brasil”, feito especialmente para a ocasião pelo maestro Francisco Braga. Curiosamente seria ele o autor, com o poeta Olavo Bilac, do republicaníssimo hino à Bandeira:

Salve lindo pendão da esperança!
Salve símbolo augusto da paz!
Tua nobre presença, à lembrança,
A grandeza da pátria nos traz.
Recebe o afeto que se encerra
Em nosso peito juvenil,
Querido símbolo da terra,
Da amada terra do Brasil!

Perto de completar 64 anos, o imperador dom Pedro II estava com a saúde debilitada. Chegou ao baile amparado por seu médico, o doutor Mota Maia. Ao descer do barco, o monarca tropeçou e quase caiu. Sem perder o humor e a distinção da nobreza, olhou à frente e disse: “A monarquia tropeça, mas não cai.” E a pomposa festa tinha também esse objetivo: mostrar que o Império ainda estava de pé, apesar dos tropeços.

ESTAÇÃO DOM PEDRO II

Dom Pedro II tinha uma queda pelas artes. Ele criou a Imperial Academia de Música e Ópera Nacional. Admirava o compositor alemão Richard Wagner e deu alguns réis (um dinheirinho da época) para o maestro Carlos Gomes realizar a ópera *O guarani*. Mas o imperador acabou virando estação de trem e caindo no samba em “33, destino dom Pedro II” (Guará e Jorginho das Rosas):

Acordar de manhã cedo,
Caminhar pra estação,
Pra chegar lá em dom Pedro
A tempo de bater cartão.

Nobres, republicanos, monarquistas, políticos dos Partidos Liberal e Conservador, militares e abolicionistas dançavam felizes no baile ao som das músicas do continente europeu, que aos poucos se misturavam a ritmos africanos e americanos, popularizados no Brasil por flautas, pianos, cavaquinhos e violões. Não era preciso ter as mesmas ideias para dançar no mesmo ritmo.

Foi em 1808, com a vinda da família real, que chegou por aqui uma série de danças. Mas nestas terras de Cabral só vingaram mesmo a quadrilha e a valsa. A quadrilha era originária da França e abria os bailes da corte. Incorporou-se à tradição popular e “passou a ser dançada também ao ar livre, nas festas do mês de junho, em louvor a são João, santo Antônio e são Pedro”.^{*} A valsa, uma das danças de salão mais apreciadas

^{*} Mário de Andrade, *Dicionário musical brasileiro*, p.414.

O CHORO

Da interpretação musical dos ritmos estrangeiros feita por músicos brasileiros nasceria, nas últimas décadas do século XIX, o gênero conhecido como “choro”. Acorados em um quarteto básico (flauta, cavaquinho e dois violões), os chorões – nome dado aos músicos que tocam choro – foram muito importantes na divulgação e consolidação da música popular. Eles tocavam em pequenas estalagens, cortiços e festas familiares. Donos de extraordinário talento, fundaram uma das mais relevantes escolas de instrumentistas da música brasileira. O flautista Joaquim Callado é considerado o “Pai dos Chorões” por ter formado o primeiro grupo conhecido do gênero, o Choro do Callado, ou Choro Carioca. Seu legado continuou nos sopros de Patápio Silva, Pixinguinha, Benedito Lacerda e Altamiro Carrilho.

no mundo ocidental, fez os pares bailarem entrelaçados e manteve-se forte durante quase todo o século XX (até hoje é a cereja do bolo das debutantes). Mas a dança predileta de damas e cavalheiros mais fogosos era mesmo a polca, praticada com o corpo coladinho ao da(o) parceira(o). A polca chegou ao Brasil na segunda metade do século XIX e foi um acontecimento para a época, pela intimidade com que os casais a dançavam.

Seis bandas animavam a última festança imperial. A Banda da Polícia, por exemplo, tocava no largo do Paço, em frente à ilha Fiscal, executando melodias para os barrados na festa. Entre os que ficaram a ver navios estava a filha do militar e professor Benjamin Constant. Bernardina, de tanto insistir

com o pai, acabou obrigando-o a alugar um escalor (pequeno barco) para ver o burburinho de perto. Mas a cabeça de Benjamin estava longe, “Quem sabe?”, como uma valsa do maestro Carlos Gomes: “Tão longe, de mim distante,/ Onde irá, onde irá teu pensamento?”

Um pouco antes de a festa comer solta, Benjamin conversava com jovens oficiais no Clube Militar, dizendo que o caminho era a República. Mas faltava o carimbo da velha-guarda do Exército. Dias depois do baile, Benjamin e alguns civis foram ao encontro do marechal Deodoro da Fonseca. Deodoro era o elo entre os militares tarimbados e os jovens oficiais, e preferia tomar uma decisão só depois da morte do imperador. Ele nutria uma amizade por dom Pedro II. Se não estivesse com uma forte crise de asma, talvez participasse do baile da ilha Fiscal. Do passado, o velho marechal ainda carregava a fama de pé de valsa, galante e sensível à natureza feminina. Rodou muitos salões ao som do piano e atrás dos encantos da bela Adelaide, a baronesa do Triunfo, gaúcha que deixou o alagoano furioso quando se viu trocado por seu inimigo político, o senador Gaspar Silveira Martins.

Os convidados curaram a ressaca do baile, e nada de a República chegar. Mas no dia 15 de novembro novos fatos políticos fizeram a monarquia tropeçar e... cair. Boatos sobre a prisão de Benjamin Constant e do próprio marechal Deodoro levaram a se mexer. Acompanhado de colegas de farda, Deodoro rumou para o Campo de Santana, sede do Ministério da Guerra, e depôs o visconde de Ouro Preto da presidência do Conselho de Ministros. O generalíssimo voltou para casa, que ficava pertinho do Campo de Santana, largou a casaca, colocou o pijama e silenciou-se sobre a Proclamação da República.

Destituído o visconde de Ouro Preto pela manhã, à tarde correu mais um boato na cidade, de que o senador Gaspar Silveira Martins assumiria a presidência do Conselho de Ministros. Foi a gota d'água para Deodoro. A monarquia virara coisa do passado naquela noite de 15 de novembro de 1889. Para comemorar o centenário da “noite 15 reluzente”, a escola de samba Imperatriz Leopoldinense, do Rio de Janeiro, cantou no Sambódromo “Liberdade, Liberdade! Abre as asas sobre nós” (Niltinho Tristeza, Preto Joia, Vicentinho e Jurandir) – e faturou o caneco:

Liberdade, liberdade!

Abre as asas sobre nós!

E que a voz da igualdade

Seja sempre a nossa voz.

★ ★ ★

COM O TEMPO, algumas das danças de salão tocadas no último baile da monarquia iriam se misturar aos folguedos dos negros. O lundu, por exemplo, saiu do universo das fazendas em direção às cidades, fundiu-se com gêneros europeus e constituiu o ritmo miscigenado pioneiro da canção brasileira. Com roupagem urbana e temáticas variadas, tornou-se o lundu-canção, que continha, em alguns casos, letras de duplo sentido, como se pode ver na composição “Isto é bom” (Xisto Bahia), a primeira a ser levada a disco, em 1902:

O inverno é rigoroso,

Bem dizia a minha vó.

Quem dorme junto tem frio,

Quanto mais quem dorme só.
Isto é bom, isto é bom,
Isto é bom que dói.

No tempo do Império, ouviam-se também modinhas cantadas ao violão nos salões da corte, nas casas simples e nas ruas. O sistematizador do gênero foi o padre mestiço Caldas Barbosa – filho de funcionário real português e escrava angolana –, autor da coletânea musical *Viola de Lerenó*.

No romance *Memórias de um sargento de milícias*, de Antônio Manuel de Almeida, o personagem Leonardo, filho de Leonardo Pataca e Maria Hortaliça, antes de ganhar o posto de sargento de milícias, subia o morro da Conceição, no Rio de Janeiro, para ouvir a mulata Vidinha cantar suas modinhas, levando ao desespero o major Vidigal, encarregado de colocar ordem na casa:

Se os meus suspiros pudessem
Aos teus ouvidos chegar,
Verias que uma paixão
Tem poder de assassinar.

Os nobres brasileiros exercitaram, às vezes com bastante êxito, o seu lado musical. Dom Pedro I compunha modinhas, tinha boa voz e foi parceiro de Evaristo da Veiga na composição do hino da Independência:

Brava gente brasileira!
Longe vá temor servil!
Ou ficar a Pátria livre,
Ou morrer pelo Brasil!

Ou ficar a Pátria livre,
Ou morrer pelo Brasil!

O Brasil foi a última nação independente das Américas a abolir a escravidão. Foi também o país com a maior concentração de cativos do mundo. A escravidão era o marco mais perverso desse Império de privilégios.

O preconceito em relação aos negros é visível até hoje em nossa sociedade. Por isso, suas histórias permanecem cantadas como um lamento, em músicas que falam de sofrimentos que ainda não foram redimidos nesses mais de cem anos de Abolição. É o caso deste samba-enredo composto em forma de pergunta pela Estação Primeira de Mangueira, tradicional escola carioca, cantado na Marquês de Sapucaí no ano de 1988, “Cem anos de liberdade: realidade ou ilusão?” (Hélio Turco, Jurandir e Alvinho):

Será...
Que já raiou a liberdade?
Ou se foi tudo ilusão?
Será...
Que a Lei Áurea tão sonhada,
Há tanto tempo imaginada,
Não foi o fim da escravidão?

★ ★ ★

O MARQUÊS DE SAPUCAÍ ainda era visconde quando, em 1854, o escritor José de Alencar, ao lado de outros intelectuais, políticos e comerciantes, fundou o Congresso das Sumidades

Carnavalescas, com a finalidade de festejar os dias de momo. Logo surgiram outras agremiações que saíam pela cidade com suas fantasias luxuosas, elegantes, e seus carros alegóricos. Era a construção de um carnaval “civilizado”, longe do popular entrudo colonial, com seus limões de cheiro (com urina...), pó de sapato, bisnagas e tantas outras brincadeiras de rua.

No decorrer dos anos esses clubes passaram a incorporar de forma crítica e satírica as grandes questões nacionais. Algumas sociedades apresentavam enredos abolicionistas e republicanos. O Clube dos Fenianos, no desfile de 1889, defendia abertamente a República:

Republicano às direitas,
Voto ódio à monarquia,
Que, ao lado da tirania,
Quer aos povos dominar.
...
Caia, pois, a monarquia,
Que o seu reinado está velho.
Eia! Povo, vá por terra
Esse cruel despotismo.
Morte, morte ao reumatismo!
Viva o barrete vermelho!

A República não curou o “reumatismo monárquico” de uma hora para outra. O Brasil entrava na “República do maxixe doido”, como salientou o historiador José Murilo de Carvalho:

A República não produziu correntes ideológicas próprias ou novas visões estéticas. Mas, por um momento, houve um abrir de

janelas por onde circulavam mais livremente ideias que antes se continham no recatado mundo imperial. Criou-se um ambiente que Evaristo de Moraes chamou com felicidade de porre ideológico, e que poderíamos também chamar, sob a inspiração de Sérgio Porto, de maxixe do republicano doido.*

Dá-me a honra dessa dança?

* José Murilo de Carvalho, *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*, p.24.

2. A República do maxixe doido



“Em 1891, sem causa perca,
Era eleito Deodoro da Fonseca,
Cujo governo foi bem audaz.
Entregou a Floriano Peixoto
E este a Prudente de Moraes.”

SILAS DE OLIVEIRA e MANO DÉCIO DA VIOLA,
“Sessenta e um anos de República”

Eleições para
Constituinte.

1890

1892

1891

1893

Promulgada a primeira Constituição republicana; o marechal Deodoro da Fonseca é eleito presidente. Deodoro renuncia e assume o vice, o marechal Floriano Peixoto.

Início da segunda Revolta da Armada. Hilário Jovino funda o rancho Rei de Ouros, no Rio de Janeiro.

A REPÚBLICA VEIO A GALOPE, como um passeio. É claro que não deu tempo para costurar uma nova bandeira e escrever os compassos de um novo hino nacional. A bandeira seguiu a cartilha e as bases positivistas: ordem e progresso. O hino que parte dos republicanos cantava nas ruas era “A marselhesa”, do compositor e militar Rouget de Lisle. O som que embalou os revolucionários franceses era considerado por muitos a trilha sonora da nossa República. A melodia ganhou uma letra tupiniquim:

Livre ser!
Livre feito!
Clama nosso peito!
Clama nosso peito!
Como um trovão desfeito!
Vivam, vivam, vivam os marciais,
Fortes, leais!
Vivam, vivam, os marciais!

Os versos improvisados de “A marselhesa” não caíram no gosto dos brasileiros. Dois meses depois da Proclamação, acontecia um concurso para escolher o novo hino nacional. Para alguns, o velho hino do maestro Francisco Manuel, feito no período imperial, significava uma afronta à República. Mas ele tinha defensores na imprensa, entre alguns militares e na sociedade. Batata! O marechal Deodoro da Fonseca, que também “preferia o velho hino”, acabou oficializando a melodia. No começo do século XX, o hino tomou sua forma definitiva, ao receber letra do poeta Joaquim Osório Duque Estrada:

Ouviram do Ipiranga às margens plácidas
De um povo heroico o brado retumbante,
E o sol da liberdade, em raios fúlgidos,
Brilhou no céu da pátria nesse instante.

E o concurso de que falamos? Bom, o hino de Medeiros e Albuquerque e Leopoldo Augusto Miguez venceu o certame. Como não levou, recebeu um prêmio de consolação, ao ser escolhido hino da Proclamação da República:

Liberdade! Liberdade!
Abre as asas sobre nós!
Das lutas, na tempestade,
Dá que ouçamos tua voz!

Se nas ruas a República foi um fracasso retumbante no quesito participação popular, nos palcos cariocas a história foi outra. A peça *A República*, dos irmãos Artur e Aluísio Azevedo, fez muito sucesso em 1890, e a canção “As laranjas de Sabina” foi uma das primeiras gravadas no Brasil:

Sem banana, macaco se arranja.
E bem passa monarca sem canja.
Mas estudante de medicina
Nunca pode passar sem as laranjas,
As laranjas, as laranjas da Sabina.

A letra trazia uma irônica alusão ao imperador deposto: “E bem passa monarca sem canja.” É que o velho dom Pedro II não dispensava um bom prato de canja antes de ir ao teatro, um dos seus gostos prediletos.

Na peça *A República* tocava-se de tudo um pouco: tangos, polcas e principalmente maxixes, que surgiu por volta de 1870 e foi nossa primeira dança urbana típica. Se o maxixe enlouquecia algumas pessoas mais abastadas, era o povão que arrastava o pé. A dança de par entrelaçado deixava a polca no chinelo (para alguns pesquisadores, a lambada, de Beto Barbosa, Luiz Caldas e Sarajane, surgida no estado do Pará, seria o maxixe dos anos de 1980). O compositor Sinhô, com seu “Cassino Maxixe”, fez os pares dançarem coladinhos, coladinhos, cheios de confissões ao pé do ouvido:

Não se deve amar sem ser amado.
É melhor morrer crucificado!
Deus nos livre das mulheres de hoje em dia,
Desprezam um homem
Só por causa da orgia!

Gosto que me enrosco de ouvir dizer
Que a parte mais fraca é a mulher.
Mas o homem, com toda a fortaleza,
Desce da nobreza e faz o que ela quer!

Dizem que a mulher é parte fraca.
Nisso é que eu não posso acreditar.
Entre beijos e abraços e carinhos,
O homem, não tendo,
É bem capaz de matar.

Até o futuro presidente da República, na época ministro da Guerra, marechal Hermes da Fonseca, ficaria em maus lençóis

por causa do maxixe. Por volta de 1906, o ministro alemão Von Reichau e sua delegação desembarcaram no Brasil. Em visita a Santa Cruz, no Rio de Janeiro, a Banda do Exército recepcionou a comitiva executando marchas e dobrados. No final da apresentação, o ministro alemão pediu ao maestro que tocasse uma música tipicamente brasileira. A batuta do regente passou a comandar o maior sucesso do carnaval daquele ano, ouvido em bares, teatros, festas populares e clubes, o maxixe “Vem cá, mulata!”, de Arquimedes de Oliveira e Bastos Tigre:

Vem cá, mulata!
Não vou lá, não!
Sou democrata,
Sou democrata,
Sou democrata
De coração.

Hermes da Fonseca enrubesceu de raiva. Nem mesmo a alegria incontida do visitante alemão fez diminuir a ira do militar brasileiro. Dias depois, baixava-se uma portaria proibindo as bandas militares de tocar maxixe. Quando virou presidente, a relação de Hermes da Fonseca com a música popular seria mais benevolente.

★ ★ ★

MAS VOLTANDO À VACA FRIA, após a Proclamação da República, o marechal Deodoro da Fonseca ficou à frente do governo provisório. Nesse período, o presidente fechou o Congresso e perseguiu os adversários. O pau cantou. A República começava de maneira nada republicana.

Em 1890 foi eleito um novo Congresso. Em seguida era promulgada a primeira Constituição republicana, e o marechal que a proclamara virou presidente eleito indiretamente. O vice, que era votado em separado, veio da oposição, o também militar Floriano Peixoto. Com a nova Constituição ganhavam direito a voto os cidadãos com mais de 21 anos, exceto... analfabetos, mulheres, soldados e padres (ou seja, 95% da população).

O governo de Deodoro parecia um conto das *Mil e uma noites*. Nomeações de parentes e amigos, aumento do soldo dos militares, concessão de gordas pensões. Simples decretos transformavam ministros em generais. Nunca se viu tanto civil querendo virar casaca. Na peça *O tribofe*, o escritor Artur Azevedo ironizava a política do marechal:

Na política, há muito tribofe,
Muito herói que não sente o que diz.
E que quer é fazer regabofe,
Muita embora padeça o país!
Quem República ao povo promete
E, mostrando-se pouco sagaz,
No poder velhos áulicos mete, faz tribofe,
Outra coisa não faz.
Quem fala do seu patriotismo
E suspira por dom Sebastião,
Faz tribofe, pois sebastianismo
E tribofe sinônimos são.

Em 1891, ano em que se promulgou a primeira Constituição republicana, chegava ao Brasil o tcheco Frederico Figner,

caixeiro-viajante que virou empresário do entretenimento e acabou entrando para a história da nossa música. E não é que na primeira gravação feita no fonógrafo trazido pelo empresário havia justamente um discurso contra a República! Conta Fred Figner em seu manuscrito autobiográfico, citado pelo pesquisador Humberto Franceschi: “Pus-me a experimentar o aparelho. Chamei o doutor Cabral, advogado, que estava conversando com umas artistas de opereta lá hospedadas. Coloquei um novo cilindro e disse-lhe: ‘Hable, hable usted también.’ O doutor Cabral fez um discurso contra a República, e ao ouvi-lo ficou entusiasmado.”*

Ainda bem que os republicanos não ouviram o discurso registrado por Fred. Assim, ele pôde abrir em 1900 (ano em que também chegaram os primeiros gramofones no país) a Casa Edison, na rua do Ouvidor, no Rio de Janeiro. Logo passou a gravar e comercializar registros. Em 1913, a Odeon inaugurou a primeira fábrica de discos. Em algumas décadas o Brasil já seria um dos principais mercados fonográficos do mundo. No início as gravações ainda aconteciam de forma mecânica, o que produzia algumas particularidades e restrições no registro do som, como a necessidade de imprimir potência na voz e na execução dos instrumentos. Com a chegada do microfone elétrico, em 1927, até os “sussurros” passaram a ser captados.

* * *

* Humberto M. Franceschi, *A Casa Edison e seu tempo*, p.18-9.

PAÍS EM ESTADO DE SÍTIO, Congresso fechado e clima de guerra civil fizeram o marechal Deodoro renunciar à Presidência e entregar o cargo ao marechal Floriano Peixoto. O “vice empossado” reabriu o Congresso e passou a ser visto como peça importante no fortalecimento da República. No período florianista, inimigos e batalhas não faltaram ao presidente. Floriano levava até as últimas consequências a máxima: “Missão dada é missão cumprida.” Estava determinado a chegar ao fim do mandato iniciado por Deodoro. Aos poucos a boataria sobre sua queda foi sufocada.

Primeiro o presidente conseguiu que o Congresso Nacional optasse pelo autoemudecimento. Em 21 de janeiro de 1892, o Senado e a Câmara votaram e decidiram por esmagadora maioria interromper seus trabalhos para que o presidente consolidasse a República. Parlamentares opositores se revoltaram. Na ocasião, o senador Saldanha Marinho cunhou a famosa frase: “Não era essa a República dos meus sonhos.” Mas Floriano não estava nem aí para os sonhos de ninguém. No reinado de momo, parecia que ninguém pensava nos sonhos de Saldanha Marinho, e sim nos sapatos e na pagodeira “Floriana!":

São Pedro é nove.

São João é guapo.

Chove ou não chove

Muito sapato?

Levanta a saia,

Olê, olá.

Gente, não caia,

Deixe que eu vá.

Que pagodeira!

Que carnaval!
Eh! Zé Pereira
Florianal.

Aliados de Deodoro e a Marinha queriam um novo processo eleitoral. Os partidários de Floriano achavam que esse argumento era papo-furado. A confusão estava selada. Em setembro de 1893, explodiu a segunda Revolta da Armada.

Os líderes do movimento eram os almirantes Saldanha da Gama e Custódio de Melo, ex-ministro da Marinha e candidato à sucessão de Floriano Peixoto. A Armada posicionou navios na baía de Guanabara e ameaçou meter chumbo na capital federal. Algumas balas derrubaram a torre da igreja Nossa Senhora da Lapa dos Mercadores, na rua do Ouvidor, no Centro do Rio. O estrondo causou correria entre os moradores da cidade. O quiproquó pegou mesmo para os lados de Niterói, na época capital do estado do Rio de Janeiro. Os revoltosos tentaram tomar a cidade. Floriano teve que contratar esquadras estrangeiras para sufocar o conflito. O marechal mandou prender militares, jornalistas, políticos e revoltosos. E olha que não foi pouca gente. Bastava ser do contra para conhecer a espada e o mau humor do presidente. Suas ações enérgicas ganharam a simpatia do compositor Eduardo das Neves, na música “Marechal de Ferro”:

Quando ele apareceu, altivo e sobranceiro,
Valente com as armas, beijando o pavilhão,
A pátria suspirou, dizendo: “Ele é guerreiro,
É Marechal de Ferro, escudo da nação.”

O MARECHAL E O RANCHO

Em 1894, o rancho Rei de Ouros fez uma apresentação no palácio Itamaraty para o presidente Floriano Peixoto:

Estou bem de contas,
Mal com o alfaiate.
Sou jardineira, iaiá,
Não me mate.

O cortejo fez Floriano desfilar sua ranzinze habitual e declarar “que preferia as paradas militares” ao desfile do rancho.

Os ranchos eram as organizações carnavalescas mais importantes até o surgimento das escolas de samba. Eles desfilavam com comissão de frente, porta-estandarte, mestre-sala e um instrumental com violões, cavaquinho, flautas e clarineta. Foi o tenente da Guarda Nacional Hilário Jovino o responsável por deslocar os ranchos do calendário religioso para o carnaval. Ele também fundou, em 1893, o rancho Rei de Ouros, com sede na Pedra do Sal, no bairro da Saúde, no Rio de Janeiro.

Quem também “lutou” e sofreu com a pesada espada de Floriano foi o major Policarpo Quaresma, personagem do romance *Triste fim de Policarpo Quaresma*, do escritor Lima Barreto. Mas antes de pegar a baioneta e lutar ao lado do governo, o major Quaresma queria mesmo é ter aulas de violão com o famoso compositor Ricardo Coração dos Outros (mais um personagem de Lima Barreto). No romance, o instrumento era considerado de má fama: “Mais não foi preciso pôr na

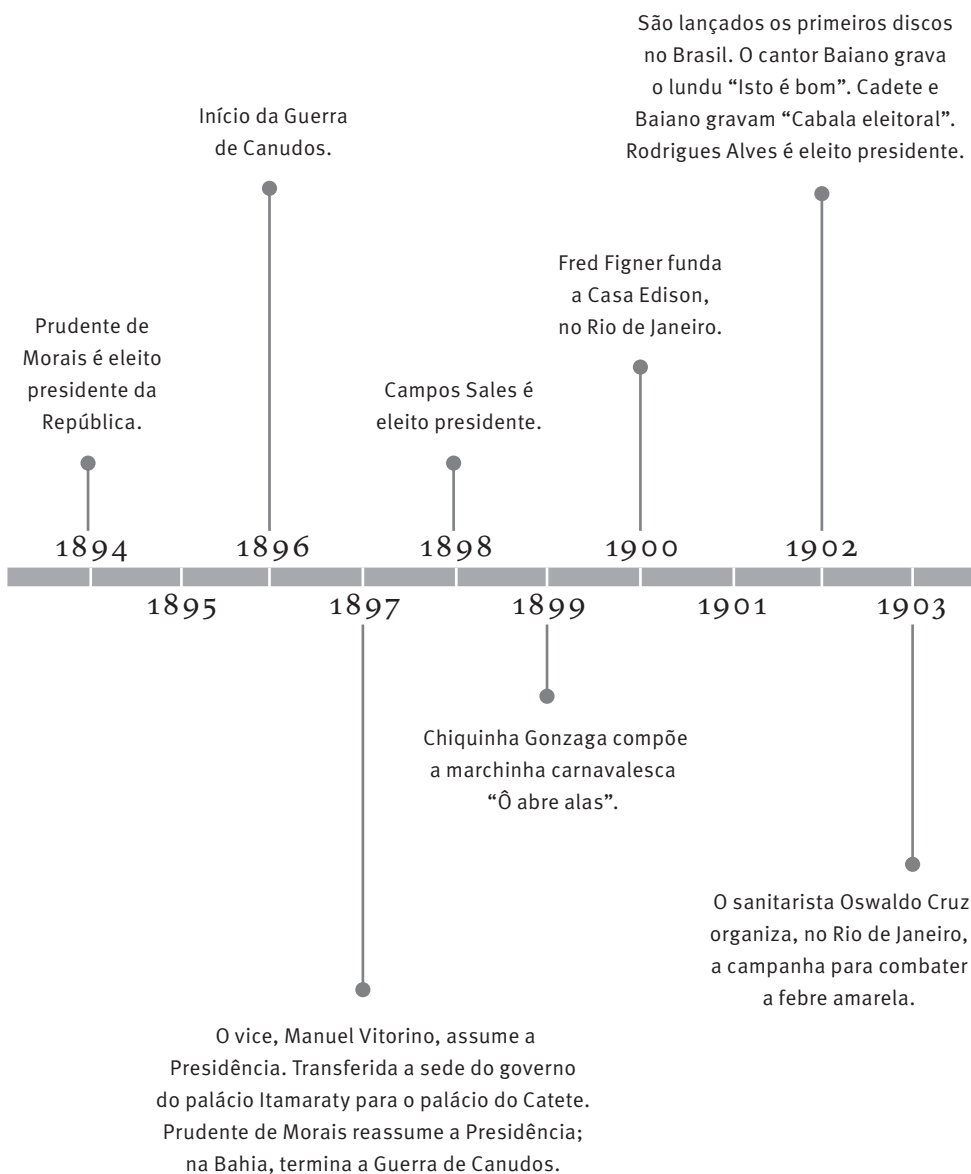
carta, a vizinha concluiu logo que o major aprendia a tocar violão. ‘Mas que coisa! Um homem tão sério metido nessas malandragens.’”^{*} O major foi à trincheira pelo instrumento, e o gênero que mais apreciava não era o maxixe da Cidade Nova, como deixou claro em sua fala: “É preconceito supor que todo homem que toca violão é um desclassificado. A modinha é a mais genuína expressão da poesia nacional e o violão é o instrumento que ela pede.” No fim da segunda Revolta da Armada, o major denunciou ao presidente as atrocidades (fuzilamentos) cometidas pelo governo. Preso como traidor, Policarpo teve o mesmo destino de muitos “inimigos” da República, o paredão. Era o triste fim de Policarpo Quaresma e o início da nossa República. Pelo menos, décadas depois, o instrumento que Policarpo apreciava viraria mania nacional com os meninos e meninas da bossa nova carioca. Mas isso é papo para outro capítulo...

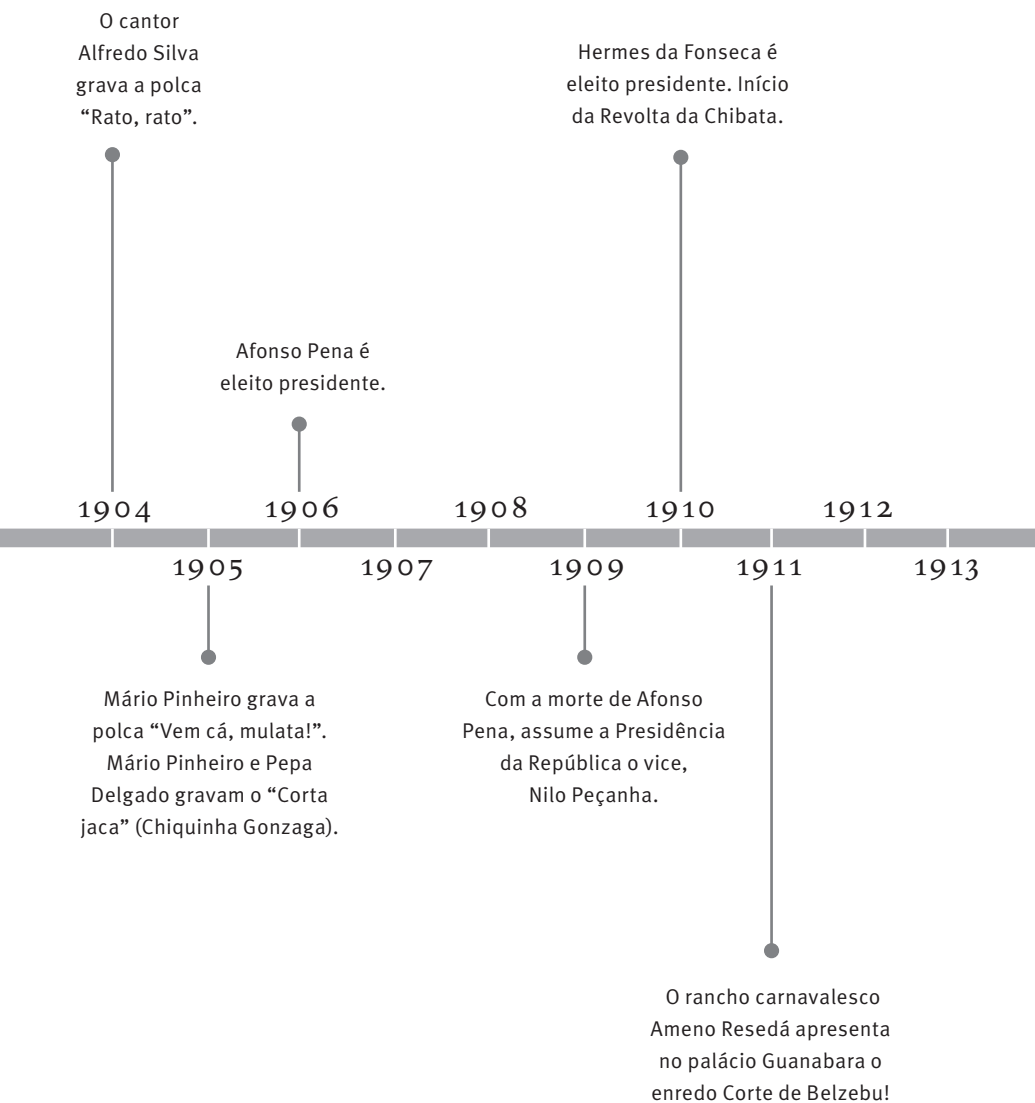
^{*} Lima Barreto, *Triste fim de Policarpo Quaresma*, p.20-1.

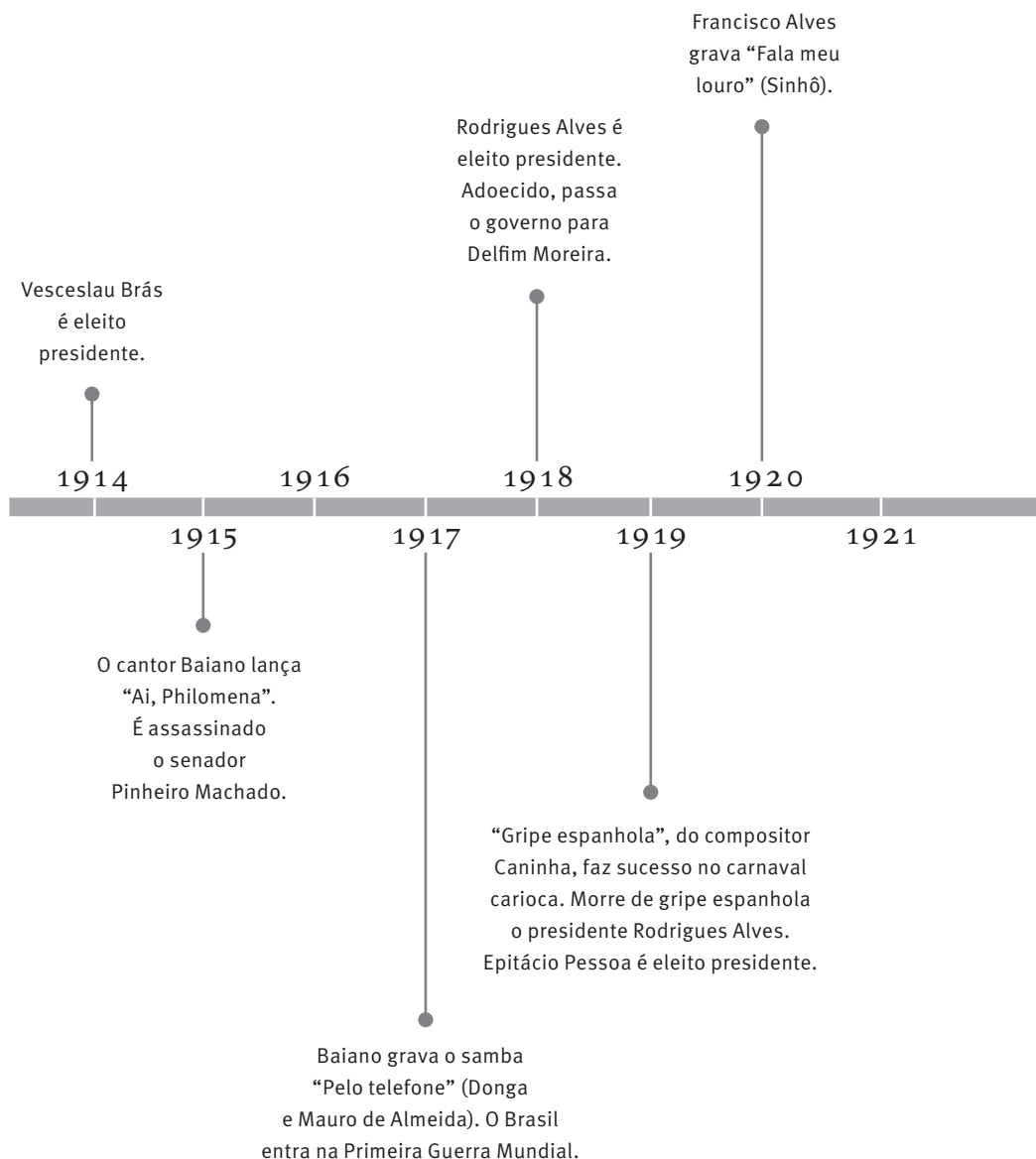
3. Músicas do Catete

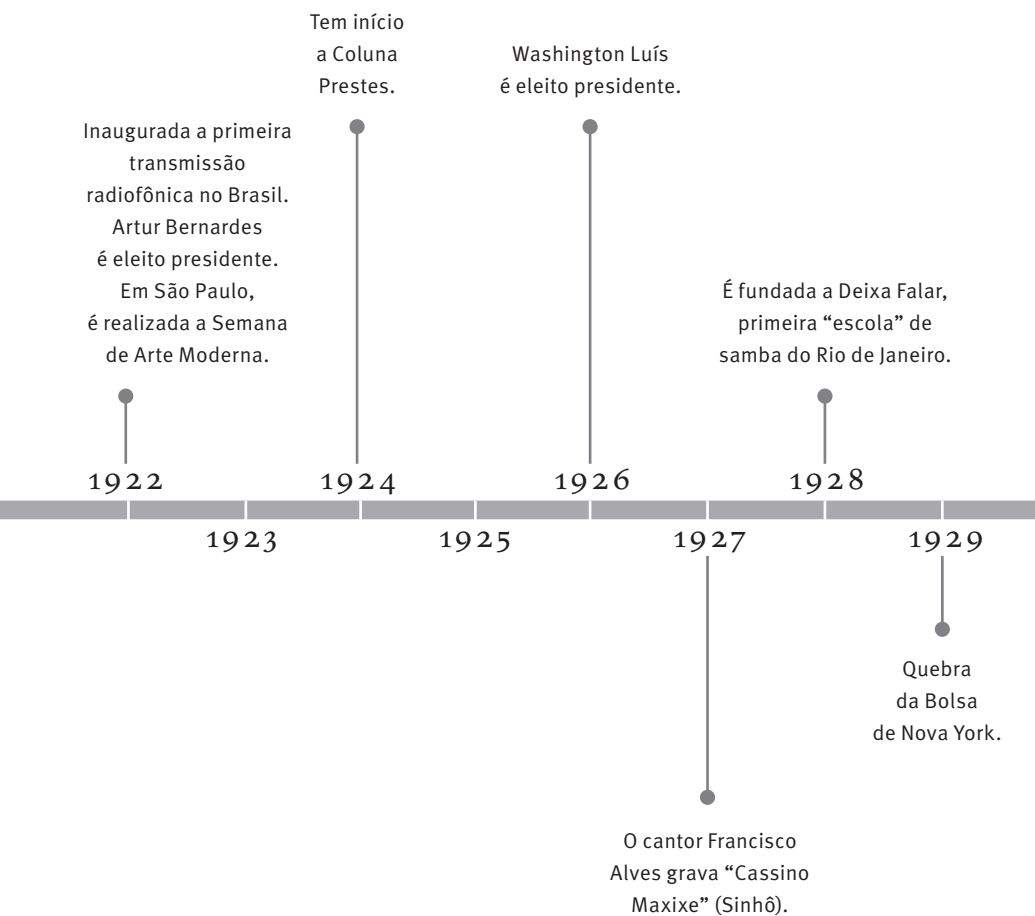


“Ó, solitário sertão
De sofrimento e solidão.
A terra é seca,
Mal se pode cultivar.
Morrem as plantas e foge o ar.
A vida é triste nesse lugar.”
EDEOR DE PAULA, “Os sertões”









A PRIMEIRA ELEIÇÃO DIRETA para presidente, aconteceu em março de 1894. E o paulista Prudente de Moraes venceu com 88,5% dos votos. Ao desembarcar na estação de trem no Rio de Janeiro, para assumir a Presidência, o local estava às moscas. Não havia viva-lma para saudá-lo. Nem uma bandinha de música de inauguração de farmácia (que na época ainda era escrita com “ph”). No dia da posse, poucas pessoas foram vê-lo. O marechal Floriano Peixoto, por exemplo, nem deu o ar da graça. Preferiu ficar em casa cuidando das rosas do seu jardim. Ainda bem, para o marechal, que as rosas não falam.

O teatrólogo Artur Azevedo – florianista roxo –, em uma quadrilha mandou seu recado a Prudente:

Vai-se o marechal ingente,
Vai-se o grande alagoano.
E eu, leitor,
Digo somente:
Floriano foi um prudente.
Seja o Prudente um Floriano.

Mesmo com uma chuva de votos, Prudente não teve vida fácil. Conviveu com o fantasma de Floriano Peixoto, tinha um vice golpista (Manuel Vitorino), e na Bahia começava a Guerra de Canudos. No meio desse fogo cruzado, o presidente tomou uma atitude extremamente corajosa: pediu licença para cuidar da saúde. Muitos acreditavam que ele não voltaria ao palácio Itamaraty. Será que de novo um presidente não terminaria seu mandato?

Uma trova no jornal *O D. Quixote*, anunciava a chegada do vice Manuel Vitorino:

Foi um cálculo?
Sim, foi um cálculo,
Mas que deu um resultado tão fino
Que da noite pro dia nós vimos
No palácio o Manuel Vitorino.
O Brasil bateu palmas ao ato,
Muito embora houve quem chorasse.
Pois se fica na cama um pacato,
Nada tem de pacato o que nasce.

Manuel Vitorino (admirador de Floriano Peixoto) tinha certeza de que Prudente não voltaria. Mudou uma penca de ministros, substituiu o comandante da Guerra de Canudos e trocou a sede do governo.

Você deve se lembrar do último baile do Império, na ilha Fiscal. O Império demorou dois reinados para realizar uma festa daquelas. Na República, essa festa de arromba foi logo no início, quando o vice-presidente transferiu a sede do governo do palácio Itamaraty para o palácio do Catete, em fevereiro de 1897. Dessa vez os convidados chegavam de bonde e em carruagens. As bandas da Marinha e da Guarda Nacional executaram o hino nacional. Na hora em que o presidente entrou no palácio do Catete, as bandas passaram a tocar a ópera *O guarani*, do maestro Carlos Gomes. E de longe ouviam-se os gritos dos convidados: “Viva o doutor Manuel Vitorino! Viva a República!”

Uma semana depois da festa no palácio do Catete, em plena Quarta-Feira de Cinzas, Prudente saiu de “vossa casa” e rompeu os portões do palácio para reassumir a Presidência. Sua atitude surpreendeu a todos, mas isso seria fichinha, quando comparado às ações enérgicas contra Canudos.

Em 1893, às margens do rio Vaza-Barris, formou-se o arraial de Canudos, rebatizado de Belo Monte, no sertão da Bahia, fundado por Antônio Conselheiro, homem que usava oratória religiosa para mobilizar seu rebanho de aproximadamente 25 mil pessoas. Nessa “terra de ninguém”, as famílias eram donas do seu próprio nariz, trabalhando o solo para seu próprio sustento. Classificado como monarquista e lunático pela imprensa da capital federal, Antônio Conselheiro – e o arraial de Canudos – incomodava pelo poder de aglutinação e pela concepção coletivista de trabalho. Várias expedições foram enviadas pelo governo para acabar com o povoado. A ordem era não fazer prisioneiros, e Canudos resistiu até os últimos habitantes, em 1897. O arraial foi “chorado” em livros e músicas. A parceria dos compositores Edu Lobo e Cacaso é uma das mais envolventes entre as que falam sobre a força de Canudos, lamentando o massacre de seus habitantes:

Entre rios, belos montes,
Quem é esse que vagueia?
Conselheiro que tonteia
E apeia sem chegar.

Em 1898, Campos Sales recebeu a cadeira e a faixa presidencial de Prudente de Moraes. Ganhou também uma modinha:

Primeiro de março foi o dia da eleição.
Foi eleito Campos Sales
Presidente da nação.
Parabéns ao novo chefe,
Seus passos serão leis,
Como foram os do nosso
Bom Prudente de Moraes.

O novo presidente implantou a “Política dos Governadores”. Ele não se metia com os governadores (na época, chamados presidentes de província), que retribuía dando-lhe apoio político com seus “feudos” municipais e regionais. Mas se o eleitor votasse “errado” e não elegeisse o mandachuva da região? O alcaide era “degolado” pela Comissão de Verificação de Poderes no Congresso. A Comissão não conseguiu calar os compositores Cadete e Baiano, que em 1902 gravaram “Cabala eleitoral”:

– Desejo, prezado amigo,
Com grande satisfação,
De ter o vosso votinho
Na próxima eleição.

– Não posso, meu coroné,
O voto de graça eu não dou.
É breve lição do meu pai,
Conselho do meu avô.

– Eu prometo, meu amigo,
De lhe dar colocação
Se você votar comigo
Ao menos nesta eleição.

– Já tenho calo na sola
Meu ladino coroné,
Hoje você me dá tudo
Amanhã me mete o pé.

– Eu vos quero muito bem,
Meu caro eleitor amigo.
Não seja tão emperrado,
Venha cá votar comigo.

– Vai armar pra quem quiser,
Coroné, sua arapuça.
Eu cá sou macaco velho,
Não meto a mão na cumbuca.

Apesar dos vários apelidos, “Campos Selos” foi o que colocou em Campos Sales. A alcunha foi dada por causa da Lei do Selo, determinando a cobrança de impostos para a circulação de mercadorias. O cantor e compositor Eduardo das Neves, que não perdia motivo para fazer uma música, lançou no carnaval de 1899 um lundu que dizia assim:

A Lei do Selo, senhores,
É poderosa e viril,
Sacrifica o povo calmo,
São progressos do Brasil.
E viva a calma do povo
Que gemeu, pagou... pagou.
Que venha agora um carinho,
Para quem tal lei decretou.

O presidente não deixou o governo sem receber mais uma marchinha, desta vez de Bastos Tigre:

Mas pouco me incomodo, o Chico que se agunte.
E tudo que ruiu, de novo ponha em pé!

Se tiver sono, durma! A cama é lugar quente.
Eu vou para Banharão colher o meu café,
E digo adeus a ti, casarão do Catete,
Ao meu carro de Estado, ao bélico piquete,
Aos raros bisotês, às cômodas cadeiras,
À jarra de Bordallo, ao quadro do Parreiras.

Ô ABRE ALAS

No mesmo ano em que o lundu de Eduardo das Neves pilhava Campos Sales, surgiu “Ô abre alas”, de Chiquinha Gonzaga, a primeira marchinha composta para o carnaval. A maestrina Chiquinha Gonzaga, abolicionista e republicana, um dos nomes de destaque nas composições para teatro de revista, elaborou uma música simples, brejeira, de versos leves e fáceis de decorar. A marcha pioneira foi feita para o cordão Rosa de Ouro, do bairro carioca do Andaraí:

Ô abre alas
Que eu quero passar.
Ô abre alas
Que eu quero passar.
Eu sou da lira,
Não posso negar.
Rosa de Ouro
É quem vai ganhar.

Esse gênero, a marchinha, carioquíssima, ascendeu concomitante ao aumento da participação da classe média no carnaval de rua. Entre 1920 e 1960, fazia imenso sucesso nos salões, nos filmes carnavalescos e nas emissoras de rádio.

A campanha presidencial de Rodrigues Alves, sucessor de Campos Sales, teve lançamento pomposo no Cassino Fluminense e contou com a presença de vários políticos e da Banda do Corpo de Bombeiros, comandada pelo maestro Anacleto de Medeiros. Vivia-se a bela época, ou belle époque – colocada corretamente na língua da elite, o francês. A belle époque influenciou a formação intelectual de artistas, jornalistas, advogados, professores, poetas, políticos. Nas escolas, ensinava-se o francês. Bebia-se e comia-se à francesa, para brincar com o trocadilho. Nos anos 1930, a influência francesa ainda era marcante na música popular, a exemplo da composição “De babado” (Noel Rosa e João Mina):

Brasileiro diz meu bem
E francês diz *mon amour*,
Você diz: “Vale quem tem
Muito dinheiro pra pagar meu *point-ajour*.”
(Eu ando sem *l'argent toujours*!)

Foi no governo do presidente Rodrigues Alves, e sob a batuta do prefeito e engenheiro Pereira Passos, que o Rio passou a ser visto como uma cidade que precisava entrar no século XX, deixando seus traços coloniais no passado para virar a vitrine do país. Tudo isso pelas mãos dos operários negros, mestiços e brancos pobres, que transformariam a cidade em grande canteiro de obras.

O clima de progresso e modernização gerado pelo capitalismo “triunfava” nos trópicos, com novas avenidas, demolição de cortiços, reforma de praças, jardins e bairros. Esse era o “bota-abaixo”! O preço disso tudo? A remoção dos mais pobres

dos seus lugares de memória e de identidade, empurrados para favelas e periferias. O compositor Paulo da Portela deixou o bairro da Saúde, no Centro do Rio de Janeiro, com destino a Oswaldo Cruz, na zona norte da cidade. Ele ficou “boquiaberto” em “Cidade mulher”:

Cidade, quem te fala é um sambista,
Anteprojeto de artista,
Teu grande admirador.
Me confesso boquiaberto
De manhã, quando desperto
Com tamanho esplendor.

O remodelamento deveria incluir também a extinção das muitas doenças que faziam do Rio de Janeiro uma cidade “febril”. Elas eram de todos os tipos: febre amarela, cólera, peste, difteria, escarlatina e sarampo. Pereira Passos chamou o sanitarista Oswaldo Cruz para montar uma estratégia de erradicação desses males, e uma das primeiras medidas foi dar dois tostões em troca de cada rato capturado pelos cariocas. Já dá para imaginar que logo surgiram diversos compradores de ratos, que revendiam ao governo, sem contar os malandros que criavam o bichinho para ganhar algum dinheiro. O tema caiu como uma luva para os compositores Casemiro Rocha e Claudino Costa:

Rato, rato, rato,
Por que motivo tu roeste o meu baú?
Rato, rato, rato,
Audacioso e malfazejo gabiru.
Rato, rato, rato,
Eu hei de ver ainda o teu dia final,

Em que a ratoeira te persiga e consiga
Satisfazer meu ideal.

A grande obra desse período, a avenida Central, inaugurada em 1905, foi o palco escolhido pelas filhas do novo presidente, Afonso Pena, para desfilar em corso no carnaval carioca, fantasiadas e jogando confetes e serpentinas no povo que passava nas ruas. Os outros motoristas também gostaram da brincadeira e seguiram o festejo. No carnaval feito ao estilo europeu, o corso era a diversão das famílias mais abastadas. Mas se o chofer pegasse a direção da praça Onze, na Cidade Nova, veria o divertimento das classes populares. Lá residiam as famosas “tias baianas”. Essas mulheres mandavam no pedaço, dando suporte material e espiritual aos afrodescendentes que aportavam na cidade, e iam além disso: pelos seus afazeres, como mães de santo, doceiras, costureiras, mantinham relações com segmentos das elites carioca. A afinidade das “tias” com a musicalidade do Rio é emblemática. A praça Onze foi o principal palco das escolas de samba do Rio de Janeiro no início do século XX. O compositor Zé Kéti, em “Praça Onze, berço do samba”, descreve o desfile das escolas com suas baianas tradicionais:

Queriam ver a Portela,
Mangueira, Estácio de Sá,
E a favela, com as suas baianas tradicionais,
Brilhavam mais do que a luz do antigo lampião a gás.

O filho da tia Prisciliana, o músico João da Baiana, popularizou o pandeiro no meio musical carioca. Era o artista predileto do senador Pinheiro Machado. Certa vez, Pinheiro dava uma

feita em seu palácio e aguardava a chegada de João da Baiana, que levou uma dura da polícia por portar um pandeiro. No dia seguinte, sabendo do ocorrido, o furioso senador mandou soltar o músico e o presenteou com um pandeiro onde escreveu: “A minha admiração, João da Baiana – senador Pinheiro Machado.” João nunca mais teve problemas com a polícia. O episódio é um exemplo de como é tênue a linha divisória entre reprimir e permitir em nossa cultura.

O senador foi uma exceção nas primeiras décadas da República: não era fazendeiro, mas tinha grande poder. Sua residência no morro da Graça fazia sombra ao palácio do Catete. Ele controlava a poderosa Comissão Verificadora do Senado. Muitos políticos subiam o morro da Graça para bajular o senador.

Iaiá, me deixa subir esta ladeira.
Eu sou do bloco,
Mas não pego na chaleira.
Lá vem o cordão dos puxa-sacos.

Em 1910, uma semana após a posse do presidente Hermes da Fonseca, explodiu na baía de Guanabara a Revolta da Chibata. A sedição foi uma resposta aos maus-tratos que os marinheiros sofriam. A Marinha punia seus marujos como no tempo da escravidão, na base da chibata.

Sob a liderança de João Cândido, começou a rebelião. Eles tomaram o comando de quatro encouraçados e apontaram os canhões para a cidade do Rio de Janeiro, ameaçando bombardeá-la. Por fim, o governo e o Parlamento atenderam ao pedido dos revoltosos. Mas os acordos não foram cumpridos. O presidente decretou a expulsão, a prisão e o exílio dos envolvidos.

João Cândido sofreu o pão que o diabo amassou. Sobreviveu à prisão e foi parar no hospício (sem que tivesse nenhum problema mental). O “Navegante Negro” saiu da cadeia em 1914 e morreu pobre em uma favela carioca, na década de 1960. Os compositores João Bosco e Aldir Blanc registraram a Revolta da Chibata na música, “O mestre-sala dos mares”:

Há muito tempo, nas águas da Guanabara,
O dragão do mar reapareceu
Na figura de um bravo feiticeiro
A quem a história não esqueceu.

O presidente Hermes da Fonseca foi um prato-cheio para os caricaturistas. O leitor se lembra daquele militar que, na visita do ministro alemão ao Rio de Janeiro, ficou roxo de raiva com a execução do maxixe “Vem cá, mulata”? Bem, o Hermes da Fonseca, presidente da República, mudou um pouco seus conceitos musicais. Em 1911 o presidente, ainda no tempo em que era casado com dona Orsina, convidou o rancho carnavalesco Ameno Resedá, o mais importante daquele tempo, a se apresentar no palácio Guanabara para sua família, exibindo o enredo Corte de Belzebu! Depois do casamento com a caricaturista Nair de Teffé, o apreço do marechal pelas coisas nossas aumentou significativamente.

Nair levou Chiquinha Gonzaga ao palácio do Catete para tocar ao violão seu popular “Corta jaca”:

Chiquinha Gonzaga compôs para mim o famoso “Corta jaca”. Caprichei um repertório bem brasileiro e convidei amigos para um recital de lançamento do “Corta jaca”. No dia seguinte foi um deus nos acuda. A turma do contra usou o “Corta jaca” numa campanha

injusta e abominável sob a batuta do Oráculo do Civilismo. A nossa música tem as suas origens e raízes nas danças e cânticos dos escravos. Sua adoção na sociedade era quase impossível. Havia uma onda de preconceitos contra serestas, xotes e maxixes.*

À LA GARÇONNE

Na década de 1920, o *high society* viveu um clima de diversão e descompromisso. As mulheres passaram a fumar, a usar cabelos curtos, vestidos colados, namorando sem compromisso ao som de jazz, tango, foxtrote e charleston. Os compositores Pedro Sá Pereira e Américo F. Guimarães resolveram brincar com os cabelos aparados na altura da nuca das mulheres na música “Tudo à la *garçonne*”:

Cabelos curtos, bem-aparados,
Lindos cangotes nos deixam ver.
Tão sedutores e tão perfumados
Que os gabirus fazem padecer.

Rui Barbosa, “Oráculo do Civilismo”, derrotado por Hermes na eleição presidencial, fez um discurso inflamado contra o “Corta jaca”: “Considerando-se a mais grosseira de todas as danças selvagens.”

A fala virulenta de Rui Barbosa exibiu mais sua dor de cotovelo que seu gosto musical. Rui frequentemente saía correndo do Senado para ouvir Ernesto Nazareth tocar na antessala do Cine Odéon. Mesmo que Nazareth fosse um

* Paulo César dos Santos, *Nair de Teffé: símbolo de uma época*, p.32.

pianista mais sofisticado que Chiquinha, aos ouvidos da sociedade, que diferença havia entre “tangos”, “choros” e “maxixes” compostos e tocados pelos dois? O episódio de Chiquinha Gonzaga bastou para o presidente receber o apelido de “Dudu Corta Jaca”:

CATULO DA PAIXÃO DE HERMES DA FONSECA

Podemos dizer que Nair de Teffé abriu os salões do palácio do Catete para a música popular: “O Hermes era amigo e admirador do Catulo da Paixão Cearense”, diz Nair de Teffé. “Pedi-me para convidá-lo a participar de um de nossos saraus. ... Graças aos aplausos daquela noite memorável, o violão irmanou-se nos salões da sociedade ao violino, violoncelo e o piano.”* Catulo fez a melosa música, “Ao marechal Hermes da Fonseca”:

O Brasil alteroso, de norte ao sul, sacode um grito altissonante:

– Que é?

O povo inteiro a festejar vibrante

O nosso presidente em frêmito amoroso.

Então, não há mais luta?

– É hora de repouso, foi ele um vencedor.

Ninguém sai triunfante.

E o que passa aclamado?

É um grande, é um gigante de civismo e de bondade.

É um militar glorioso.

* Antonio Edmilson Martins Rodrigues, *Nair de Teffé: vidas cruzadas*, p.81.

Neste mundo de misérias,
Quem impera
É quem é mais folgazão.
É quem sabe cortar jaca
Nos requebros
De suprema perfeição.
Ai! Ai! Como é bom dançar! Ai!
Corta jaca assim, assim, assim.

Hermes não era um pé de valsa para dançar o “Corta jaca”, e sim um enorme pé-frio. Um dos acontecimentos que revelaram as urucubacas do presidente deu-se quando ele quis diversificar seus negócios, pegando dinheiro emprestado em um banco inglês e aplicando-o em um banco russo – sabe-se lá por quê! Ele acabou tendo sua grana confiscada pela Revolução Russa. Ora, afinal o anticomunista acabou ajudando a Revolução de Lênin e seus companheiros... A música popular não poderia ficar de fora dessa. “Ai, Philomena”, lançada em 1915, do compositor J. Carvalho, nos dá um gostinho do azarado Hermes:

Ai, Philomena,
Se eu fosse como tu,
Tirava a urucubaca
Da careca (cabeça) do Dudu.
...
Ai, Philomena,
...
Dudu tem uma casa,
E com chave de ouro.
Quem lhe deu foi o conde
Com os cobres do Tesouro.

...

Ai, Philomena,

...

Se o Dudu sai a cavalo,

O cavalo logo empaca,

Só começa a andar

Ao ouvir o “Corta jaca”.

O vice de Hermes da Fonseca, Venceslau Brás, se elegeu presidente em 1914. Com 500 mil votos a mais que seu opositor, o problema de Venceslau era uma ferida na perna que nenhum médico dava jeito. Resolveu então buscar a ajuda dos famosos orixás da baiana Ciata. Curado, o presidente agradeceu de maneira bem tradicional: conseguiu uma colocação no gabinete do chefe da polícia para João Batista, marido da Tia Ciata.

E foi justamente na casa deles, na Cidade Nova, que surgiu o lendário samba “Pelo telefone”. O nome “samba” existe na literatura desde o século XIX. O gênero foi resultado de muitas misturas musicais referidas aos ritmos da América, da África e da Europa. Na área urbana do Rio de Janeiro, o termo foi se caracterizando como símbolo de uma manifestação popular cada vez mais associada à diversidade social brasileira. Ele representa a festa, o encontro, a dança e a nossa miscigenação. Cada detalhamento das variantes do samba em sua origem folclórica já valeria um livro. Mas nossa atenção aqui está concentrada no samba urbano, que ganha contornos na cidade do Rio e que seria nacionalizado pelo rádio, tornando-se o principal gênero brasileiro do século XX.

O samba carnavalesco “Pelo telefone”, de Donga e Mauro de Almeida, composto em 1916 e gravado em 1917, é o marco de ascensão do ritmo como vendável, atraente, popular:

O chefe da folia
Pelo telefone manda me avisar
Que com alegria
Não se questione para se brincar.

No mesmo carnaval de “Pelo telefone”, o compositor Sinhô, o mais importante nome da primeira leva do samba, cutucava o presidente Venceslau Brás em “São Brás”:

Sobem a carne e o feijão,
Desce o brio da nação.
E o povo anda casmurro,
Pagando imposto pra burro.
Sim sinhô, ué
Sim sinhô, uá

E o povo anda casmurro,
Pagando imposto pra burro.
Meu milagroso são Brás,
Não aperte tanto o nó,
Pense no mal que nos faz,
Do Zé Povo tenha dó.

“São Brás” se manteve neutro até quando pôde. Mas em 1917 a sopa acabou, e o país teve de abandonar sua neutralidade e entrar na Primeira Guerra Mundial contra a Tríplice Aliança (Alemanha, Império Austro-Húngaro e Itália). Lutamos ao lado dos Estados Unidos e da Tríplice Entente (Inglaterra, França e Rússia). O compositor Caninha, em 1919, comemorou a vitória da Tríplice Entente em “Kaiser em fuga”, celebração cívico-momesca da derrota de Guilherme II, então imperador da Alemanha:

Monsieur, cadê ele?
O Kaiser já fugiu.
Já sumiu-se pra bem longe,
Que o inimigo não viu.

Vencida a Primeira Guerra Mundial, a batalha agora era contra a gripe espanhola – parecia aqueles filmes de faroeste, quando dois mocinhos duelam no meio da cidade e não aparece ninguém nas ruas, com medo dos tiros. Assim estavam o Rio de Janeiro e muitas regiões portuárias no Brasil. Vias desertas, repartições públicas vazias, temporadas de teatro e ópera canceladas, escolas e comércio fechados. Só no Rio morreram mais de 17 mil pessoas em dois meses. Não havia lugar no cemitério para tantos corpos. Presidiários trabalhavam como coveiros e os bondes faziam o transporte dos mortos. Apesar do clima fúnebre, o maxixe “Gripe espanhola”, de Caninha, fez bastante sucesso na popular festa da Penha:

A espanhola está aí!
A coisa não está brincadeira.
Quem tiver medo de morrer não venha
Mais à Penha.

Em 1918, Rodrigues Alves foi eleito de novo presidente do Brasil. Vítima da gripe espanhola, não chegou a tomar posse. Assumiu o vice, Delfim Moreira, que recebeu a “homenagem” “Seu Derfim tem que vortá”, dos compositores Eduardo Souto e K.K. Reco:

Seu Derfim tem que vortá,
Por vontade ou sem querê,

Porque aqui na capitá
Não tem mais nada a fazê.

A música brinca com a falta de poder do presidente, recomendando sua volta para Minas Gerais: “O trem apita, chegou a hora.” Durante seu curto período como chefe da nação (oito meses), Delfim Moreira pelo menos deixou histórias hilárias. Ele cultivava hábitos nada comuns. Gostava de ficar observando as pessoas, escondido atrás da cortina. Um dos alvos de seu olhar era Rui Barbosa; este, percebendo que o presidente o fitava às escondidas, teria saído da sala gritando pela rua: “Até maluco é presidente da República, menos eu, menos eu.”

A sanidade mental de Rui Barbosa foi colocada à prova mais uma vez. Ele concorreu de novo à Presidência da República. E dessa vez perdeu sem o seu adversário estar no Brasil! Epitácio Pessoa representava o país na Conferência de Paz, em Paris. O compositor Sinhô, para mexer com os brios do baiano Rui Barbosa, fez “Fala meu louro”:

A Bahia não dá mais coco
Pra botar na tapioca,
Pra fazer o bom mingau,
Pra embrulhar o carioca.

Papagaio louro do bico dourado,
Tu falavas tanto,
Qual a razão que vives calado?

Não tenhas medo,
Coco de respeito,
Quem quer se fazer não pode.
Quem é bom já nasce feito.

O baiano Rui Barbosa foi “salvo” pela música popular em “Glória e graças da Bahia”, de Silas de Oliveira e Joacir Santana, samba-enredo da Império Serrano, em 1966:

Nasceram grandes vultos da nossa história:

Maria Quitéria, a brava heroína,

Ana Neri, símbolo da abnegação,

Castro Alves, apóstolo da Abolição,

Rui Barbosa, gênio da civilização.

Em 1922, na abertura das comemorações do Centenário da Independência, na capital federal, o discurso do presidente Epitácio Pessoa foi transmitido pelo serviço de radiotelefonia, com alto-falantes espalhados pela cidade. Estava inaugurada a transmissão radiofônica no Brasil. Em breve as emissoras de rádio virariam a maior febre da nossa sociedade, com música popular, novelas, programas humorísticos – e como ótimos porta-vozes de projetos políticos.

O clima contestatório permeou a sociedade brasileira na década de 1920. E a disputa presidencial pegou fogo. “Seu Mé” era o apelido do mineiro Artur Bernardes, que desembarcou no Rio de Janeiro para enfrentar o campista Nilo Peçanha. Ao chegar à pomposa avenida Rio Branco, Artur olhou a multidão apreensivo. O povo não pensou duas vezes, mandou uma sonora vaia acompanhada pelo canto da marchinha “Seu Mé”, de Freire Júnior e Careca:

Ai, Seu Mé! Ai, Seu Mé!

Lá no palácio das Águias, olé,

Não hás de pôr o pé.

O queijo de Minas está bichado, Seu Zé.

A música de Freire Júnior e Careca em apoio a Nilo Peçanha não foi feliz no prognóstico. Como não havia esquecido o episódio vexatório da avenida Rio Branco, Bernardes pediu ao chefe de polícia que chamasse os dois compositores à delegacia para tirar satisfações sobre a marcha “Seu Mé”. Lá foram eles se engalfinhar em discussões diante do delegado, tentando fugir da responsabilidade na autoria. Depois da conversa, Freire Júnior chegou a ser preso algumas vezes, e Careca teve que sair do Rio de Janeiro durante um bom tempo. Vale dizer, por curiosidade, que na época em que eles fizeram a marcha assinaram com o pseudônimo de “Canalha das Ruas”.

O último presidente da Primeira República, Washington Luís, tinha um estilo diferente dos outros ocupantes do Catete: era boêmio, divertido, entoava marchinhas de carnaval no palácio e gostava de futebol. Talvez por isso as marchinhas o tratassem de forma mais carinhosa e amena, sem a picardia tradicional. O presidente não perdia um baile de carnaval. O compositor Eduardo Souto satirizou-o, por causa de sua política de abrir estradas e pela badalada nova moeda nacional (o cruzeiro), na música “É, sim senhor”:

Ele é paulista?

É, sim senhor.

Falsificado?

É, sim senhor.

Cabra farrista?

É, sim senhor.

No carnaval de 1929, o presidente folião, apropriadamente apelidado de “Rei da Fuzarca”, pulou ao som da marcha “Sou da fuzarca”, do compositor Vantuil de Carvalho:

Sou da fuzarca (Sou da fuzarca)
Não nego, não (Não nego, não)
É por isso mesmo
Que eu não te dou meu coração.

O teu amor não quero
Eu prefiro a nota
Esse negócio de amor
É uma lorota.

Se faço assim contigo
É de coração
Porque não posso
Andar assim na prontidão.

Ao mesmo tempo que o carnaval comia solto na cidade, Washington Luís via o Brasil sofrer com a crise de 1929, a quebra da Bolsa de Nova York. A dureza tornou-se geral. Com a falência de bancos e fábricas, milhões de pessoas ficaram desempregadas no mundo ocidental. O efeito foi imediato: menos “roupa” para os brasileiros. O tempo era de tanta dureza que o compositor Noel Rosa, do bairro Vila Isabel, gravou um ano depois seu primeiro sucesso, “Com que roupa?”, brincando com a falta de grana dos brasileiros:

Agora vou mudar minha conduta,
Eu vou pra luta,
Pois eu quero me aprumar.
Vou tratar você com força bruta
Pra poder me reabilitar,

Pois esta vida não está sopa.
E eu pergunto: com que roupa?
Com que roupa eu vou
Pro samba que você me convidou?

E afinal, na última eleição da Primeira República, quem usaria a faixa presidencial? O paulista Júlio Prestes era o favorito de Washington Luís. Mas os estados de Minas, Paraíba e Rio Grande do Sul rebelaram-se contra sua decisão. Antônio Carlos Ribeiro de Andrada, João Pessoa e Getúlio Vargas lideravam, respectivamente, os três estados contrariados. Estava formada a Aliança Liberal, que lançaria Vargas para a Presidência. A Primeira República começava a desmoronar. E você pensa que o sambista Sinhô ficou de fora dessa disputa? A eleição, programada para 10 de março de 1930 coincidia com o primeiro dia de carnaval. Antes mesmo de saírem os números oficiais confirmando a vitória de Júlio Prestes, cantava-se nas ruas a marchinha “Seu Julinho”, de Sinhô:

Eu ouço falar
Que, para nosso bem,
Jesus já designou
Que seu Julinho é que vem.

Mas se a letra contava com a vitória de Júlio Prestes, e ela realmente aconteceu, o autor nunca poderia imaginar que o país viraria de cabeça para baixo. O assassinato de João Pessoa (governador da Paraíba e candidato derrotado à Vice-Presidência na chapa de Getúlio Vargas) fez o time da Aliança Liberal tratar a questão com força bruta. “Façamos a revolução antes

que o povo a faça”, dizia o presidente da província de Minas Gerais, Antônio Carlos Ribeiro de Andrada. E ela foi feita. Os gaúchos chegaram ao Rio com seus lenços vermelhos e amarraram os cavalos no obelisco da avenida Rio Branco, no Centro do Rio. Logo o presidente Washington Luís estaria destituído, e o país passaria a ser governado por Getúlio Vargas, naquele dia 3 de novembro de 1930. “O barbado foi-se”, marchinha-embolada de G. Ladeira e Doutor Boato (pseudônimos criados por Lamartine Babo), enfatizava a deposição do presidente Washington Luís:

A Paraíba,
Terra santa, terra boa,
Finalmente está vingada,
Salve o grande João Pessoa.
Doutor Barbado
Foi-se embora,
Deu o fora,
Não volta mais!

Getúlio Vargas chegaria de trem à capital federal e ficaria à frente do governo provisório. Entre os que o ajudaram a dar o golpe estava o “Rei Chicão”, de Wilson Batista: “Ajudou a vencer a revolução./ As autoridades lhe entregaram o morro,/ Ele então coroou-se Rei Chicão.”

O “Rei Chicão”, o rádio, os compositores populares, as escolas de samba e as “coisas nossas” da política seriam o cenário de Vargas por um bom tempo no comando da nação. Vargas não, “Seu Gegê”...

4. “Seu Gegê”



“Existe um palacete no Catete,
E consta que foi desocupado.
O vizinho do lado estava informado
Que seu vizinho já pensava em se mudar.”

HERIVELTO MARTINS e CIRO DE SOUZA, “Palacete no Catete”

Primeiro desfile das escolas de samba do Rio de Janeiro. Castro Barbosa grava "O teu cabelo não nega". Início da Revolução Constitucionalista, em São Paulo.

Inaugurada a Rádio Nacional.

Washington Luís é deposto da Presidência, e Getúlio Vargas é nomeado chefe do governo provisório.

Promulgada a Constituição. Getúlio Vargas é eleito presidente pelo Congresso.

"Com que roupa?", de Noel Rosa, é a música mais tocada no carnaval carioca.

Orlando Silva grava "Lábios que beije" (J. Cascata e Leonel Azevedo). Sílvio Caldas grava "A menina Presidência". O presidente Vargas fecha o Congresso e outorga uma nova Constituição.

1930

1932

1934

1936

1931

1933

1935

1937



OS CAVALOS AMARRADOS no obelisco da avenida Rio Branco, em 3 de novembro de 1930, no Centro do Rio, era o sinal de que o golpe triunfara. Getúlio Vargas sentou-se na cadeira presidencial e debutou no poder. No baile getulista, a trilha sonora era eclética: para uns, ele valsou como “Mãe dos Ricos”, para outros, sambou como “Pai dos Pobres”. Mas o ritmo das batidas militares ecoava forte em seu coração. Com o golpe saído do forno, o compositor Lamartine Babo fez a marcha “Gê-é-Gê”. Na música está a força do rádio e das armas na Revolução de 1930, e a nova cara do poder “encarnado”, fazendo a filha do senador “mudar de cor”:

Certa menina do Encantado,
Cujo papai foi senador,
Ao ver o povo de encarnado,
Sem se pintar mudou de cor.
Gê-é-Gê-/tê-u-tu/ele-i-ó-lio: Getúlio.

Nunca um presidente da República foi tão cantado na história: ele era tema de marchas, hinos e sambas. Em 1932, aconteceu o primeiro desfile de escolas de samba na praça Onze, no Rio de Janeiro. Lá estavam as pioneiras Mangueira, Vai como Pode (futura Portela) e Unidos da Tijuca. De forma ufanista, as escolas de samba cantaram as “coisas nossas”, e durante muito tempo exaltaram o presidente Getúlio Vargas: “Sessenta e um anos de República” (Silas de Oliveira e Mano Décio da Viola), “Legado de Getúlio Vargas” (Silas de Oliveira e Walter Rosa), “Anos trinta, vento sul: Vargas” (Bala, Jorge Melodia e Jorge Moreira) e “O grande presidente”, do compositor Pandeirinho, cantada pela Estação Primeira de Mangueira em 1956:

O CANTOR DO PRESIDENTE

Na década de 1930, quando um jogador de futebol, um artista de cinema, teatro ou do rádio alcançava a popularidade, dizia-se que ele tinha “cartaz”. Esse termo era utilizado porque o “astro” tinha seu nome impresso nos cartazes de espetáculos, tornando-se sinônimo de sucesso e fama. Mas a palavra era pequena para a dimensão da popularidade de Orlando Silva. O “Cantor das Multidões” explodiu no ano de 1937 e se manteve em atividade até os anos 1970. Ai dele se em algum show não entoasse os versos “Lábios que beijei,/ mãos que eu afaguei”. Orlando havia se tornado o primeiro produto artístico da comunicação de massa na era do rádio. O presidente Getúlio Vargas estava entre as macacas de auditório do fã clube de Orlando Silva. Certa vez, encontrou com o cantor após uma de suas apresentações. Getúlio disse que gostaria de ser tão popular quanto ele. Orlando, lisonjeado, devolveu a delicadeza:

– Ninguém no Brasil tem a sua popularidade, presidente.

Getúlio, com a língua afiada, retrucou:

– Mas eu tenho inimigos, Orlando. E quem é inimigo da sua bela voz?

Nos momentos de aflição, Getúlio pedia a Orlando Silva para cantar “A jardineira” (Benedito Lacerda e Humberto Porto), sua música predileta:

Ó jardineira, por que estás tão triste?

Mas o que foi que te aconteceu?

Foi a camélia que caiu do galho,

Deu dois suspiros e depois morreu.

No ano de 1883,
No dia 19 de abril,
Nascia Getúlio Dornelles Vargas,
Que mais tarde seria o governo do nosso Brasil.

Depois de “substituir” Washington Luís, Getúlio Vargas ficou à frente do governo provisório. Seus primeiros atos “revolucionários” foram suspender a Constituição e fechar o Congresso. Ainda destituiu uma penca de governadores, substituindo-os por interventores, quase todos egressos do Movimento Tenentista. Lamartine Babo, João e Raul Valença, em “O teu cabelo não nega”, nomearam-se “tenente interventor” para fisgar o coração da mulata:

Tens um sabor bem do Brasil,
Tens a alma cor de anil.
Mulata, mulatinha, meu amor,
Fui nomeado seu tenente interventor.
O teu cabelo não nega, mulata.

Enquanto o povo pulava no Rio de Janeiro ao som das escolas de samba e de “O teu cabelo não nega”, em São Paulo estourava a Revolução Constitucionalista contra o governo federal. Os paulistas parodiavam a marchinha com “O teu governo não nega, Getúlio”:

O teu governo não nega, Getúlio,
Que foi uma tapeação.
A ditadura não pega, Getúlio,
Faz dela bucha de canhão.

Os revoltosos colocaram no ar uma propaganda a fim de recrutar pessoas para o conflito. Eles queriam uma nova Constituição e um interventor mais próximo de seus interesses políticos. Antes que algumas emissoras do Rio entrassem na onda de apoiá-los, Getúlio ativou seus censores. Numa dessas, o cantor Moreira da Silva (conhecido como Kid Morengueira) quase dançou. Morengueira costumava exagerar os gestos diante do microfone. Percebendo a agitação do funcionário da censura, o compositor Noel Rosa, que na época desenvolvia a função de contrarregra, pilhou Moreira no intervalo da gravação: “Olhe lá! Não vá continuar a fazer muitos gestos exagerados no microfone enquanto estiver cantando, senão o ‘meganha’ [o censor] prende você sob o pretexto de estar mandando sinais enigmáticos para os paulistas.”

O sinal mandado por militares e políticos gaúchos e mineiros ao movimento constitucionalista era falso. Na hora agá, só o general Bertoldo Klinger, do estado do Mato Grosso, não roeu a corda. Depois de três meses, o governo central, com muito mais poder de fogo, derrotou a sedição. No primeiro carnaval após o conflito, o compositor Braguinha passou lotado no “Trem blindado”:

Mulata, quando eu te vi,
Logo pedi anistia,
Pois os teus olhos lançavam
Terrível fuzilaria.

Com a revolta dominada, a campanha eleitoral correu solta. Após alguns meses de debate, em julho de 1934 foi promulgada a nova Constituição, e Getúlio era empossado presidente pelo

voto dos congressistas. No mesmo ano, o antenado Lamartine Babo lança a marchinha “História do Brasil”. Estaria o sensível Lalá dizendo subliminarmente que o Brasil se reinventava?

Quem foi que inventou o Brasil?

Foi seu Cabral!

Foi seu Cabral!

No dia 21 de abril,

Dois meses depois do carnaval.

Uma marchinha de Nássara e Cristóvão Alencar brincava com os vaivéns da campanha eleitoral – agora, em 1938 – talvez já antevendo a dificuldade de ela ocorrer, como previa a Constituição. No momento em que “A menina Presidência” foi gravada, duas candidaturas pareciam destinadas a polarizar a disputa: a do paulista Armando Sales, “Seu Manduca” (pela oposição), e a do gaúcho Osvaldo Aranha, “seu Vavá” (pelo governo):

A menina Presidência

Vai rifar seu coração,

E já tem três pretendentes,

Todos três, chapéu na mão.

E quem será?

O homem, quem será?

Será Seu Manduca?

Ou será Seu Vavá?

Aos poucos o processo eleitoral paralisou-se num atoleiro. No final de setembro de 1937, foi denunciado pelo rádio o Plano

Cohen, conspiração comunista para acabar com a “democracia”. O capitão Olímpio Mourão Filho (que ainda serviria “bravamente” ao golpe de 1964) estava por trás dessa conversa para boi dormir. Pronto: a deixa estava forjada. Em novembro de 1937, Vargas fechou o Congresso e outorgou uma nova Constituição. Talvez imaginando uma ameaça vermelha, o Departamento Nacional de Propaganda (DNP) censurou a marchinha “O diabo sem rabo” (Haroldo Lobo e Milton de Oliveira):

A minha fantasia de diabo
Só falta o rabo, só falta o rabo.
Eu vou botar um anúncio no jornal:
“Precisa-se de um rabo
Pra brincar no carnaval.”

Democrático mesmo no governo de Getúlio só o concurso musical organizado pelo próprio DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda), no qual o público escolhia a música vencedora. Entretanto, o DIP foi criado em 1939 para divulgar a imagem de bom-moço do presidente e censurar quem fosse do contra. E o “Bonde de São Januário”, de Ataulfo Alves e Wilson Batista, entrou nos trilhos do Departamento de Imprensa e Propaganda:

Quem trabalha é que tem razão,
Eu digo e não tenho medo de errar.
O bonde de São Januário,
Leva mais um otário,
Sou eu que vou trabalhar.

Antigamente eu não tinha juízo,
Mas hoje eu penso melhor no futuro.
Graças a Deus sou feliz, vivo muito bem.
A boemia não dá camisa a ninguém.

Na versão registrada em disco, “otário” já cedia lugar a “operário”. Para alguns, a mudança era fruto do puxão de orelha do DIP. Mas, prestando atenção à letra, vê-se que é provável também que ela tenha sido encomendada pelo governo varguista. Toda a lógica dos versos caminha na direção de “ter juízo”, “garantir o futuro” do trabalhador. Quem sabe os meninos não estavam precisando de uma graninha? E também não seria de bom-tom encarar uma polícia comandada por Filinto Muller... Ganhar uns trocados e se defender deveriam mesmo ser os propósitos da dupla, já que antes da polêmica de “O bonde de São Januário” fizeram “Ó, seu Oscar”, música lançada sabe onde? Na Noite da Música Popular, evento produzido pelo DIP:

Cheguei cansado do trabalho,
Logo a vizinha me falou:
– Ó, seu Oscar,
Tá fazendo meia hora
Que sua mulher foi embora
E um bilhete deixou.
O bilhete assim dizia:
“Não posso mais,
Eu quero é viver na orgia.”

É justamente desse período o embate musical entre Noel Rosa e Wilson Batista. Noel vivia na malandragem, mas para

ele o samba era mais que isso: representava as donas de casa, os intelectuais, o pessoal do morro, dos subúrbios e os bacanas. Wilson Batista percorria os mesmos cenários de Noel Rosa e inspirou sua diversificada obra na exaltação à malandragem. O diálogo entre Noel e Wilson era moderno, político e tornou-se histórico sob a ótica musical. Tudo começou com “Lenço no pescoço”, composta por Wilson Batista em 1933:

Meu chapéu do lado,
Tamanco arrastando,
Lenço no pescoço,
Navalha no bolso...

Noel ficou intrigado com o malandreco Wilson querendo quebrar a banca. Respondeu no mesmo ano com “Rapaz folgado”, contestando a identificação da figura do sambista com a malandragem:

Deixa de arrastar o teu tamanco,
Pois tamanco nunca foi sandália.
E tira do pescoço o lenço branco,
Compra sapato e gravata,
Joga fora essa navalha que te atrapalha.

Ainda novo no meio musical carioca, Wilson tirou proveito do sucesso momentâneo e prolongou a polêmica com “Mocinho da Vila”. O “mocinho”, por sua vez, ofereceu como réplica a obra-prima “Feitiço da Vila”, em parceria com Vadico:

Lá em Vila Isabel
Quem é bacharel

Não tem medo de bamba.
São Paulo dá café,
Minas dá leite
E a Vila Isabel dá samba.

Wilson compôs então “Conversa fiada”, música bem-elaborada, e a resposta de Noel veio na forma de outro clássico do samba, “Palpite infeliz”:

Quem é você que não sabe o que diz?
Meu Deus do céu, que palpite infeliz!
Salve Estácio, Salgueiro, Mangueira,
Oswaldo Cruz e Matriz,
Que sempre souberam muito bem
Que a Vila não quer abafar ninguém,
Só quer mostrar que faz samba também.

Os fracos “Frankenstein da Vila” e “Terra de cego”, de Wilson, não mereceram resposta do poeta de Vila Isabel. Hoje podemos agradecer a Noel e Wilson: qualquer que tenha sido o motivo da desavença, se ela aconteceu de fato ou se foi puro jogo de cena, gerou belíssimos sambas – e não impediu uma parceria entre eles, na música “Deixa de ser convencida”:

Deixa de ser convencida,
Todos sabem qual é
Teu velho modo de vida.

Praticamente todas as composições que tiveram êxito no período foram registradas em emissoras de rádio, configurando

uma safra privilegiada de cantores, compositores, instrumentistas e maestros da música brasileira. O rádio era espaço de disputas políticas e de divulgação de ideologias. Foi assim no mundo todo. Getúlio não esquecia o papel do veículo no conflito de 1932 contra os paulistas. Resolveu então, por meio do DNP, criar um programa obrigatório, a *Hora do Brasil* (hoje é a *Voz do Brasil*). Mas isso não satisfez o ditador.

Em 1940, o Estado Novo incorporou a Rádio Nacional ao patrimônio da União. A emissora tornou-se uma das principais do mundo. Era aquilo que Getúlio queria ter em suas mãos!

O compositor Ari Barroso era um dos grandes trunfos do período áureo do rádio. Com seus “sambas-exaltações”, ele representaria o Brasil que Getúlio queria ouvir. Em um espetáculo beneficente promovido pela primeira-dama, Darcy Vargas, em 1939, no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, sua música “Aquarela do Brasil” explodiu de vez e virou o segundo hino nacional:

Brasil,
Meu Brasil brasileiro,
Meu mulato inzoneiro,
Vou cantar-te nos meus versos.

★ ★ ★

DURANTE GRANDE PARTE da Segunda Guerra Mundial, Getúlio Vargas manteve-se em movimentação pendular. Hora para um lado, hora para o outro. Na base getulista havia partidários do Eixo (Japão, Alemanha e Itália) e das potências aliadas (Estados Unidos, Inglaterra e União Soviética). Nesse clima de banguê-banguê à brasileira, a cantora Carmen Miranda foi

“atingida”, mas sem gravidade. Quando voltou dos Estados Unidos em 1940, a “Pequena Notável” foi vaiada por parte do staff do Estado Novo que era partidário do Eixo, no Cassino da Urca, no Rio. Diziam que ela voltou “americanizada” (Luiz Peixoto e Vicente Paiva):

Disseram que eu voltei americanizada,
Com o burro do dinheiro, que estou muito rica,
Que não suporto mais o breque do pandeiro
E fico arrepiada ouvindo uma cuíca.

Em 1942, Getúlio e os Aliados andavam de mãos dadas. E o dote cedido pelos americanos foi o financiamento para a construção da indústria siderúrgica de Volta Redonda, no estado do Rio de Janeiro. Em troca, o Brasil cedia matérias-primas e liberava para os Estados Unidos suas bases militares. Os países do Eixo não gostaram nem um pouco desse namorico e resolveram usar a diplomacia: bombardearam alguns navios brasileiros.

Durante a guerra, Carmen promovia os Aliados em filmes e apresentações, colocando-se a serviço da indústria cinematográfica americana contra as forças do Eixo. Cantando o “O que é que a baiana tem?”, de Dorival Caymmi, no filme *Banana da terra*, lançou de modo definitivo o figurino mundialmente famoso como símbolo do Brasil:

O que é que a baiana tem?
Tem torço de seda? Tem!
Tem brincos de ouro? Tem!
Corrente de ouro? Tem!

A essa altura, a importância do samba já era significativa, sendo o gênero reconhecido como sinônimo de brasilidade. Esse argumento pode ser comprovado por um fato inusitado, ocorrido durante a Segunda Guerra Mundial, entre uma sentinela míope e um soldado de boa voz. Na guarita, o praça ouviu alguém se aproximando da base brasileira em Monte Castelo, na Itália. O homem, aos berros, pedia calma ao vigia e se declarava brasileiro. Na dúvida, a sentinela fez um pedido: “Então faça o seguinte: cante aí algum samba.” O homem cantarolou um dos grandes sucessos da década de 1940, “Atire a primeira pedra”, de Mário Lago e Ataulfo Alves:

Covarde, sei que me podem chamar,
Porque não calo no peito essa dor.
Atire a primeira pedra, ai, ai,
Aquele que não sofreu por amor.

“Pode entrar, você é mesmo um dos nossos”, falou o soldado de plantão, desengatilhando a arma e aliviando a alma do pobre militar dublê de cantor.

Os Aliados ganharam a guerra, e a vida aos poucos pôde voltar à normalidade no Brasil. Shows, programas, espetáculos, apresentações artísticas e gravações de discos cancelados durante o conflito voltaram à sua rotina de produção. E o Eixo foi duramente atacado pela música popular. Em “Quem é o tal?”, de Afonso Teixeira e Ubirajara Nesdan, o alvo era o líder dos integralistas, Plínio Salgado, um sujeito esguio e com bigodinho à la Hitler:

Quem é que usa cabelinho na testa
E um bigodinho que parece mosca,

Só cumprimenta levantando o braço?

É, ê, ê, ê palhaço.

Os soldados alemães também foram ridicularizados, em “Adolfito mata-mouros”, de Alberto Ribeiro e Braguinha:

Adolfito Bigodinho era um toureiro

Que dizia que vencia o mundo inteiro.

E num touro que morava em certa ilha

Quis espetar sua bandarilha.

Os compositores Haroldo Lobo e Roberto Roberti continuaram o bombardeio contra seu Adolfo na música “Que passo é esse, Adolfo?”:

Que passo é esse, Adolfo,

Que dói a sola do pé?

É o passo do gato? Não é.

É o passo do rato? Não é.

O morro da Mangueira, da escola verde e rosa de Carlos Cachça, Nelson Cavaquinho e Cartola, cantou a vitória da democracia e o término do conflito no samba “Comício em Mangueira”, composto por Wilson Batista e Germano Augusto:

Houve um comício em Mangueira,

O cabo Laurindo falou.

Toda a escola de samba aplaudiu, é.

Toda a escola de samba chorou.

A ditadura varguista estava com os dias contados. Não podíamos lutar lá fora por uma democracia se aqui tínhamos o Estado Novo: manifestações pela redemocratização passaram a mobilizar o povo. Ao mesmo tempo, acontecia o movimento do queremismo, resultado de uma campanha feita por partidários de Getúlio para mantê-lo no poder.

Corria uma piada dizendo que Getúlio havia declarado: “Meu candidato é o Eurico (Gaspar Dutra); mas, se houver oportunidade, eu mudo uma letra: eu fico.” O “eu fico” da piada estava virando realidade. Nos últimos dias de outubro de 1945, os queremistas convocaram um grande comício no Rio de Janeiro, mas a manifestação foi proibida pelo chefe de polícia, João Alberto. O presidente afastou-o da função e nomeou para o cargo seu irmão Benjamim Vargas, apelidado... “Beijo”. Na rua, o povo cantava:

Foi seu beijo,
Foi seu beijo,
Foi seu beijo
Que atrapalhou
Um amor de quinze anos.
Beijo dado sem malícia.
...
Mas um beijo, pra polícia,
É motivo de cadeia.

A escolha acirrou os ânimos dos militares contra Getúlio. Mesmo tendo participado, ao lado do presidente, do golpe de 1937, os generais Góes Monteiro e Eurico Gaspar Dutra depuseram Getúlio em outubro de 1945. Era um beijo de adeus ao

Estado Novo. Em dezembro, o povo optou por Eurico Gaspar Dutra para presidente.

Aos 62 anos, Seu Gegê foi eleito deputado federal e senador por vários estados, mas, na realidade, pouco atuou como parlamentar, indo para sua fazenda em São Borja, no Rio Grande do Sul. Em breve, voltaria triunfalmente à Presidência “nos braços do povo”.

5. “Bota o retrato do velho outra vez”

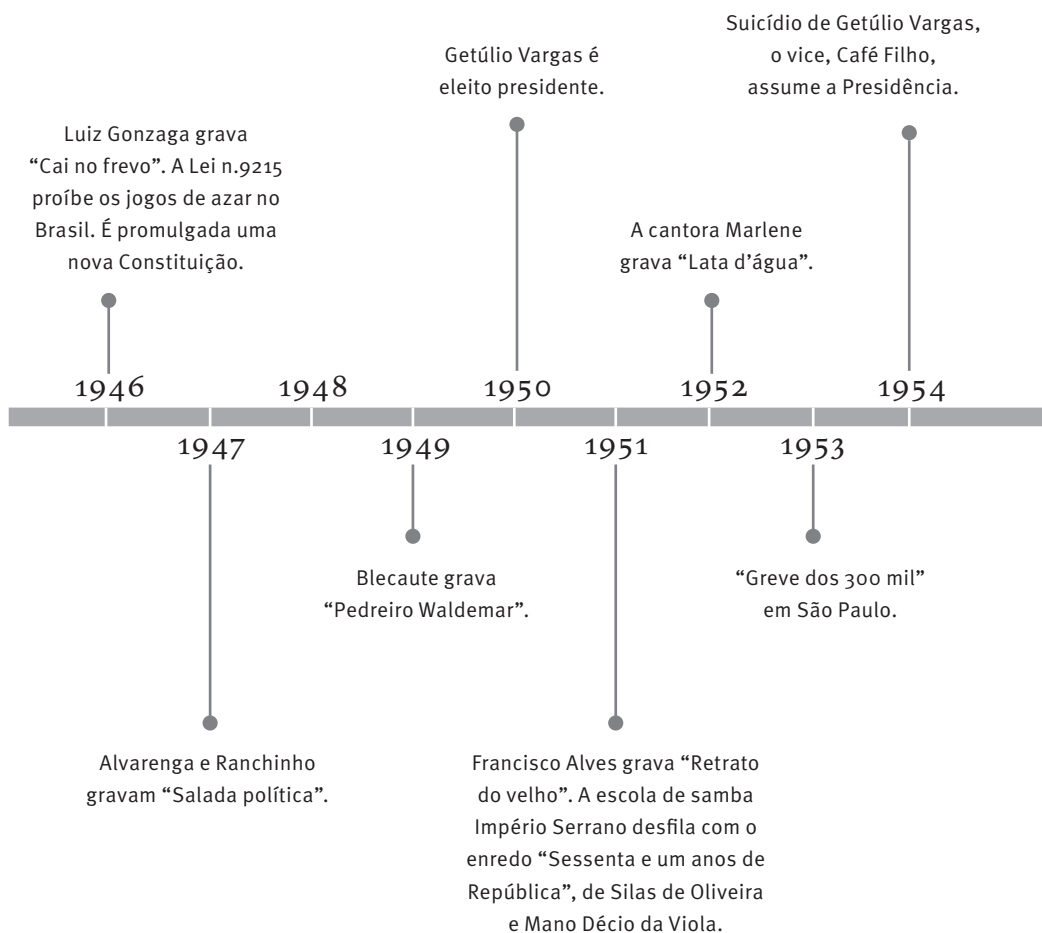


“Eu desejo um futuro cheio de glória.

Minha morte é bandeira da vitória.

Deixo a vida para entrar na história.”

EDGAR FERREIRA, “Ele disse”



O COMPOSITOR ATAULFO ALVES não votou no presidente Eurico Gaspar Dutra e tampouco tomou partido do queremismo varguista. Mas aproveitou o mote da campanha e compôs: “Isto é o que nós queremos”:

Nós queremos nossa liberdade,
Liberdade de pensar e falar.
Nós queremos escolas pros filhos
E mais casas pro povo morar.

Em 1946, uma das primeiras medidas de Dutra deve ter desagradado bastante Atila Iório e tantos outros artistas, pois o presidente proibiu os jogos de azar no Brasil. Nei Lopes e Zé Luiz do Império, décadas depois do ato presidencial, compuseram “Malandros maneiros”:

No governo de marechal Dutra
Não teve truta nem meu pé dói
E na guerra que houve aos cassinos
Parou Constatino e fechou Niterói.

Talvez a pedido de sua esposa, Carmela Dutra (conhecida como dona Santinha), que era muito religiosa, ou mesmo por influência de forças políticas contrárias a toda sorte de jogos de azar, o general Eurico Dutra, “em nome da moral e dos bons costumes”, da noite para o dia tirou o emprego de aproximadamente 40 mil pessoas. É difícil imaginar o novo presidente em uma noitada nos cassinos Copacabana, da Urca e Quitandinha, ou mesmo fazendo uma fezinha no jogo do bicho. Dutra era um pacato cidadão de poucos amigos, dormia cedo e acor-

dava antes de o galo cantar. Seus hábitos eram diferentes dos de seu antecessor, Getúlio Vargas, que mantinha relações de admiração e amizade com grande leque de artistas e boêmios. E certamente não tomaria uma medida tão impopular às vésperas do Dia do Trabalho. O compositor Cartola, no tempo da roleta, fez “Cassino da Urca”:

Rico panorama

Tem o Rio de Janeiro.

...

A linda avenida Central,

Corcovado e Pão de Açúcar,

E o cassino que falta

É o Cassino da Urca.

Pelos salões dos cassinos desfilaram políticos, militares, artistas, empresários, intelectuais e turistas. O “Pedreiro Waldemar” de Wilson Batista e Roberto Martins, ficava de fora, curtindo a dureza do pós-guerra:

Você conhece o pedreiro Waldemar?

Não conhece? Mas eu vou lhe apresentar.

De madrugada toma o trem da Circular,

Faz tanta casa, mas não tem casa pra morar.

Enquanto o trabalhador não tinha nem para marmita, Getúlio Vargas saboreava a “Salada política”, da dupla sertaneja Alvarenga e Ranchinho:

Quem não conhece esse baixinho,

Tão gordinho, que ele agora tá quietinho?

Já morou lá no Catete quinze anos,
Hoje tá só “urubuservano”.

O presidente Dutra tentou “salvar a lavoura” criando o Plano Salte. Ele consistia em investimentos voltados para os setores de saúde, alimentação, transporte e energia. O Plano Salte só fez sucesso mesmo na praça Onze, no Rio de Janeiro, onde a escola de samba Estação Primeira de Mangueira conquistou em 1950 o certame com o samba-enredo “Plano Salte”, de Nelson Sargento e Alfredo Português:

O povo deste Brasil querido
Se acha enriquecido
Com o Plano Salte,
Lembrando o doutor Oswaldo Cruz,
Que da ciência foi a luz,
Um valoroso baluarte.

Nos gramados tupiniquins rolava a Copa do Mundo de 1950. O resultado final, todos nós sabemos. Perdemos para o Uruguai, e o nosso complexo de vira-lata, como dizia o escritor Nelson Rodrigues, só findou na Copa de 1958 (quando o Brasil ganhou o primeiro título mundial). Mas pouca gente sabe é que, na Copa, o compositor João de Barro, mais conhecido como Braguinha, marcou um golão no então recém-inaugurado Maracanã. O escrete brasileiro comia a bola. Vencemos a seleção espanhola por 6×1 . De repente, a música “Touradas em Madri”, sucesso do carnaval de 1938, foi entoada em coro por aproximadamente 150 mil pessoas no estádio:

Eu fui às touradas em Madri,
Parará-tim-bum-bum-bum!
Parará-tim-pum-pum-pum!

O compositor Braguinha estava na arquibancada assistindo ao jogo e, de tão emocionado, não conseguiu cantar sua própria música. Por causa disso, quase levou uma surra ao ser confundido por alguns torcedores brasileiros com um calado, tímido e envergonhado torcedor espanhol. Vai entender...

Não sabemos se Dutra estava no Maracanã cantando “Touradas em Madri”. Conhecido como “Catedrático do Silêncio”, o presidente tentava se manter discreto diante da nação. Também, pudera: era ele abrir a boca, e aparecia o problema de dicção que o fazia chiar nos “esses” e nos “ces”, trocados pelo som do “xis”. O compositor Marino Pinto fez graça com o presidente ao lançar a marchinha “Voxê qué xabê”:

Voxê qué xabê,
Voxê qué xabê.
Não pixija xabê.
Pra que voxê qué xabê?

Se Dutra tinha dificuldade para pronunciar as palavras em português, também não primava pelo carinho com a língua de Shakespeare. Num encontro com o presidente Harry Truman, no aeroporto, na hora que o político americano desembarcou no Brasil, os dois se cumprimentaram. Truman perguntou: “How do you do, Dutra?” E Dutra retrucou: “How tru you tru, Truman?”

Dutra e a União Democrática Nacional (UDN), partido que ambicionava obter mais espaço no governo, também já não

falavam a mesma língua. Antes de comandar a famosa “Banda de Música” da UDN – os parlamentares mais atuantes da legenda –, o jornalista e político Carlos Lacerda era comunista e dublê de compositor. Nos anos 1930, encontrou o escritor e também comunista Jorge Amado acompanhado do amigo Dorival Caymmi, e surgiu a inusitada “Beijos pela noite”. Coisas da juventude:

Um dia sentirás a mocidade
No teu corpo fatigado
Da saudade dos caminhos.
E então, sobre a lembrança dos meus beijos,
Nosso amor adolescente poderá recomeçar.

Depois da vitória manguense na praça Onze e da derrota brasileira no Maracanã, a campanha presidencial tomava conta do país. E Getúlio Vargas voltou a disputar a Presidência da República. Os compositores Braguinha e José Maria de Abreu pediam para Seu Gegê voltar logo porque o povo não aguentava mais o preço dos produtos:

Ai, Gegê!
Que saudades que nós temos de você!
O feijão subiu de preço,
O café subiu também.

Vargas começou a campanha para “voltar nos braços do povo”. De passagem por Pernambuco, Getúlio sentiu-se mal e não pôde circular pelo estado com seus correligionários. O

É FREVO!

O frevo surgiu em Recife ao final do século XIX. As bandas de música que animavam as festas pelas ruas da capital pernambucana atraíam os jogadores de capoeira. Com seu gingado e suas habilidades coreográficas, os passos dos capoeiras logo foram seguidos por outros foliões. Os instrumentistas, empolgados com os hábeis dançarinos, realizavam floreios rítmicos que acabaram por despertar nas pessoas uma forma cada vez mais criativa de dançar.

Foi assim, na virada do século XIX para o XX, que o carnaval do Recife começou a “frevor”. Afinal, para o povo da região, qualquer oportunidade de agito, rebuliço ou confusão era chamado “frevura”, corruptela de “fervura”. Nomes como o do compositor Capiba consolidaram o gênero no século XX. Seu frevo “Voltei, Recife” leva a frevura do frevo a entrar pela “cabeça, tomar o corpo e acabar no pé”:

Voltei, Recife.

Foi a saudade

Que me trouxe pelo braço.

Quero ver novamente Vassoura

Na rua abafando,

Tomar umas e outras

E cair no passo.

desespero da comitiva do candidato foi amenizado quando chegou ao hotel onde ele estava hospedado um moderníssimo serviço de “ministúdio”. O discurso de Vargas foi gravado em 160 bolachões, enviados às emissoras e difusoras do

interior de Pernambuco. O recado político estava dado. O aparato pertencia a José Rozenblit, fundador da Fábrica de Discos Rozenblit, importantíssima para a história do frevo e da música brasileira. Os discos lançados pela Rozenblit registraram praticamente toda a obra de Capiba e Nelson Ferreira, além dos conhecidos Irmãos Valença, Levino Ferreira, Edgar Moraes e tantos outros. Até o Rei do Baião, Luiz Gonzaga, já havia caído no gosto do gênero quando lançou “Cai no frevo” para o presidente Dutra:

Você já leu a circular do presidente?

Eu não! Eu não!

Vamos trabalhar, economizar,

Vamos brincar sem gastar.

LUIZ GONZAGA, O REI DO BAIÃO E DO JINGLE

A crescente urbanização da sociedade brasileira, acelerada a partir do fim da década de 1940, chegaria aos anos 1970 refletindo-se num total de 39 milhões de crianças, mulheres e homens que haviam saído do meio rural e foram viver nas grandes cidades. A migração do campo para as cidades gerou problemas urbanos crônicos. Se os retirantes achavam que teriam vida melhor no “Sul maravilha”, ao chegar, logo perceberam que se somariam à população que vivia nas favelas e periferias das metrópoles. Os migrantes foram reproduzindo e assimilando a diversidade cultural das cidades. Nos forrós, os nordestinos encontravam seus conterrâneos, e a diversão varava a madrugada, com muita música regada a pinga e carne de sol. Esse “baile ordinário, sem etiqueta”,

também conhecido por arrasta-pé ou bate-chinela, sempre foi movido por vários tipos de música do Nordeste (baião, coco, rojão, quadrilha, xaxado, xote) e animado pelo “pé de bode”, a popular sanfona de oito baixos. Um desses cantores de renome já estava na estrada desde os anos 1940: o sanfoneiro pernambucano Luiz Gonzaga. Ao lado de parceiros como Zé Dantas e Humberto Teixeira, assinou “Asa branca” (com Humberto Teixeira):

Quando olhei a terra ardendo
Qual fogueira de São João,
Eu perguntei a Deus do céu: Ai,
Por que tamanha judiação?

Luiz Gonzaga gravou jingles para vários candidatos: Carlos Lacerda, Getúlio Vargas, Jânio Quadros e Eurico Gaspar Dutra. Gonzaga e o parceiro Humberto Teixeira compuseram em 1950 “Paraíba”, um jingle para a campanha eleitoral no estado:

Paraíba masculina,
Muié macho, sim sinhô

Eita pau pereira
Que em princesa já roncou!
Eita Paraíba,
Muié macho, sim sinhô.

Contudo na eleição de 1950 o ritmo que embalou o povo não foi o frevo, e sim a marcha “Retrato do velho”, de Haroldo Lobo e Marino Pinto:

Bota o retrato do velho outra vez,
Bota no mesmo lugar.
O sorriso do velhinho
Faz a gente trabalhar.

Getúlio voltava ao poder, e pela primeira vez através do voto direto. A vitória era fruto de uma composição política heterogênea, e o seu governo não foi diferente. Até a UDN fez parte dele. Um de seus aliados era Ademar de Barros (PSP), político famoso pelo slogan “Rouba, mas faz”. Nas ruas de São Paulo o povo cantava:

É PTB! É PSP!
Presidente Getúlio.
Ademar senador,
Lucas Garcez para governador.

Em 1951, Getúlio assumiu a Presidência num contexto social e econômico diferente daquele em que fora o mandatário por quinze anos. O Brasil tinha mais de 50 milhões de habitantes, 40% dos quais moravam em cidades. Com o crescimento e a expansão das indústrias, cerca de 1,5 milhão de operários trabalhava em fábricas, minas, portos e ferrovias. O Estado passava a ter mais embaraço para controlar os diversos interesses de partidos, corporações e movimentos sociais. A letra da música “Falta um zero no meu ordenado”, de Ari Barroso e Benedito Lacerda, dava o tom das dificuldades que Getúlio herdou do governo Dutra:

Trabalho como louco,
Mas ganho muito pouco,
Por isso eu vivo sempre atrapalhado,
Fazendo faxina,
Comendo no China.
Tá faltando um zero
No meu ordenado.

“Ministério da Economia”, de Geraldo Pereira e Arnaldo Passos, botava fé no governo varguista:

Seu presidente,
Sua Excelência mostrou que é de fato,
Agora tudo vai ficar barato,
Agora o pobre já pode comer.
Seu presidente...

A campanha “O petróleo é nosso” foi a grande bandeira nacionalista de Getúlio. O samba “Falso patriota”, composto por David Raw e Victor Simon, batia nessa tecla:

Você diz que é patriota,
Sua bebida é de marca escocesa.
Não bebe nossa cachaça
E ergue a taça
Com a champanhe francesa.

Tendo em vista os sucessos musicais da época, “Maria Candelária” (Klécius Caldas e Armando Cavalcanti) e “Lata d’água”

(Luís Antônio e Jota Júnior), o governo Vargas não andava bem das pernas:

Maria Candelária

É alta funcionaria.

...

Começa ao meio-dia,

Coitada da Maria,

Trabalha, trabalha,

Trabalha de fazer dó-ó-ó-ó.

E:

Lata d’água na cabeça,

Lá vai Maria,

Lá vai Maria.

Sobe o morro e não se cansa,

Pela mão leva a criança,

Lá vai Maria.

Em 1953, as “Marias” de lata d’água na cabeça deram uma demonstração de que não aguentavam mais as “Marias Candelárias”. Resultado? A chamada greve dos 300 mil em São Paulo. Para jogar um balde de água fria nos grevistas, Getúlio Vargas nomeou para o Ministério do Trabalho João Goulart, do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB).

João Goulart (o Jango) era visto pelos udenistas e por parte dos militares como um “vermelho”, um comunista. O novo ministro sugeriu ao presidente dobrar o salário mínimo, o que não era grande coisa, pois o salário não aumentava havia

quase dez anos. Como já dizia o compositor Alvarenga, em “Salário mínimo”:

Cansei de tanto trabalhar
Na ilusão de melhorar.
Cinco filhos, mulher e sogra pra sustentar.
Setecentos e cinquenta cruzeiros? Não dá.

Pressionado, Getúlio demitiu Jango, mas o inflamado Carlos Lacerda voltou a atacar o governo como nunca. Começou a afirmar que o país vivia num “mar de lama”. O tiro de misericórdia em Getúlio não veio da oposição, mas do próprio palácio do Catete. O chefe da guarda pessoal de Vargas, Gregório Fortunato, resolveu contratar um pistoleiro profissional para matar Carlos Lacerda.

No dia 5 de agosto de 1954, na rua Tonelero, em Copacabana, o tal pistoleiro errou o alvo e acertou em cheio o major da aeronáutica Rubens Vaz. Todas as pistas levavam ao “Anjo Negro do Catete”, Gregório Fortunato. O vice, Café Filho, conspirava à luz do dia, ao lado de Carlos Lacerda e do ex-presidente Eurico Gaspar Dutra.

Na madrugada de 23 para 24 de agosto, em reunião de emergência, ficou definido que Getúlio pediria licença do cargo. Às 8h da manhã ouviu-se no Catete o tiro do *colt* 32, disparado por Getúlio no próprio peito. A seu lado, na mesinha de cabeceira, a carta-testamento que mudaria o rumo da história. As hostilidades endereçadas ao presidente mudaram de lado. O tiro dado por Getúlio atingiu em cheio a oposição. Seus inimigos foram perseguidos e a sede da UDN foi destruída. Lacerda deu

NA VITROLA COM VARGAS

Em 1989, foi lançado pelo selo Ideia Livre o LP *O grande presidente: homenagem à memória do presidente Getúlio Vargas*, nas vozes de Beth Carvalho e João Nogueira.

A trilha sonora varguista apresentava as músicas “Diplomata” (Henrique Gonzalez), “O grande presidente” (Padeirinho), “Retrato do velho” (Haroldo Lobo e Marino Pinto) e também “Doutor Getúlio” (Edu Lobo e Chico Buarque):

Abram alas que Gegê vai passar!

Olha a evolução da história.

Abram alas pra Gegê desfilas

Na memória popular.

no pé por uns tempos, pois o próximo pistoleiro contratado poderia ter tiro mais certo.

O corpo de Getúlio ficou exposto no palácio do Catete provocando cenas emocionantes de mulheres desmaiadas, homens chorando abraçados ao caixão. Filas gigantescas iam do Catete até Botafogo e o Centro: todos queriam dar o último adeus a Seu Gegê.

Em 1956, o mesmo Moreira da Silva que alguns anos antes “fez sinais enigmáticos para os revoltosos” agora gravava “A carta”, samba de Silas de Oliveira e Marcelino Ramos, em homenagem a Vargas:

Mais uma vez

As forças e interesses contra o povo

Coordenaram-se novamente
E se desencadeiam sobre mim.
Não me acusam,
Insultam-me de novo.
Vejo de perto aproximar meu fim.

E agora? Depois de “Vinte e quatro de agosto” (de Teixeira-nha), como ficaria o país:

Vinte e quatro de agosto a terra estremeceu.
Os rádios anunciavam o fato que aconteceu.
As nuvens cobriam o céu, o povo em geral sofreu.
O Brasil cobriu de luto, Getúlio Vargas morreu.

O vice Café Filho flertava com a UDN e a eleição presidencial estava prestes a acontecer. Que retrato entraria na parede? O violão daria o tom dos novos tempos, e surgiria no centro do país a nova capital federal. Tudo cheio de bossa, dando um chega para lá na “saudades” e um fim ao “Complexo de vira-lata”.

6. O presidente bossa-nova e outras bossas



“Vocês conhecem a Maria Brasília?

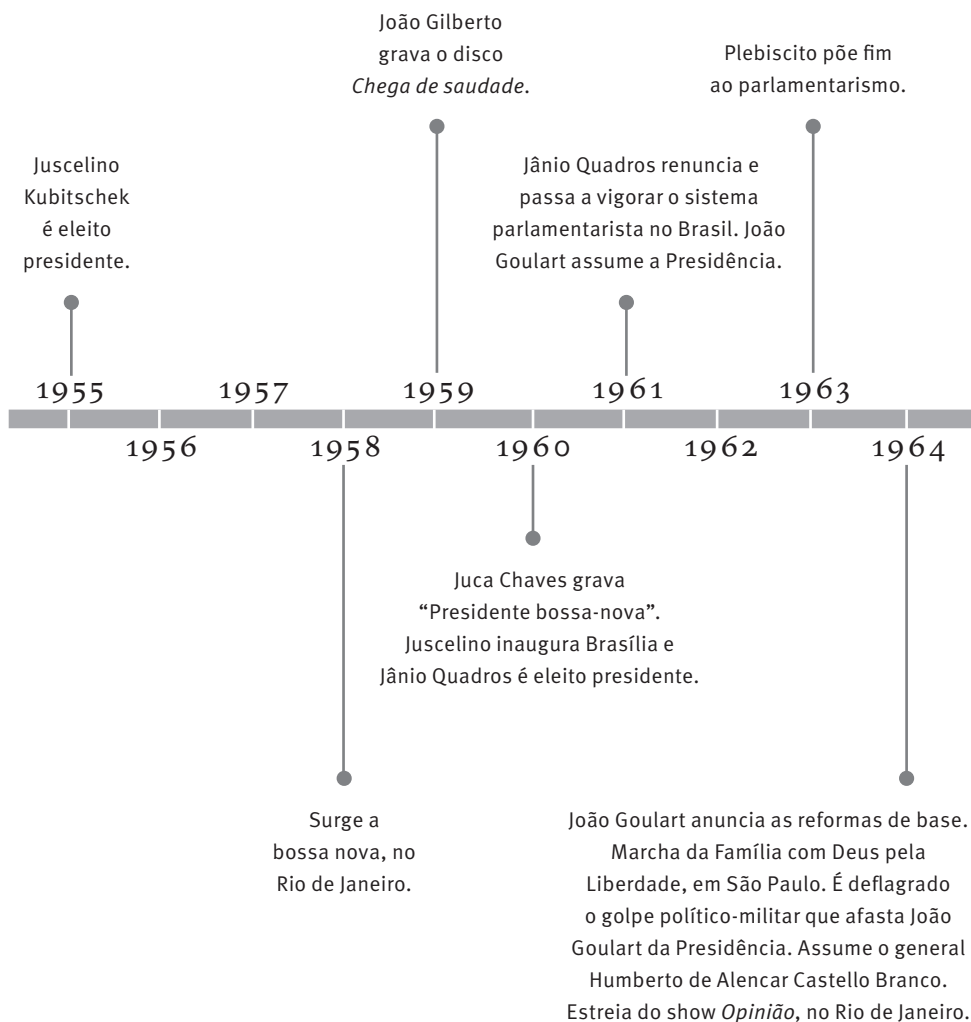
Brasília, como dá o que falar!

O que é que há?

É a menina dos olhos

Do papai JK.”

JOÃO ROBERTO KELLY, JOSÉ SACCOMANI e
MARLY DE OLIVEIRA, “Maria Brasília”



DUAS POLEGADAS

Em 1954, a baiana Martha Rocha quase conquistou o concurso de Miss Universo. Os brasileiros torceram pela baianinha do mesmo jeito que fizeram com a seleção na Copa de 1950. Martha Rocha era realmente deslumbrante: loura, rosto de sabonete Nívea, sorriso encantador, belos olhos azuis. Ela foi para a final, mas perdeu o título por duas polegadas a mais nos quadris. O modelo estético que no Brasil faria o encanto de muitos marmanjos, o tal bumbum brasileiro, tirou da nossa miss o primeiro lugar. O caso virou uma marchinha de Pedro Caetano, Alcir Pires Vermelho e Carlos Renato, “Por duas polegadas a mais”:

Por duas polegadas a mais
Passaram a baiana pra trás.
Por duas polegadas,
E logo nos quadris.
Tem dó, tem dó, seu juiz.

COM A MORTE DE GETÚLIO, assumiu a Presidência o vice Café Filho. O presidente, os udenistas e outros grupos políticos queriam que a decisão sobre o nome do próximo governante resultasse de uma grande união nacional. Mas a ideia não foi adiante. E nas ruas cantava-se a música de campanha de Juscelino Kubitschek (PSD):

Juscelino Kubitschek é o homem.
Vem de Minas, das bateias do sertão.
Juscelino, Juscelino é o homem

Que, além de patriota, é nosso irmão.

Brasil, vamos para as urnas.

Em 1955, Juscelino ganhou a eleição e João Goulart foi escolhido para vice, com praticamente 600 mil votos a mais que JK – é importante lembrar que as eleições de presidente e vice não eram casadas, como hoje; podia-se votar no candidato a presidente por um partido e no vice de outro. Presidente ninguém tem dúvida do que é, mas “presidente bossa-nova”, o que significaria isso no final dos anos 1950?

A bossa nova foi um movimento musical que surgiu no Rio em 1958. De certa forma, nasceu como produto das experiências dos últimos tempos, apesar de guardar distância do clima “dor de cotovelo”, existencialista, dos primeiros anos da década de 1950. Ficava para trás a temática da depressão, da dor de cotovelo, das belas músicas de Dolores Duran, Antônio Maria e Maysa. O momento era de mudança. Foi em Copacabana, na zona sul carioca, regada a uísque, cigarro, inferninhos, boate e samba-canção que nasceu a bossa nova. Mas ganhou vida e identidade com os jovens universitários numa praia um pouquinho adiante: Ipanema.

Para alguns pesquisadores, o marco inaugural da bossa nova foi o LP *Canção do amor demais*, gravado pela cantora Elizeth Cardoso em 1958, com o clássico “Chega de saudade” (Tom Jobim e Vinicius de Moraes). Um ano depois, João Gilberto, de voz cool e batida genial ao violão, regravaria a música em seu disco *Chega de saudade*:

Chega de saudade!

A realidade é que sem ela

Não há paz,
Não há beleza,
É só tristeza e a melancolia...

No governo JK, o país viveu um momento de euforia desenvolvimentista, de crescimento econômico espetacular (10% ao ano), de consumo desenfreado, e novos produtos das multinacionais invadiram nosso mercado. O automóvel era o símbolo

A SEMANA DE 22 DO SAMBA E O TRIO BOSSA-NOVA

A bossa nova foi a Semana de 22 do samba. O triunvirato da bossa nova era o ritmo de João Gilberto, a harmonia de Tom Jobim e a poesia de Vinicius de Moraes. Tom representava aquele lado da bossa nova que valorizava nossas tradições. Bebeu em Pixinguinha, Noel Rosa, no maestro Radamés Gnattali, em Ari Barroso e Custódio Mesquita.

O poeta Vinicius de Moraes era admirador de autores estrangeiros, mas suas letras retratavam de forma simples o universo carioca e a cultura brasileira. Podemos dizer que ele era um teórico do “cariquismo”, um grande esteta do Rio. E como a cidade amada se fez presente em suas composições! Há música mais carioca que “Garota de Ipanema”, feita em parceria com Tom Jobim? A canção foi interpretada mundo afora:

Olha que coisa mais linda,
Mais cheia de graça,
É ela menina
Que vem e que passa...

Tom conheceu Vinicius quando este havia acabado de escrever a peça *Orfeu da Conceição*. O texto, estruturado em versos, baseava-se no mito grego de Orfeu, mas era ambientado num morro carioca e encenado por negros. O “Poetinha” procurava um parceiro. Nascia em 1956 uma das mais brilhantes dobradinhas da música popular brasileira, que deu origem a “Se todos fossem iguais a você”, “Canção do amor demais”, “Chega de saudade”, “Água de beber”, “Eu sei que vou te amar”.

de um “governo bossa-nova”. Enquanto a classe média ia ao paraíso do consumo, comprando televisão, enceradeira, rádio, geladeira, toca-discos, batedeira elétrica, ar-condicionado, brinquedo elétrico, o mundo conheceria o futuro Rei do Futebol, Edson Arantes do Nascimento, o Pelé, os magníficos Manuel Francisco dos Santos, o Mané Garrincha, e Valdir Pereira, o Didi. Vencemos os suecos (donos da casa) por 5×2 e conquistamos pela primeira vez a Copa do Mundo de Futebol, em 1958. A música “A Taça do Mundo é nossa”, composição de Wagner Maugeri, Maugeri Sobrinho, Victor Dagô e Lauro Muller, comemorou nossa vitória no ritmo do samba:

O brasileiro, lá no estrangeiro,
Mostrou o futebol como é que é,
Ganhou a Taça do Mundo
Sambando com a bola no pé.

O esquema tático do governo JK era ofensivo: “Cinquenta anos em cinco”, ou seja, o Brasil deveria crescer em cinco anos

o equivalente a cinquenta. O próprio JK era extrovertido, sorridente e muito simpático. Na vida pessoal, era mulherengo, gostava muito de música e era grande pé de valsa. Juca Chaves, compositor e humorista, fez a música “Presidente bossa-nova” caracterizando o líder da nação e o momento pelo qual passava o país:

Bossa-nova mesmo é ser presidente
Desta terra descoberta por Cabral.
Para tanto, basta ser tão simplesmente
Simpático, risonho, original.

A letra toca em um dos principais projetos do presidente: construir uma nova capital, Brasília (“Voar da velhacap pra Brasília./ Ver a alvorada e voar de volta ao Rio”). A iniciativa ousada de edificar a cidade em pleno centro do Brasil “era a metassíntese do governo”. Brasília foi projetada pelo arquiteto Oscar Niemayer e pelo urbanista Lucio Costa. Um dos objetivos de JK era levar o desenvolvimento à parte central do país, desejo nada novo, como ele mesmo salientava. A nova capital, inaugurada em 1960, distanciava a classe política das antigas pressões vindas dos setores organizados da sociedade carioca. No Rio, os políticos conviviam lado a lado com o povo. Em cada esquina, bar, restaurante, cinema, rua, a população podia encontrar governantes e legisladores e reivindicar os seus direitos. Agora qualquer manifestação teria de incluir uma ginástica organizacional e financeira para protestar na nova capital. O compositor Jackson do Pandeiro, cantava sua “Homenagem à construção de Brasília”:

Quem tiver de malas prontas
Pode ir que se dá bem.
Leve todos cacarecos,
Leve seu xodó também.

Apesar do crescimento econômico, a inflação comia o pão do assalariado de baixa renda. Em 1959, a batucada de Miguel Gustavo “Dá um jeito nele, Nonô” referia-se ao presidente usando carinhosamente seu apelido de infância. Mas a música, popularizada pelo emblemático palhaço Carequinha, pedia para Nonô beneficiar os mais pobres, pois o cruzeiro “já não dava nem pra cocada”:

Dá um jeito nele, Nonô.
Meu dinheiro não tem mais valô,
Meu cruzeiro não vale mais nada,
Já não dá nem pra cocada.

Guardadas as devidas proporções, a classe média brasileira do período JK vivia sonhos e desejos similares aos da classe média nos Estados Unidos. Os americanos propagandeavam o *american way of life*, o “jeito americano de viver”. Depois de todas as privações da economia de guerra, eles estimulavam o consumismo desenfreado dentro e fora de casa, produzindo uma série de bens e ampliando o crédito para a classe média. O resultado não poderia ser diferente: superficialidade das relações sociais, conservadorismo, interesses apenas voltados para bens materiais, conforto, o aconchego da casa própria.

Esse vazio existencial gerou em alguns jovens uma visão crítica e rebelde do consumismo, e aos poucos operou-se uma

JK EM CIFRAS

Em 1968, JK gravou o texto de abertura do disco *JK em serenata*. Nosso presidente não dispensava uma seresta à luz do luar e adorava ouvir o cantor Paulo Marques. Curtia “Apesar de você”, de Chico Buarque, e “Fascinação”, na voz de Carlos Galhardo. A canção folclórica “Peixe vivo” era sua preferida. Por onde o presidente passava lá estava ela:

Como pode o peixe vivo

Viver fora da água fria?

Como pode o peixe vivo

Viver fora da água fria?

Como poderei viver,

Como poderei viver

Sem a tua, sem a tua,

Sem a tua companhia?

mudança nos costumes e valores da época. A transformação foi impulsionada, num primeiro momento, pelas camadas mais pobres, alijadas do consumo desenfreado. Entre as artes, a música foi a que simbolizou com mais força os desejos dessa geração à procura de identidade. E o rock’n’ roll seria a marca dessa galera.

A influência do novo ritmo frenético sobre a juventude foi imediata. No Brasil, o rock estava ligado à classe média, àqueles que tinham acesso aos meios de comunicação de massa e grana para comprar discos, revistas, livros, frequentar shows

e adquirir guitarras elétricas. Quem lançaria definitivamente o gênero em nosso país seria uma cantora tímida, que faria bastante sucesso como “roqueira”, mas que largaria cedo a vida de artista para cuidar da família: Celly Campello.

A música com a qual a cantora paulista arrebataria multidões era a versão de Fred Jorge para “Stupid Cupid”, de Neil Sedaka e Howard Greenfield, gravada em 1959 como “Estúpido cupido”:

Ó, ó! Cupido, vê se deixa em paz
Meu coração que já não pode amar.

...

Hei, Hei, é o fim.
Ó, ó, Cupido, pra longe de mim.

É bom dizer que o rock brasileiro desse período vivia principalmente de versões. O cantor Sérgio Murilo foi eleito o Rei do Rock pelo registro de versões para músicas americanas. “Broto legal”, versão de Renato Corte Real, foi um de seus sucessos:

Ô, ô, que broto legal!
Garota fenomenal!
Fez um sucesso total
E abafou no festival!

No começo dos anos 1960, o Brasil dançava ao som do rock, da bossa nova, da música nordestina, e entrava de novo em campanha eleitoral para presidente. A instabilidade econômica dava o tom das candidaturas. O professor Jânio Quadros con-

corria por um pequeno partido, mas com apoio da UDN. Já o marechal Henrique Teixeira Lott, ministro da Guerra de JK, tinha apoio do PTB e do Partido Social Democrático (PSD).

Jânio Quadros teve uma carreira meteórica. Passou pela vereança, foi deputado, prefeito e governador de São Paulo. Falava um português perfeito e tinha a simplicidade do homem do povo. Fez campanha falando em moralidade, em prender

A UNE E O CPC

Nos anos de 1960, os universitários ligados à União Nacional dos Estudantes (UNE) achavam que poderiam mudar o mundo. Criticavam os alienados, e a palavra de ordem era conscientização. Como resultado desse novo pensamento, os estudantes criaram os Centros Populares de Cultura (CPC). A cultura foi à rua. Talvez a primeira cisão ideológica na história da música brasileira tenha se dado entre as gerações da bossa nova. Roberto Menescal e Ronaldo Bôscoli ficaram cantando o sol, o mar, o barquinho, continuaram olhando o rebolado da garota de Ipanema, enquanto Nara Leão – a musa da bossa – e Carlinhos Lyra personificavam a ala engajada do movimento. Eles faziam coro com os politizados, os compositores Sérgio Ricardo, Geraldo Vandré, Edu Lobo e Chico Buarque.

Carlos Lyra, ligado ao CPC, compôs duas músicas demonstrando claramente sua opção. A primeira criticava a bossa nova e tomava a direção do nacionalismo dos anos 1960: “Pobre samba meu,/ Foi se misturando, se modernizando e se perdeu.”

Já em “Canção do subdesenvolvido”, feita com Chico de Assis, Lyra afirmava sua visão de Brasil: “O povo brasileiro tem personalidade,/ Não se impressiona com facilidade.”

os políticos corruptos, em colocar para trabalhar os funcionários públicos. Queria passar a imagem de moderno e eficaz. Vendia-se como alguém diferente dos políticos. A letra de seu jingle destacava o símbolo da campanha: uma vassoura para limpar a sujeira da administração federal e da política em geral. A música agradou em cheio o eleitor:

Varre, varre, varre, varre,
Varre, varre vassourinha,
Varre, varre a bandalheira,
Que o povo já está cansado
De sofrer dessa maneira.
Jânio Quadros é esperança
Desse povo abandonado.

Jânio caiu no gosto do povo pelo seu jeito humilde. Caiu no gosto da classe média pelo discurso moralista. E caiu no gosto da elite porque era conservador e anticomunista. Mais de 11 milhões de eleitores compareceram ao pleito do dia 3 de outubro de 1960, conferindo-lhe uma vitória folgada, com 48% dos votos. O marechal Lott ficou com 32%, e João Goulart foi eleito vice-presidente. Os compositores Luiz Gonzaga e Lou-
rival Passos, com a vitória de Jânio, compuseram “Alvorada da paz”:

Jânio Quadros, tu és presidente.
Norte e sul, a nação unirás.
No Planalto te quer tanta gente,
Novo sol, alvorada da paz.

O jeito de governar de Jânio entrou no folclore da política brasileira. Ele ocupava-se de problemas de menor importância. Trocava o diálogo por bilhetinhos. Vetou, por exemplo, o consumo de lança-perfume no carnaval, as brigas de galo, as corridas de cavalo durante a semana. O homem proibiu até o uso de biquínis. Pobre da Ana Maria, que não poderia mais desfilar com seu “Biquíni de bolinha amarelinha” nas praias da década de 1960:

Era um biquíni de bolinha amarelinha tão pequenininho,
Mal cabia na Ana Maria.
Biquíni de bolinha amarelinha tão pequenininho
Que na palma da mão se escondia.

A UDN resolveu romper com o governo. Carlos Lacerda começou a dizer que o presidente queria dar um golpe para ter poderes absolutos. Apesar de ser craque em criar factoides, dessa vez parecia que ele tinha razão. No dia 25 de agosto de 1961, Jânio Quadros deixou um bilhete de renúncia para o povo brasileiro. Não ocorreu nenhuma mobilização popular a seu favor. O Congresso Nacional tratou a renúncia como fato consumado, dando encaminhamento à sucessão. Como disse o respeitado jurista Afonso Arinos, “Jânio na Presidência era a UDN de porre”. A saída do presidente causou um “probleminha”. Camadas conservadoras da sociedade não podiam nem pensar na possibilidade de João Goulart assumir a Presidência. Ele estava na China, fazendo contatos diplomáticos, e muitos queriam proibi-lo de voltar ao Brasil. De novo a Constituição era clara: em caso de renúncia, assumia o vice.

Então o governador petebista do Rio Grande do Sul, Leonel Brizola, começou a trabalhar. Formou a Cadeia da Legalidade e, usando uma emissora de rádio, convocou os trabalhadores para defender a posse de João Goulart e evitar o golpe. No começo da transmissão, ouvia-se o hino da Legalidade, de Paulo César Pereio, Lara de Lemos e Demóstenes González:

Protesta contra o tirano,
Recusa a traição,
Que um povo só é bem grande
Se for livre sua nação.

A nação estava dividida quanto à posse de Jango. Em setembro de 1961 foi aprovada na Câmara Federal uma solução intermediária, o sistema parlamentarista. Jango pôde voltar, aliviado, mas seu governo iria lidar com agitações políticas e a crescente organização da sociedade civil.

No período parlamentarista, a composição “Que rei sou eu?” (Herivelto Martins e Waldemar Ressurreição) fazia graça com o escasso poder de Jango:

Que rei sou eu
Sem reinado e sem coroa,
Sem castelo e sem rainha?
Afinal que rei sou eu?

A população agitada e as dificuldades econômicas do país aceleraram o plebiscito sobre o sistema de governo. Em janeiro de 1963, o povo foi às urnas e votou a favor do presidencialismo. De caneta na mão, era chegada a hora de Jango começar a colo-

car em prática as reformas de base (investimentos em educação, reforma agrária, urbana e eleitoral).

Para a oposição, Jango foi longe demais. Agindo depressa, ela organizou a Marcha da Família com Deus pela Liberdade, levando milhares de senhoras católicas, autoridades, políticos, empresários e membros da classe média à avenida Paulista. O objetivo era defender o país contra os comunistas e “pedir” a queda de Jango. Na rua, cantava-se a palavra de ordem: “Um, dois, três, Brizola no xadrez. E se tiver lugar, põe também o João Goulart.”

No dia 31 de março de 1964 eclodiu a rebelião das Forças Armadas contra o governo. Jango não conseguiu reagir ao deslocamento dos tanques, pegou suas malas no palácio do Planalto e saiu de Brasília rumo ao exílio no Uruguai. Os militares logo tomaram conta da situação. Sindicatos foram fechados e vigiados, proibiram-se jornais de circular, as universidades ficaram vazias. Rádios que defendiam a legalidade e a manutenção do estado democrático, como a Mayrink Veiga, no Rio, foram emudecidas. O cala-boca nas emissoras punha fim simbólico a um ciclo em que o rádio assumiu o papel de protagonista nos debates políticos e no entretenimento da sociedade. Não por acaso a música “Simca Chambord”, de Marcelo Nova, Gustavo Mullen, Karl Hummel e Marcelo Cordeiro, só veio ao ar na década de 1980:

O presidente João Goulart

Um dia falou na TV

Que a gente ia ter muita grana

Para fazer o que bem entender.

Agora, nos tempos da ditadura, a televisão seria o veículo de comunicação de massa. Com os festivais da canção, a música ocuparia o canal de mobilização e o espaço de conflito entre projetos políticos, ideológicos e estéticos. A era dos festivais lançaria uma nova geração de artistas talentosíssimos e problematizadores do papel da arte.

7. “Vai passar”



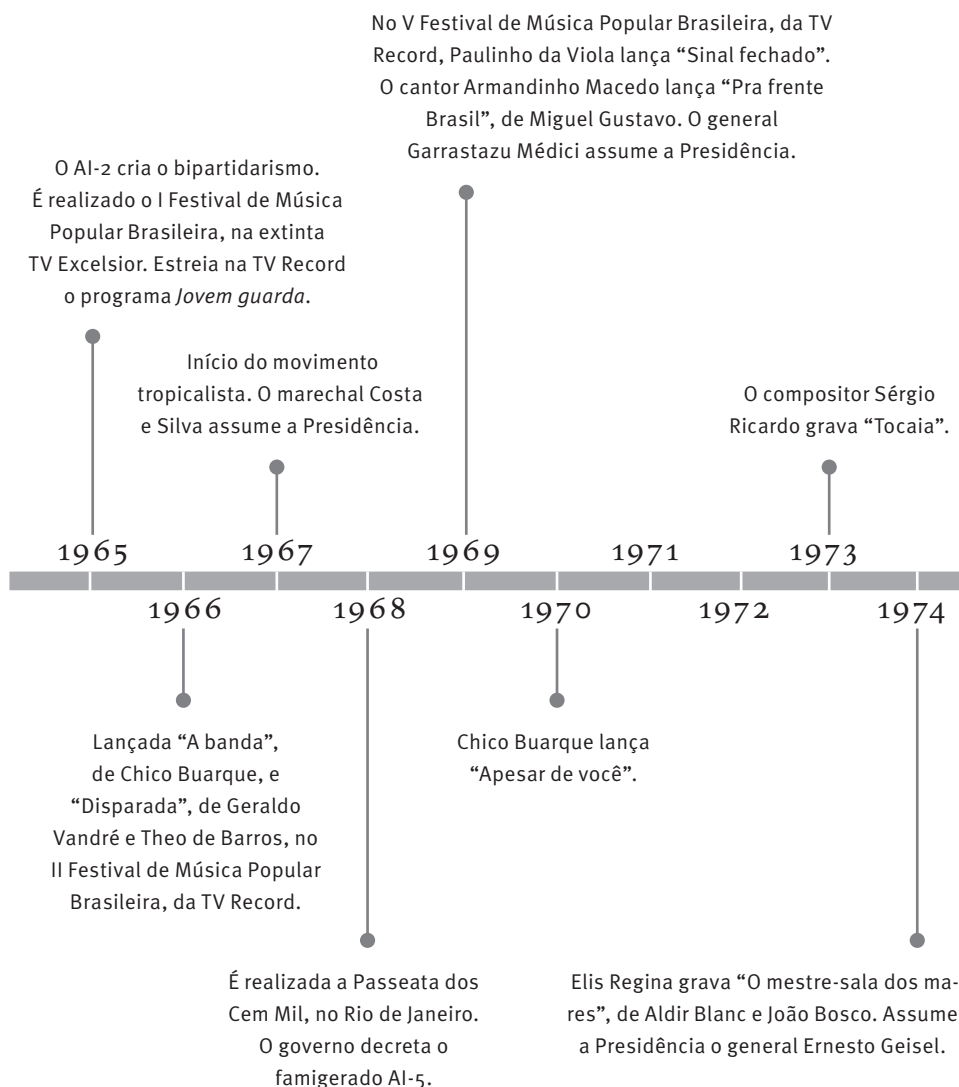
“Afasta de mim esse cálice, Pai!

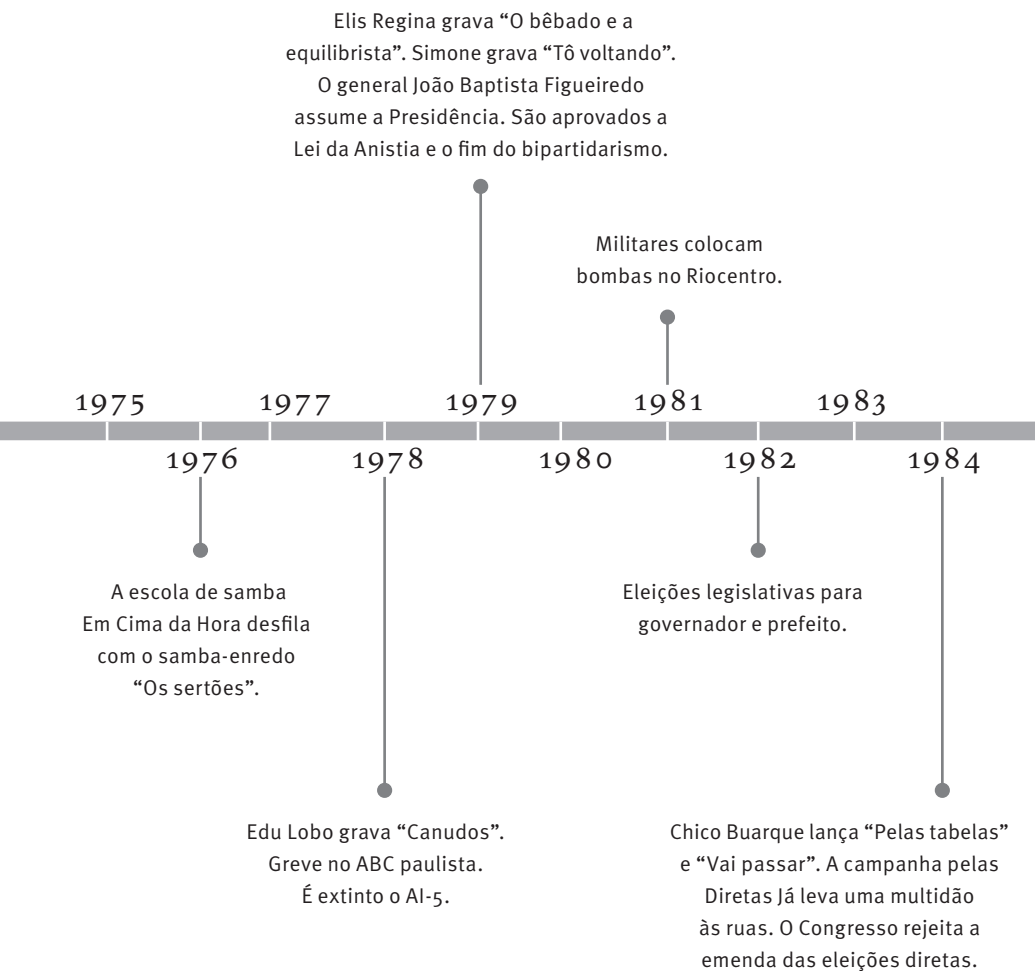
Afasta de mim esse cálice, Pai!

Afasta de mim esse cálice

De vinho tinto de sangue.”

CHICO BUARQUE e GILBERTO GIL, “Cálice”





DIVIDINDO AS MESMAS MESAS, sambistas, meninos e meninas da zona sul carioca batiam cartão no restaurante Zicartola. O estabelecimento, situado em um sobrado no Centro do Rio, era comandado pelo compositor Cartola e sua mulher, Zica. Entre um gole e outro, os bate-papos eram regados a música e política. O convívio de linguagens gerou dois espetáculos emblemáticos na história da música brasileira: *Opinião* e *Rosa de Ouro*:

Rosa de ouro, que tesouro
Ter essa rosa plantada em meu peito!
Rosa de ouro, que tesouro
Ter essa rosa plantada no fundo do peito!

Cantavam Elton Medeiros, Paulinho da Viola e Hermínio Bello de Carvalho. Já o espetáculo *Opinião* foi a primeira manifestação musical de antagonismo ao golpe que depôs o presidente João Goulart. Estreou em dezembro de 1964, sob a direção de Augusto Boal, no Rio de Janeiro. A música e o teatro uniam-se aos descontentes na quartelada. Em cena, Zé Kéti, João do Vale, Nara Leão (depois substituída por Maria Bethânia). É de Zé Kéti o clássico “Opinião”, que deu nome à peça e prosseguiu como umas das trilhas sonoras do período:

Podem me prender,
Podem me bater,
Podem até deixar-me sem comer,
Que eu não mudo de opinião...

O marechal Humberto de Alencar Castello Branco assumiu a Presidência e logo nos primeiros atos mostrou a face do que

viria pela frente: dezenas de cassações de mandatos e direitos políticos; milhares de processos político-criminais, prisões, modificações arbitrárias da Constituição e decretação de estado de sítio. Tudo isso sustentado pelo Ato Institucional n.1. Dava-se início, assim, à nebulosa era dos atos institucionais. No primeiro carnaval depois do golpe, os compositores Alcyр Pires Vermelho e Jota Júnior decretaram seu “Ato institucional”:

O rei momo decretou
O ato institucional:
Fez você, marrom-glacê,
Rainha do meu carnaval.

O golpe reuniu militares, políticos, empresários, proprietários rurais, jornalistas, parte da Igreja católica e parcelas significativas da população. Na eleição de 1965, as oposições à ditadura obtiveram vitórias eleitorais em estados importantes. Veio então o Ato Institucional n.2, com mais cassações de mandatos e direitos políticos. A medida também extinguiu os partidos em atividade. Agora só poderia haver dois: o Movimento Democrático Brasileiro (MDB) e a Aliança Renovadora Nacional (Arena). Na realidade, o MDB terminaria por canalizar a oposição ao regime. Nessa época, Zé Kéti compôs a “Marcha da democracia” e registrou mais uma vez sua opinião:

Marchou com Deus pela democracia.
Agora chia, agora chia.
Você perdeu a personalidade.
Agora fala em liberdade.

Entre 1964 e 1968, os militares foram se ajeitando na cadeira. Caía a ficha da sociedade civil, a ditadura viera para ficar. Com os ânimos acirrados depois da implantação dos atos institucionais, parcela numerosa de estudantes, artistas e intelectuais passou a expressar seus desejos nos festivais da canção. Dos festivais sairia o conceito de MPB: música engajada, politizada, crítica, renovadora. O rótulo virou “sinônimo” de música brasileira.

Em 1965, no I Festival de Música Popular Brasileira, da extinta TV Excelsior, o compositor Edu Lobo venceu com “Arrastão”, obra-prima composta em parceria com Vinicius de Moraes:

Ê! Tem jangada no mar.

Ê! Iê! Iê! Hoje tem arrastão.

Ê! Todo mundo pescar.

Chega de sombra e João.

No mesmo ano de “Arrastão” estreou na TV Record o programa *Jovem guarda*. Roberto Carlos, Erasmo Carlos e Wanderléa formaram a tríade básica do programa que acabou por dar nome ao novo movimento. O desafio da produção era manter elevada a audiência da emissora nas tardes de domingo, até então garantida pelas transmissões ao vivo dos jogos de futebol. A jovem guarda, primeiro e mais coeso movimento do rock brasileiro, também era conhecida como “iê-iê-iê”, em alusão à clássica música dos Beatles.

A jovem guarda motivou comportamentos, gírias e modas juvenis. Suas letras destacavam a temática do amor e da vitalidade da juventude, tudo bem docinho para não agredir os ouvidos. Eram jovens pouco interessados em política e que

tampouco tinham o objetivo de compor músicas de protesto ou canções que virassem de pernas para o ar a cultura brasileira. De pernas para o ar até que eles queriam, mas no sentido da dança, do embalo e do ritmo. “É proibido fumar”, de Roberto Carlos e Erasmo Carlos, parecia uma composição de protesto contra a ditadura:

É proibido fumar,
Diz o aviso que eu li.
É proibido fumar,
Pois o fogo pode pegar.

O fogo que “bombeiro nenhum poderia apagar” era apenas um beijo apaixonado, saindo faísca...

A TV Record, que exibia o programa *Jovem guarda*, também teve o seu festival. E o compositor Geraldo Vandré, uma das grandes vítimas da violência dos militares, venceu o primeiro deles com “Disparada”, feita em parceria com Theo de Barros:

Prepare o seu coração
Pras coisas que eu vou contar,
Eu venho lá do sertão, eu venho lá do sertão,
Eu venho lá do sertão e posso não lhe agradecer.

Nos anos de chumbo, dois “movimentos” musicais se destacavam. A música de protesto, ou de resistência e engajamento, que buscava a “autenticidade”, as raízes da cultura musical brasileira. Chico Buarque, Edu Lobo, Geraldo Vandré, Taiguara, entre outros, eram defensores dessa bandeira. Já o tropicalismo sintonizava em outras ondas. O aspecto político do movimento

estava atrelado a uma vasta proposta cultural e estética (com interlocução nas artes plásticas, no cinema e no teatro). A canção-manifesto do movimento, “Tropicália”, feita por Caetano Veloso, um dos artistas mais importantes da nossa música, representava o Brasil dos meninos bossa-novistas, do “roqueiro” Roberto Carlos, das alegorias de Carmen Miranda, da angelical “A banda” de Chico Buarque. Tudo em tom carnavalesco:

Sobre a cabeça os aviões,
Sob os meus pés os caminhos.
Aponta contra os chapadões.
Meu nariz.

Em 1968, no III Festival da TV Globo, a crítica do compositor Chico Buarque ao regime era afiada em “Sabiá”. De verniz romântico, a letra revelava a habilidade do poeta em usar metáforas para fugir da censura:

Vou voltar,
Sei que ainda vou voltar
Para o meu lugar,
Foi lá e é ainda lá...

No mesmo festival, Geraldo Vandré resolveu ser explícito ao convocar o povo às ruas em “Pra não dizer que não falei das flores”:

Vem, vamos embora,
Que esperar não é saber.
Quem sabe faz a hora,
Não espera acontecer.

A letra tem um apelo tão forte que, quando ficou em segundo lugar – perdendo para a magnífica “Sabiá”, de Tom Jobim e Chico Buarque –, o público presente no Maracanãzinho cantou-a em coro, rejeitando a indicação da primeira colocada. Eis os versos de “Caminhando” – como a música ficou conhecida –, que seriam entoados durante anos, na campanha pela Anistia, ao final da década de 1970 e nas manifestações pelas Diretas Já, no começo dos anos 1980:

Caminhando e cantando e seguindo a canção,
Somos todos iguais, braços dados ou não.
Nas escolas, nas ruas, campos, construções,
Caminhando e cantando e seguindo a canção.

Em 1968, os estudantes foram às ruas protestar contra a ditadura. Aquela era uma época de intensa mobilização estudantil no mundo todo. No Brasil, os confrontos entre a polícia e os manifestantes se multiplicaram. Uma passeata contra o aumento de preço da refeição, em um restaurante universitário, no Rio, gerou um conflito com a Polícia Militar, vitimando o secundarista Edson Luís de Lima Souto. Era o estopim no barril de pólvora. Milton Nascimento e Ronaldo Bastos compuseram “Menino”, em homenagem ao estudante:

Quem cala sobre teu corpo
Consente na tua morte
Talhada a ferro e fogo
Nas profundezas do corte.

Edson Luís tornou-se um mártir do movimento. Seu corpo foi carregado pelas ruas do Centro do Rio e velado na

Assembleia Legislativa por mais de 50 mil pessoas. Mobilizações e greves varreram o país. Era 26 de junho, e a Passeata dos Cem Mil levou às ruas estudantes, artistas, intelectuais, a ala progressista da Igreja católica, operários, trabalhadores em geral, mães de presos políticos, na maior demonstração pública de repúdio à ditadura. Em “Enquanto seu lobo não vem”, o compositor Caetano Veloso celebrava as passeatas da época, levando o estribilho da canção para um dos maiores palcos das manifestações populares, a avenida Presidente Vargas:

A Estação Primeira da Mangueira passa em ruas largas
(Os clarins da banda militar...)
Passa por debaixo da avenida Presidente Vargas
(Os clarins da banda militar...)

O QUE OUVIA O DITADOR COSTA E SILVA?

Em 1968, o cantor Agnaldo Rayol lançou o LP *As minhas preferidas na voz de Agnaldo Rayol. Presidente Costa e Silva*. Ele interpretava, entre outras, músicas como “Feitio de oração”, de Noel Rosa e Vavó, “Ave Maria do morro”, de Herivelto Martins, e “Chão de estrelas”, de Orestes Barbosa e Sílvia Caldas.

Figuravam curiosamente na lista de preferência presidencial dois compositores censurados pelo regime: Chico Buarque e Vinícius de Moraes. Claro que nenhuma de suas músicas tocava em questões políticas. Do “Poetinha”, Costa e Silva selecionou “Lamento”, em parceria com Pixinguinha. Do jovem Chico Buarque, selecionou “Carolina”: “Eu bem que mostrei sorrindo,/ Pela janela, ói que lindo,/ Mas Carolina não viu.”

Se as manifestações deixavam os militares furiosos, a coisa ficou feia quando o jornalista Márcio Moreira Alves, na época deputado federal, resolveu fazer um discurso daqueles, dizendo que o Exército era um “valhacouto de torturadores”. Ainda empolgado, pediu às mulheres dos militares uma greve de sexo. Dá para imaginar o efeito bombástico do pronunciamento? A seca foi geral! O discurso foi rapidamente impresso e distribuído nos quartéis. Os militares da linha dura queriam a cassação imediata do deputado. Corajosamente, o Congresso não permitiu. O presidente Costa e Silva estava numa encruzilhada. De um lado, manifestações populares, greves, passeatas estudantis, movimentos de esquerda se organizando; de outro, a linha dura do Exército querendo uma resposta à altura dos acontecimentos. Numa sexta-feira, 13 de dezembro de 1968, Costa e Silva baixou o Ato Institucional n.5 (AI-5). No ato, o cantor Roberto Silva lançou a música “Tom maior”, de Martinho da Vila. A composição, feita para o filho de um amigo, logo iria se tornar sucesso, mas a letra demoraria um pouco para virar realidade:

Vai ter que amar a liberdade,
Só vai cantar em tom maior,
Vai ter a felicidade de
Ver um Brasil melhor.

Depois da decretação do AI-5, o regime fechava todas as frestas possíveis para a passagem de qualquer vento crítico, qualquer sopro de liberdade. A repressão sufocava e desmontava os aparelhos (esconderijos) dos grupos (guerrilheiros) com muita rapidez, usando o serviço de inteligência e a tortura como caminhos para obter informações. Militantes políticos

passariam a ser torturados, no decorrer dos anos de chumbo, com choques elétricos, “cadeira do dragão”, “telefones”, “pau de arara” e outras técnicas que a ditadura iria implantar – todas as mulheres presas, de certa forma, sofreram algum tipo de violência sexual. O presidente podia fechar o Congresso Nacional, as Assembleias Legislativas e as Câmaras de Vereadores; intervir diretamente nos governos estaduais e municipais; aposentar funcionários públicos (inclusive juízes e militares), transferi-los ou demiti-los; restringir as liberdades individuais; suspender a garantia de habeas corpus; cassar os direitos políticos de qualquer cidadão e os mandatos de deputados estaduais, federais e vereadores. Aí a coisa ficou feia demais...

Os próprios festivais iam aos poucos perdendo espaço na TV. No primeiro festival da TV Record, depois do AI-5, o compositor Paulinho da Viola ainda conseguiu cantar, mesmo com o “Sinal fechado”:

Tanta coisa que eu tinha a dizer,
Mas eu sumi na poeira das ruas.
Eu também tenho algo a dizer,
Mas me foge à lembrança.

Os mandachucas da ditadura muitas vezes se atrapalhavam com as informações que recebiam. Foi numa confusão dessas que Caetano Veloso e Gilberto Gil acabaram na prisão e depois no exílio. Suas apresentações contavam com um cenário inovador, produzido pelo artista plástico Hélio Oiticica, que incluía, por exemplo, uma faixa com a inscrição “Seja marginal, seja herói!”, sobre a imagem do cadáver de um bandido famoso na época, “Cara de Cavalo”. Um juiz já havia ficado estarecido

com o cenário e cismou ter ouvido os baianos zombando do hino nacional brasileiro. O que ele escutou, na realidade, foi um trecho do hino francês, “A marsehesa”. Há tempos alguns militares já queriam colocar os tropicalistas na cadeia, e a versão do hino nacional, somada a um cenário subversivo, foi o pretexto ideal. Caetano e Gil amargaram dois meses de prisão. Quando saíram, aproveitaram a “dica” da repressão para tirar umas “férias”. Antes de partir, Gil deu “Aquele abraço” nada saudoso no bairro carioca de Realengo, onde ficava sua prisão:

Alô, alô, Realengo,
Aquele abraço!
Alô, torcida do Flamengo,
Aquele abraço!

O governo Médici ainda incentivou o ufanismo com várias campanhas institucionais. A mais conhecida tinha como slogan “Brasil, ame-o ou deixe-o”. O crescimento econômico do país animava os defensores do regime. Em 1970, a conquista da Copa do Mundo no México, com Pelé, Gérson, Tostão, Carlos Alberto Torres e companhia, incrementou o nacionalismo. Bandeiras verde-amarelas pelas ruas, o povo comemorava, o presidente comandava o Brasil que “ninguém segurava” e “ia para a frente”. Esses anos foram fartos de músicas cheias de euforia nacionalista:

Eu te amo meu Brasil, eu te amo.
Meu coração é verde, amarelo, branco, azul anil.
Eu te amo, meu Brasil, eu te amo.
Ninguém segura a juventude do Brasil.

RAUL SEIXAS E A TAL SOCIEDADE ALTERNATIVA

Nos anos 1970, os jovens ligados à contracultura rejeitavam os sistemas políticos existentes e propunham a criação de uma sociedade alternativa: o lema era paz e amor. O cantor e compositor Raul Seixas garimpou a música “Ouro de tolo”, criticando a ditadura, a vidinha burguesa, o conformismo, as ilusões do milagre econômico:

Eu devia estar contente
Porque eu tenho um emprego,
Sou um dito cidadão respeitável
E ganho quatro mil cruzeiros
Por mês.

O roqueiro já vinha sendo observado de perto pela censura, sobretudo por causa das canções “O rebu” e “Como vovó já dizia” (ambas feitas com Paulo Coelho). Em 1974, ele foi preso e torturado pelos órgãos de repressão. Os militares queriam saber o nome de todos os participantes da “subversiva sociedade alternativa”. Veja só...

Então vá!
Faz o que tu queres
Pois é tudo
Da lei! Da lei!

Ao lado de “Eu te amo, meu Brasil”, de Dom, interpretada pelo grupo Os Incríveis também havia a popularíssima “Pra frente Brasil”, de Miguel Gustavo, que louvava a seleção canarinho:

Noventa milhões em ação,
Pra frente Brasil,
Do meu coração.
Todos juntos, vamos,
Pra frente Brasil
Salve a seleção!

A vitória da seleção não acalmou as ruas. Alguns estudantes, operários, militares, camponeses e intelectuais ligados a diversos grupos de esquerda passaram a enfrentar o governo de armas na mão, partindo para a guerrilha rural e urbana. Eles não imaginavam que estavam caindo num inferno. Os guerrilheiros realizaram assaltos a banco para viabilizar as organizações e sequestros de representantes diplomáticos com o objetivo de denunciar a tortura e libertar companheiros presos. Em janeiro de 1971, o governo soltou setenta presos em troca do embaixador suíço Enrico Bucher. O líder da operação era conhecido como “Paulista”, nome fictício de Carlos Lamarca, oficial de destaque no Exército. Sérgio Ricardo compôs a música “Tocaia” em homenagem ao capitão Lamarca:

Não era noite nem dia,
Era um tempo sem cor nem hora.
Tocaia, tocaia, tocaia.
E Lamarca, à traição,
Cravado por mil centelhas.

O desaparecimento do militante político Stuart Angel virou um dos grandes escândalos da ditadura. Sua mãe, Zuzu Angel, era uma reconhecida estilista brasileira. Zuzu iniciou uma

cruzada atrás de seu filho. Quando soube que ele estava morto, reivindicou o direito de enterrá-lo. Sua luta para sepultar o corpo de seu filho e denunciar as atrocidades da ditadura fez com que ela realizasse a primeira coleção de moda politizada da história. A estilista acabou assassinada em 1976, quando saía do túnel Dois Irmãos, no Rio de Janeiro, e seu carro foi jogado para fora da estrada. Alex Polari de Alvarenga, que ficou preso com Stuart, afirmou ter visto da janela de sua cela o militante ser amarrado na traseira de um jipe e arrastado pelo pátio do quartel da Aeronáutica, com a boca aberta, presa ao cano de escapamento do carro. Foi o fim de Stuart. Os compositores Chico Buarque e Miltoninho expressaram em “Angélica” a luta da mãe Zuzu Angel para encontrar o corpo do filho:

Quem é essa mulher
Que canta sempre esse estribilho?
Só queria embalar meu filho
Que mora na escuridão do mar.

Em 1974, quando o presidente Médici deixou o governo, o salário mínimo valia muito pouco. Contrassenso para um país que crescia como poucos no mundo. O ministro da Fazenda, Delfim Netto, pedia para o povo ficar calmo: “Temos que esperar o bolo crescer para depois distribuir os pedaços.” O bolo ficou enorme, e o povo não deu nem uma mordida! Chico Buarque (usando o heterônimo de Julinho da Adelaide) compôs a música “Milagre brasileiro” perguntando “Cadê o meu?”:

Cadê o meu?
Cadê o meu, ó meu?

Dizem que você se defendeu.

É o milagre brasileiro.

Com o nome aprovado pela cúpula militar e pela Arena, Ernesto Geisel assumiu a Presidência e começou o processo lento e gradual de distensão rumo à democratização do país. Durante seu governo, abrandou a censura aos meios de comunicação e foram asseguradas as eleições, em 1974, para senadores, deputados e vereadores – com vitórias expressivas do MDB. Mas o movimento de redemocratização ainda suscitava reações da linha dura dos militares. A sociedade estava escandalizada com os atos brutais dos órgãos de repressão, como o assassinato do jornalista Vladimir Herzog e a morte do metalúrgico Manuel Fiel Filho. A cantora Elis Regina registraria na canção, “O bêbado e a equilibrista” (Aldir Blanc e João Bosco) a volta do irmão do cartunista Henfil, o sociólogo então exilado Betinho, os choros das Marias (homenagem à mãe de Henfil e Betinho e à esposa do operário Manuel Fiel Filho) e das Clarisses (alusão à viúva do jornalista Vladimir Herzog):

Chora a nossa pátria mãe gentil,

Choram Marias e Clarisses

No solo do Brasil.

Mas sei que uma dor assim pungente

Não há de ser inutilmente...

Em 1978, Geisel continuou com suas ações políticas contraditórias. Extinguiu o famigerado AI-5, mas ainda dispunha da Lei de Segurança Nacional, que determinava a prisão de qualquer pessoa que “ameaçasse” o país. O caminho de disten-

são tomado pelo presidente não vinha da benevolência do seu grupo político. O Brasil estava mudando. A crise econômica fez com que sociedade civil, sindicatos, estudantes, igrejas, imprensa e outras entidades aproveitassem a debilidade do regime para organizar a redemocratização. Nesse período, o compositor Taiguara, um dos mais censurados e torturados da MPB, lançou “Outra cena”:

O pó, o podre, o país,
A madre, o medo, a matriz,
Só não sofreu quem não viu.
Não entendeu quem não quis.

Um movimento que abalou os alicerces da ditadura foi o chamado “Novo Sindicalismo”, do ABC Paulista. Em 1978, sob o comando do operário Luiz Inácio da Silva, o Lula, então presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo, os operários cruzaram os braços. Muitos ficaram perplexos com o ato que desrespeitava a proibição do governo de fazer greve. Os operários começavam a emparedar os generais. O Exército enviou para a região de São Bernardo um aparato militar de fazer inveja. Queria o fim das greves de qualquer maneira. Os militares foram enfrentados por uma multidão de 120 mil pessoas. O conflito poderia gerar uma guerra civil. Pela primeira vez em quase duas décadas de ditadura a sociedade impunha sua vontade: o comando militar mandou retirar os soldados e seus fuzis automáticos, seus blindados e helicópteros. Muitos artistas deram apoio ao movimento, entre eles o ex-torneiro mecânico Agnaldo Timóteo, Milton Nascimento, Elis Regina e Chico Buarque, que compôs “Linha de montagem” (em parceria com Novelli), retratando o dia a dia dos operários:

Linha, linha de montagem,
A cor, a coragem,
Cora coração.
Abecê, abecedário.

A pressão popular surtiu efeito. A Lei da Anistia, geral e irrestrita, foi promulgada pelo presidente João Baptista Figueiredo em agosto de 1979. Nem é preciso dizer qual a emoção de familiares, amigos e admiradores quando os primeiros exilados começaram a desembarcar no país e os primeiros presos políticos foram liberados dos quartéis. Começava uma pequena reparação dos erros cometidos com uma geração que

PROTESTO BREGA

A música de protesto, o tropicalismo, a jovem guarda e seus filhos roqueiros circulavam principalmente no universo das camadas médias urbanas. Na mesma época, havia um grupo de compositores tocando a alma do povo. Chamados de *piegas*, *bregas*, *cafonas*, essas(es) cantoras(es) e compositoras(es) foram simplesmente banidas(os) de qualquer classificação conceitual. Não se enquadravam nem nos critérios da tradição nem nos da modernidade musical tupiniquim. Praticamente todos os cantores “bregas” eram de origem humilde. Trabalharam desde criança em profissões como engraxate, alfaiate, office boy. Suas letras não falavam de Cuba, China e URSS. Os livros do comunista Karl Marx não faziam parte do seu cardápio bibliográfico. Eles preferiam cantar o cotidiano comum do povo. Falavam de pílula anticoncepcional, homossexualismo, prostituição, divórcio, assassinato, tocando em tabus.

O compositor Odair José, em “Eu vou tirar você desse lugar”, abordava o amor de um homem por uma prostituta:

Eu vou tirar você desse lugar.
Eu vou levar você pra ficar comigo.
E não me interessa
O que os outros vão pensar.

Em “Pare de tomar a pílula”, Odair José (com Ana Maria) esbarrou no crivo da censura:

Pare de tomar a pílula.
Pare de tomar a pílula
Porque ela não deixa
O nosso filho nascer.

Nesses tempos obscuros, o cantor Agnaldo Timóteo trazia à baila o polêmico tema do homossexualismo. A composição estava longe de levantar a bandeira do movimento gay, mas só a menção ao tema em período tão nebuloso já é fato digno de nota. Em “Galeria do amor”, segundo Timóteo, podiam-se encontrar “emoções diferentes”:

Numa noite de insônia, saí
Procurando emoções diferentes,
E depois de algum tempo parei,
Curioso por certo ambiente,
Onde muitos tentavam encontrar
O amor numa troca de olhar.

fez da luta política o alimento dos seus sonhos. A lei até hoje gera polêmica, visto que é considerada por muitos juristas e políticos benevolente com torturadores, militares e seus grupos. Mas, na época, a felicidade e o sorriso voltavam aos poucos a aparecer nos tensos e sombrios rostos dos brasileiros. Para comemorar a aprovação da lei, os compositores Paulo César Pinheiro e Maurício Tapajós, escreveram “Tô voltando”:

Pode ir armando o coreto
E preparando aquele feijão preto.
Eu tô voltando.
Põe meia dúzia de Brahma pra gelar.

O presidente João Baptista Figueiredo deu continuidade ao processo de abertura política, mas, como Geisel – e é bem verdade que em menor escala –, conviveria com as contradições internas dos militares. O presidente deixou a sociedade respirar ares democráticos. Ele gostava de dizer que “jurou fazer deste país uma democracia”. Mas, de forma suave, concluía: “Quem for contra a abertura democrática, eu prendo e arrebento.” Certamente a abertura viria a galope, cheia de coices dados em militantes partidários e estudantes, durante as greves. Apaixonado por cavalos, Figueiredo chegou a dizer que preferia “o cheiro dos cavalos ao cheiro do povo”. A coisa começa de fato a distender.

O humorista Chico Anysio, por exemplo, criou o personagem Salomé. Pendurada ao telefone, Salomé satirizava a ditadura, criticando ministros, em conversas com o personagem João Baptista (os dois primeiros nomes do presidente). Nesse período, o humorista Mussum gravou “Rio antigo”, de Chico

Anysio e Nonato Buzar. Seria a volta do papo na esquina sem perigo, “com crianças na calçada”:

Quero um bate-papo na esquina,
Eu quero o Rio antigo,
Com crianças na calçada,
Brincando sem perigo.

Um dos últimos atos terrorista da linha dura aconteceu no Riocentro, Rio de Janeiro, na festa em homenagem ao Dia do Trabalho. Artistas como Chico Buarque, Gal Costa, Elba Ramalho, Gonzaguinha e Alceu Valença iriam se apresentar. “Estava cantando a canção que fala das bombas de São João, do coração bobo, do sentimento do povo, da ternura. De repente, vi uma coisa estranha, que nunca acontecera no meu show: a plateia toda, que estava ligada em mim, olhou para trás. Em seguida voltou-se para mim, como se nada houvesse acontecido”, comentou o cantor e compositor Alceu Valença. O que Alceu, os outros artistas e a plateia não sabiam era que vários explosivos haviam sido colocados no recinto. Para sorte dos muitos jovens e trabalhadores que ali estavam, a bomba que levou o público a olhar para trás estourou fora do local do show, no colo de um sargento e de um oficial do Exército que serviam ao DOI-Codi, dentro de um carro. Alceu Valença continuou a cantar “Coração bobo”:

Coração-bobo, coração-bola,
Coração-balão, coração-são João.
A gente se ilude dizendo:
“Já não há mais coração.”

O presidente Figueiredo baixou uma lei extinguindo a estrutura bipartidária. Surgiram então vários partidos: Partido dos Trabalhadores (PT), Partido Democrático Trabalhista (PDT), Partido Democrático Social (PDS), Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) e Partido Progressista (PP). Depois de tantos desmandos dos militares, o povo queria eleger seu presidente por voto direto. Agora a motivação passava a ser a campanha das Diretas Já, em 1984. Milhões de pessoas foram às ruas, de preferência de camisa amarela, símbolo da campanha. Nos comícios, artistas e políticos tomavam o microfone para defender o voto direto. Havia alguns hinos não oficiais, e o povo cantava “Caminhando”, de Geraldo Vandré, e “Pelas tabelas” de Chico Buarque, que falava da “blusa amarela” e trazia aquele toque de esperança pela volta da eleição para presidente da República:

Ando com minha cabeça já pelas tabelas.

Claro que ninguém se toca com minha aflição.

Quando vi todo mundo na rua de blusa amarela

Eu achei que era ela puxando um cordão.

O país inteiro parou para contar os votos dos 298 deputados a favor e 65 contra. Faltaram 22 votos para a aprovação da emenda. A eleição seria indireta. De um lado, Tancredo Neves, do PMDB (ex-ministro da Justiça de Getúlio Vargas e governador de Minas Gerais), de outro, apoiado pelos militares, o deputado Paulo Maluf. Para dar um xeque-mate na eleição, Tancredo Neves chamou para vice o senador José Sarney, líder de uma ala no PDS chamada Frente Liberal. Tancredo era um homem de centro, que não criaria maiores traumas na transição dos militares para os civis. Mas também, nesse contexto de necessidade

de mudança, ele representava um rompimento com a ditadura. Sua campanha manteve os comícios nas ruas. Só que mais uma vez o acaso entrou na história. Tancredo ficou enfermo pouco depois de eleito. O país parou durante 38 dias. Ele faleceu sem tomar posse, no dia 21 de abril de 1985. A ironia trilhou o caminho da política: assumiu a Presidência o vice, José Sarney, antigo líder e presidente da Arena. O Brasil seria comandado por um presidente civil que saíra do âmago da ditadura. A trilha sonora da trajetória de Tancredo Neves, da eleição à sua comovente morte, foi a canção “Coração de estudante”, composta por seus conterrâneos, os mineiros Milton Nascimento e Wagner Tiso:

Quero falar de uma coisa,
Adivinha onde ela anda?
Deve estar dentro do peito
Ou caminha pelo ar.

Apesar do clima melancólico estabelecido após a derrota da campanha pelas Diretas Já e do luto pela morte de Tancredo, a ditadura havia acabado. No imaginário do povo, os desmandos, as torturas, as arbitrariedades, a inflação, a falta de emprego e a carestia haviam ficado para trás. A tristeza vinha com um ar de esperança no futuro, na chamada “Nova República”. Foi esse adeus à ditadura que norteou o compositor Chico Buarque na música “Vai passar” (com Francis Hime). O Brasil deixava para trás esse tempo, “página infeliz da nossa história”:

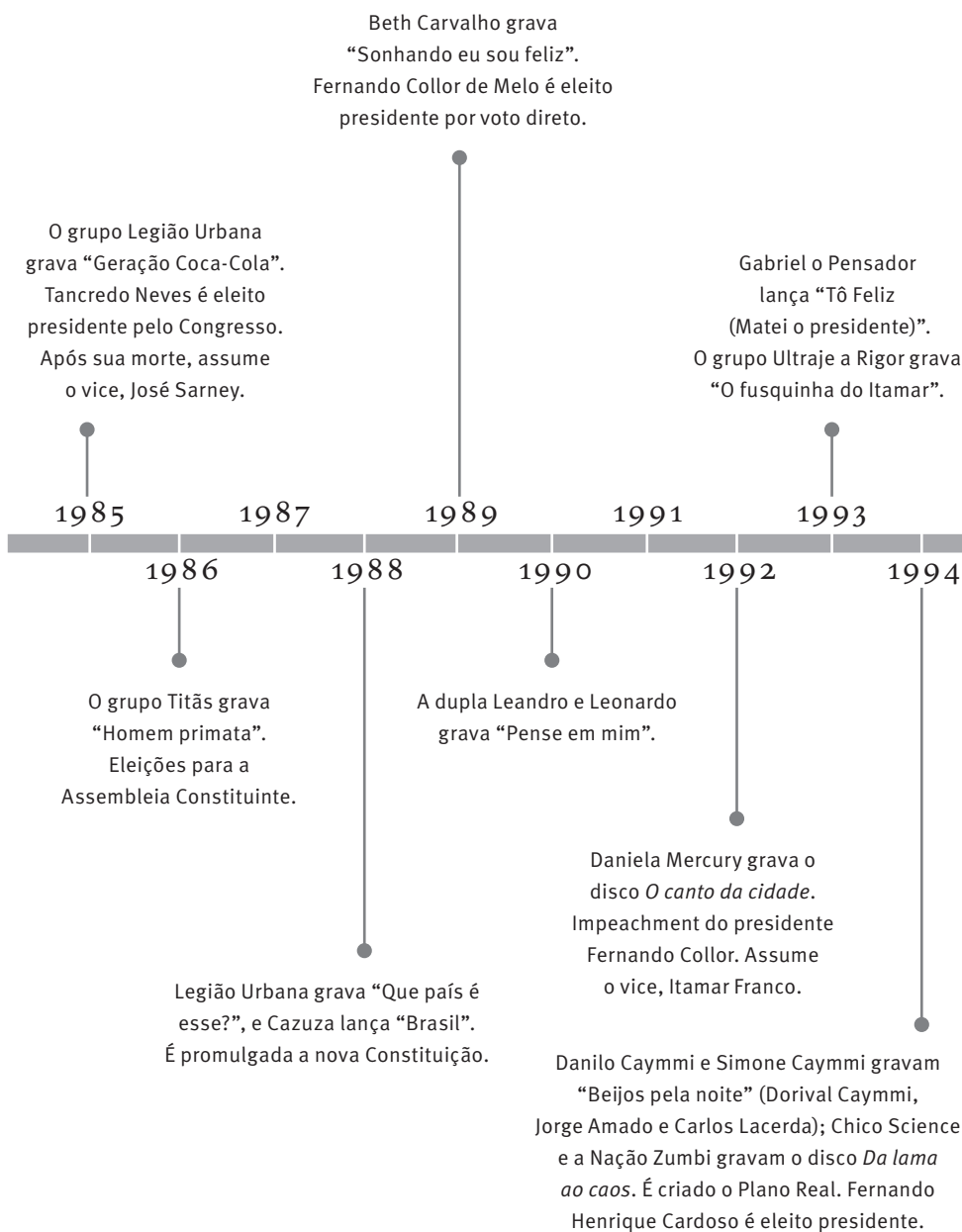
Vai passar
Nessa avenida um samba popular.
Cada paralelepípedo da velha cidade
Essa noite vai se arrepiar...

8. “Geração Coca-Cola”



“Somos os filhos da revolução
Somos burgueses sem religião
Somos o futuro da nação
Geração Coca-Cola.”

RENATO RUSSO, “Geração Coca-Cola”



O PERÍODO DE JOSÉ SARNEY na Presidência da República foi o auge do “BRock”, termo criado pelo jornalista Arthur Dapieve para caracterizar o momento de explosão comercial e criativa do rock nacional. O ritmo caracterizava todo um tempo jovem que podemos chamar de “Geração Coca-Cola”, em alusão à música de Renato Russo, líder da banda Legião Urbana. Os roqueiros incorporaram em suas obras as angústias de uma geração que lidou com um mundo multifacetado num país pós-ditadura.

Um dos compromissos do presidente Sarney era acabar com o alto custo de vida. Ministros e planos econômicos mirabolantes eram derrubados pelo dragão da inflação. Era o efeito do capitalismo selvagem, cantado pelo grupo Titãs em “Homem

A GENTE SOMOS “INÚTEU!”

Em 1983, antes da campanha das Diretas Já naufragar no Congresso Nacional, a banda Ultraje a Rigor lançou “Inútil”, do vocalista Roger Moreira. O iconoclasta Ultraje fez a fotografia de um país que tentava entrar no regime democrático “Sem saber escolher presidente”:

A gente não sabemos

Escolher presidente.

A gente não sabemos

Tomar conta da gente.

...

“Inúteu”!

A gente somos “inúteu”!

primata” (Sérgio Britto, Marcelo Fromer, Nando Reis e Ciro Pessoa), no bolso dos brasileiros:

O homem criava
E também destruía.
Homem primata,
Capitalismo selvagem.

Em “O eleito”, o cantor e compositor Lobão, em parceria com Bernardo Vilhena, atacava o presidente Sarney e sua eleição indireta, seus planos econômicos, a possível corrupção de seu governo – “com honestidade pelo avesso” – e até seu lado escritor, seus versos “mal-escritos”. O tom da música trazia a acidez das críticas da geração dos anos 1980 contra a classe política:

O palácio é o refúgio mais que perfeito
Para os seus desejos mais que secretos.
Lá ele se imagina o eleito,
Sem nenhuma eleição por perto.

Mesmo sem “nenhuma eleição por perto”, Sarney deu continuidade ao processo de democratização das instituições e legou às futuras gerações a Constituição de 1988. Ainda assim, a pergunta do compositor Renato Russo em “Que país é esse?” pairava no ar:

Ninguém respeita a Constituição,
Mas todos acreditam no futuro da nação.
Que país é esse?
Que país é esse?

O cantor e compositor Cazuza, um dos principais nomes da geração do “BRock”, não tinha a resposta na ponta da língua para o “Brasil” (Cazuza, George Israel e Nilo Romero):

Brasil!

Qual é o teu negócio?

O nome do teu sócio?

Confia em mim!

E procurava uma “Ideologia” para viver (Roberto Frejat e Cazuza):

Meu partido

É um coração partido

...

Ideologia!

Eu quero uma pra viver.

Apesar de todas as polêmicas e das emendas posteriores alterando algumas de suas definições – a exemplo da reeleição para prefeitos, governadores e presidente da República –, a Constituição de 1988 consolidou garantias importantes para a sociedade. Ela limitava o período presidencial em quatro anos, mas Sarney queria mais um aninho. Para obter esse tempo, o presidente assinou concessões a canais de rádio e TV a torto e a direito, e conseguiu aprovar um mandato de cinco anos no Congresso. “É”, o direito de resposta, veio pela voz de Gonzaguinha:

É!

A gente quer viver pleno direito,

A gente quer viver todo respeito,

A gente quer viver uma nação.

A gente quer é ser um cidadão.

Aproveitando a nova Constituição, os metalúrgicos da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), em Volta Redonda, no Rio de Janeiro, resolveram recomeçar o processo de negociação salarial. Logo aconteceria o primeiro confronto entre a PM e um grupo de trabalhadores. Na calada da noite, o Exército lembrou o tempo da ditadura tirando a vida de três operários. E a música desse contexto não seria um rock da “Geração Coca-Cola”, mas um pagode da “Geração Cacique de Ramos”, “Sonhando eu sou feliz”, de Arlindo Cruz, Marquinho PQD e Franco, que dava “uma volta redonda” e sacudia o país:

Se andam espalhando bomba,

Um bom malandro não tomba,

Dá uma volta redonda e acerta o país.

Tô sonhando, mas eu sou feliz.

No campo, os conflitos eram constantes. Ser sindicalista em várias áreas rurais do país significava estar com um pé na cova. Assim aconteceu com Chico Mendes, ambientalista e presidente do Sindicato dos Trabalhadores de Xapuri, no Acre. Sua defesa dos povos da floresta passou a surtir efeito, e ele entrou na mira dos pistoleiros. Foi brutalmente assassinado. O grupo de reggae Cidade Negra compôs a música “Assassinatureza”, dedicada à memória do acreano:

Ei, você aí,

Você que está matando as ervas,

As árvores,

Poluindo os rios
E assassinando os animais.

O governo Sarney terminava melancolicamente. A banda de rock Os Paralamas do Sucesso mostrava na letra de “Perplexo”,

“SIM, É O CACIQUE DE RAMOS”

Com grande sucesso na década de 1980 nas rádios e no mercado fonográfico, a safra de artistas da “Geração Cacique de Ramos” teve um perfil particular na história do gênero. Era praticamente o primeiro grupo que surgira fora do universo das escolas de samba. Com o advento dos megadesfiles carnavalescos, o espaço do compositor transferia-se das rodas de quadra das agremiações para as rodas de pagode no Cacique Ramos e em outros espaços. O pagode, cuja alma reside nas rodas, trazia consigo a possibilidade de revigorar o samba. Com o tempo, o termo foi adquirindo novas acepções, mais ligadas ao gênero musical e suas transformações. Surgiu até a expressão “samba de raiz” para se contrapor ao pagode “comercial”, feito muitas vezes por grupos “paulistanos”. Mas a explosão comercial do pagode abriu as portas para todas as tribos. A dupla Nei Lopes e Cláudio Jorge veio “sem essa de estilo ou classe social” na música “Uma festa no samba”, cantada por Luiz Carlos da Vila:

E essa grande quizomba
Só prova que o samba está sempre na crista

...

E foi um sucesso a festança na Quinta da Boa Vista,
Reunindo milhões e milhões de sambistas
Sem essa de estilo ou classe social.

de Herbert Vianna, Bi Ribeiro e João Barone, como a sociedade estava “perplexa” com a difícil realidade do país:

Tentei te entender,
Você não soube explicar.
Fiz questão de ir lá ver,
Não consegui enxergar.

Em 1989, quase trinta anos depois da última eleição direta, o presidente do Brasil seria eleito pelo voto direto. O segundo turno da disputa ficou entre Lula (PT) e Fernando Collor de Melo (Partido da Reconstrução Nacional, PRN), o “Caçador de Marajás”. O jovem governador de Alagoas, perseguidor implacável de funcionários com altos salários no estado, era visto como fenômeno novo na política brasileira. Caiu nas graças das elites – e não tardaria a cair nas graças do povo.

A mídia nativa dava destaque ao governador que combatia a corrupção. Mas, afinal, quem era aquele meteoro político construído como não político? Era filho do senador Arnon de Mello (UDN), prefeito biônico de Maceió, eleitor de Maluf (na eleição indireta para a Presidência da República) e governador eleito na onda do Plano Cruzado de Sarney. Ah! E a família Collor era dona de uma reprodutora da TV Globo em Alagoas. O jingle do “Caçador de Marajás” anunciava um Brasil novo:

O Brasil já decidiu que vai mudar.
É a vez do povo anunciar
Um Brasil novo que vai chegar.
Collor, Collor, Coooollooorrr!

No telejornal de maior audiência do país, o *Jornal Nacional*, exibido à noite pela TV Globo, parte do debate presidencial do segundo turno foi visivelmente editado a favor de Collor. Apesar de tudo, sua vitória foi apertada, apenas 4 milhões de votos. Mas essa novela não teria um final feliz.

Faltando quinze dias para Collor tomar posse, o carnaval carioca cantou sua eleição. O bloco Suvaco do Cristo, em “República dos vira-latas”, de Lenine e do escritor Bráulio Tavares, queria saber qual era a República do presidente eleito:

E a República?

República dos vira-latas,

Das concordatas, do economês.

República do golpe baixo,

É muito escracho com a cara de vocês.

A escola de samba Unidos do Cabuçu, do Rio de Janeiro, rasgou um enredo “collorido”: “Será que votei certo para presidente?” O último carro trazia um quadro com Collor na Santa Ceia, cercado por apóstolos marajás. A agremiação apresentou um desfile confuso, entre a crítica e um sopro de ufanismo:

Se votei certo, só mesmo o tempo dirá.

Peço a Deus, sinceramente,

Que ilumine o presidente

Desde agora, desde já.

Bem, no começo de seu mandado, o presidente deu uma resposta ao samba-enredo da Unidos do Cabuçu: de forma autoritária, confiscou a caderneta de poupança do povo. Idealizado

pela ministra da Economia, Zélia Cardoso de Melo, o “Plano Collor” ainda extinguiu o cruzado e restabelecia o cruzeiro como moeda oficial. O músico Gaúcho da Fronteira, em “Éramos felizes e não sabíamos”, cantava o plano da “Tia Zélia”:

Tia Zélia disse e falou:

“Não é como antigamente.

O povo que se prepare,

No pacote tem presente.”

Enquanto o presidente Collor chamava os carros nacionais de carroças, o trio elétrico na Bahia passava a todo vapor. O axé music ditava as regras durante a festa de Momo. Assim como o forró, axé é um termo guarda-chuva que abriga uma série de tendências musicais – samba, pop, samba-reggae e frevo baiano, entre outros. Diferente da marchinha e do samba-enredo, que por vezes jogam confetes e serpentinas em políticos, o axé music raramente usa a política como temática. A não ser os grupos afros, que trouxeram à baila debates sobre identidade, referentes à “africanidade”, tema que até então contava com divulgação restrita, quase inexistente, na mídia. O grupo afro Olodum, em “Protesto olodum” (Tatau), cantou a história do negro e pediu liberdade ao povo do Pelô (lembrando o líder Nelson Mandela):

Desmound Tutu,

Contra o apartheid lá na África do Sul,

Vem saudando o Nelson Mandela,

O olodum.

Em 1992, o grande sucesso do carnaval brasileiro foi a música “O canto da cidade” (Daniela Mercury e Tote Gira), interpretada por Daniela Mercury:

A cor dessa cidade sou eu.

O canto dessa cidade é meu.

Se a Bahia é o berço do axé e o trio elétrico é seu veículo, “O Painho do Ritmo” era o baiano Antonio Carlos Magalhães. ACM deu o tom da política nacional em boa parte da “Nova República”. Fez muita gente vestir seu abadá, e pobre de quem ficava de fora, na pipoca...

Collor tinha fôlego de sobra para correr atrás do trio elétrico. O presidente mostrava-se um homem de grande vitalidade física, um desportista. Passeava de jet-ski, de moto e lutava caratê para as câmeras de televisão. Mais uma vez o ácido Lobão compôs, com Tavinho Paes, uma música que chamava Collor de “Presidente mauricinho”:

O presidente sai de moto

Pelo eixão monumental.

O presidente anda a mil

No país do carnaval.

Certamente Lobão e seus companheiros de rock não faziam parte da trilha sonora de Fernando Collor, seus amigos e parentes quando se reuniam na Casa da Dinda, residência de Collor e de sua matriarca, Leda Collor (a Dinda). Eles gostavam de música sertaneja. As duplas Chitãozinho e Xororó, Leandro e Leonardo e Zezé Di Camargo e Luciano eram as

melhores representantes desse estilo musical. Os sertanejos empurraram o “BRock” para fora da mídia, expressando parte do gosto musical do presidente e dos seus mais de 35 milhões de eleitores. A dupla Leandro e Leonardo, particularmente, era o xodó da família. Os dois frequentavam os comes e bebes da Casa da Dinda, curtindo a intimidade do lar. Seu grande sucesso, “Pense em mim” (Douglas Maio, José Ribeiro e Mário Soares), foi um fenômeno de rádio e emplacou a venda de milhões de discos:

Pense em mim,
Chore por mim,
Liga pra mim,
Não, não liga pra ele.

Longe das baladas da Casa da Dinda, a inflação voltou a dar as caras e fez a classe média ficar frustrada. O sacrifício fora inútil. A alegria na Casa da Dinda já não era mais a mesma. Numa entrevista bombástica do irmão do presidente, Pedro Collor, diversos ministros, altos funcionários e o próprio Collor eram apontados como participantes de um grande esquema de corrupção comandado por Paulo César Faria, o PC, ex-tesoureiro de Collor. O rapper Gabriel o Pensador perguntava, em “Lavagem cerebral”:

Me responda se você discriminaria
Um sujeito com a cara do PC Farias.
Não, você não faria isso, não.
Você aprendeu que o preto é ladrão.

As denúncias levaram o Congresso a abrir uma CPI para investigar o chamado “Esquema PC”. No começo de setembro de 1992 foi encaminhado à Câmara o pedido de impeachment do presidente. Era o fim do “Caçador de Marajás”. Estudantes, que ficaram conhecidos como “caras pintadas”, pediam nas ruas de todo o país “Fora Collor!”. A televisão também incendiava com a minissérie *Anos rebeldes* (de Gilberto Braga), exibida na TV Globo ao som de “Alegria, alegria” de Caetano Veloso:

Caminhando contra o vento,
Sem lenço e sem documento...

Ironia do destino, agora que o Ibope de Collor estava baixo, a TV Globo, incentivava seu impeachment. O presidente foi considerado inelegível por oito anos e saiu do palácio do Planalto pela porta dos fundos. Em “Tô feliz (Matei o presidente)”, de Gabriel o Pensador, ouvimos a voz de Collor – distorcida, claro –, utilizando seu famoso bordão, “minha gente”:

E o velório vai ser chique.
Sem falta eu tô lá.
É, ouvi dizer que é o PC que vai pagar.

O mineiro Itamar Franco, vice de Collor, assumiu a Presidência da República. Não se diria que o novo presidente fosse adepto do rap ou da axé music. Talvez até gostasse, quem sabe... Sem dúvida sua eterna solteirice e sua fama de namorador liberavam um espírito carnavalesco bem dionisíaco. Em 1994, Itamar Franco estava no Sambódromo, no Rio de Janeiro, curtindo o desfile das escolas de samba ao som do enredo da Estação Primeira de Mangueira:

Bahia é luz
De poeta ao luar,
Misticismo de um povo.
Salve todos orixás.

Itamar se acabava no camarote ouvindo o samba “Atrás da verde e rosa só não vai quem já morreu” (David Corrêa, Paulinho Carvalho, Carlos Sena e Bira), quando de repente apareceu bem pertinho dele a modelo Lilian Ramos. E o samba continuava: “Atrás da verde e rosa/ Só não vai/ Quem já morreu.” De uma hora para outra, a moça levantou os braços para sambar e foi flagrada pelos fotógrafos sem... calcinha! Isso é que é governo transparente. As fotos viraram manchete de jornais, revistas, não se falava outra coisa no carnaval. O presidente dava demonstrações de que estava apaixonado pela atriz e modelo. Esse era o estilo Itamar: simples, mulherengo, austero na vida pública, ranzinza e idiossincrático. Em vez de curtir carros supersônicos como Collor, ele gostava mesmo era de um fusquinha. “O fusquinha do Itamar” (Roger Moreira) foi levado de reboque pelo grupo Ultraje a Rigor, que aproveitou a viagem para colocar no bagageiro parte da frota dos nossos presidentes:

Primeiro foi o fusca do Juscelino,
Depois veio o DKW, o Simca Chambord.
Tudo isso sem falar no tremendo tapa que eu levei
Com a história da carroça do Collor.
E agora isso!

Se dependesse da ajuda de alguns parlamentares, o Brasil continuaria com sua imagem manchada pela corrupção. Entre

1993 e 1994, o país assistiu boquiaberto às denúncias contra os deputados da Comissão de Orçamento. Conhecidos como “Anões do Orçamento”, em razão de sua baixa estatura física e moral, eles favoreciam empresas em troca de gordas propinas. Um deles, o deputado João Alves, especializado em lavar dinheiro, chegou a justificar sua riqueza dizendo ser um homem “abençoado por Deus”: ganhou 121 vezes na loteria. Cabra de sorte! Com a apuração dos fatos, vários dos “anões” foram cassados pelo Congresso. Gol para a democracia. O presidente do PT, Luiz Inácio Lula da Silva, a voz oposicionista mais importante da época, numa entrevista instigada pelos escândalos, acabou afirmando que o Congresso tinha “trezentos picaretas com anel de doutor”. Aproveitando o mote, o grupo Os Paralamas do Sucesso lançou a música “Luiz Inácio (trezentos picaretas)” (Herbert Vianna). Shows foram cancelados em Brasília, e algumas rádios proibiram sua execução. O clima de volta da censura não impediu que Os Paralamas registrassem a música no CD *Vamo batê lata*: “Luiz Inácio falou, Luiz Inácio avisou:/ São trezentos picaretas com anel de doutor./ Luiz Inácio falou, Luiz Inácio avisou.”

Apesar dos escândalos de corrupção no Congresso, o governo Itamar Franco aos poucos conseguiu se acertar. O presidente sempre teve fama de político honesto, que não se metia em falcatruas. Ao convocar o senador Fernando Henrique Cardoso (do Partido da Social Democracia Brasileira, PSDB) para assumir o Ministério da Fazenda, preparou o terreno para o pulo do gato na economia brasileira: o Plano Real.

O sociólogo Fernando Henrique, professor na Universidade de São Paulo, era um intelectual de prestígio e com trajetória ligada à esquerda. Saiu do PMDB para formar o

BEZERRA DA SILVA FALOU, BEZERRA DA SILVA AVISOU!

Antes da primeira eleição direta da “Nova República”, o cantor e compositor Bezerra da Silva lançou “Candidato caô caô” (Walter Meninão e Pedro Butina). O samba virou referência do candidato politicamente incorreto, que só aparece no morro em época de eleição:

Ele subiu o morro sem gravata,
Dizendo que gostava da raça.
Foi lá na tendinha,
Bebeu cachaça,
E até bagulho fumou.

Em 1992, quando Collor caiu, Bezerra da Silva “trabalhava” como cabo eleitoral no morro, defendendo sua rapaziada no disco *Presidente caô caô*. O samba jingle “Se não fosse a ajuda da rapaziada” (Bolão “Sax Tenor” e Rabanada) foi eleito como a melhor faixa do CD:

É o candidato caô,
Só visita o morro
Quando é tempo de eleições.
Chega dando beijos e abraços,
Tapinha nas costas e aperto de mão.

PSDB. O povão e a classe média já estavam de saco cheio de tanto economês.

Em 10 de julho de 1994, o real passou a circular pelo país, e o brasileiro começou a sentir no bolso os efeitos das novas medidas econômicas. A inflação estava controlada. Mas não seria num passe de mágica que a realidade do país iria mudar. No

ano do Plano Real, o grupo Skank lançou “Esmola” (Samuel Rosa e Chico Amaral), um retrato da miséria nas esquinas:

Uma esmola, pelo amor de Deus.

Uma esmola,

Meu! Por caridade!

Uma esmola

Pro ceguinho, pro menino.

Em toda esquina,

Tem gente só pedindo.

Se antes o trabalhador não conseguia nem saber o preço do arroz, do feijão e da passagem de ônibus – que, com a galopante inflação, era alterado quase diariamente –, a estabilização econômica permitiu um melhor planejamento do gasto familiar, facilitando até o crescimento do crediário. E o grupo Mamonas Assassinas entrou na onda dos cartões, dos cheques e boletos, na música “Chopis centis” (Dinho e Julio Rasec):

Quanta gente,

Quanta alegria,

A minha felicidade

É um crediário

Nas Casas Bahia.

O real parecia ter vindo para ficar, e Fernando Henrique também. O sucesso do plano econômico lançou o peessedebista como forte candidato à Presidência da República, e nenhum outro teve chance de reagir diante do sucesso da estabilização monetária. A oposição não percebeu a importância da

queda da inflação e, nos debates, falava que o plano era uma farsa. Erro do discurso. Fernando Henrique ganhou no primeiro turno com a tranquilidade de quase 35 milhões de votos. A passagem da faixa presidencial marcaria uma das sucessões mais calmas de toda a história republicana...

No primeiro carnaval do governo FHC, a escola de samba Unidos de Vila Isabel entrou no Sambódromo do Rio de Janeiro cantando a história do dinheiro, “Cara e coroa, as duas faces da moeda”, de André Diniz e Evandro Bocão. A Vila botou fé no Plano Real, cheia de alto astral:

D. João trouxe o progresso,
A inflação deixou de herança,
No real, realidade é a esperança.

...

No azul desse mar eu faço o meu carnaval
Com a Vila levantando o meu astral.

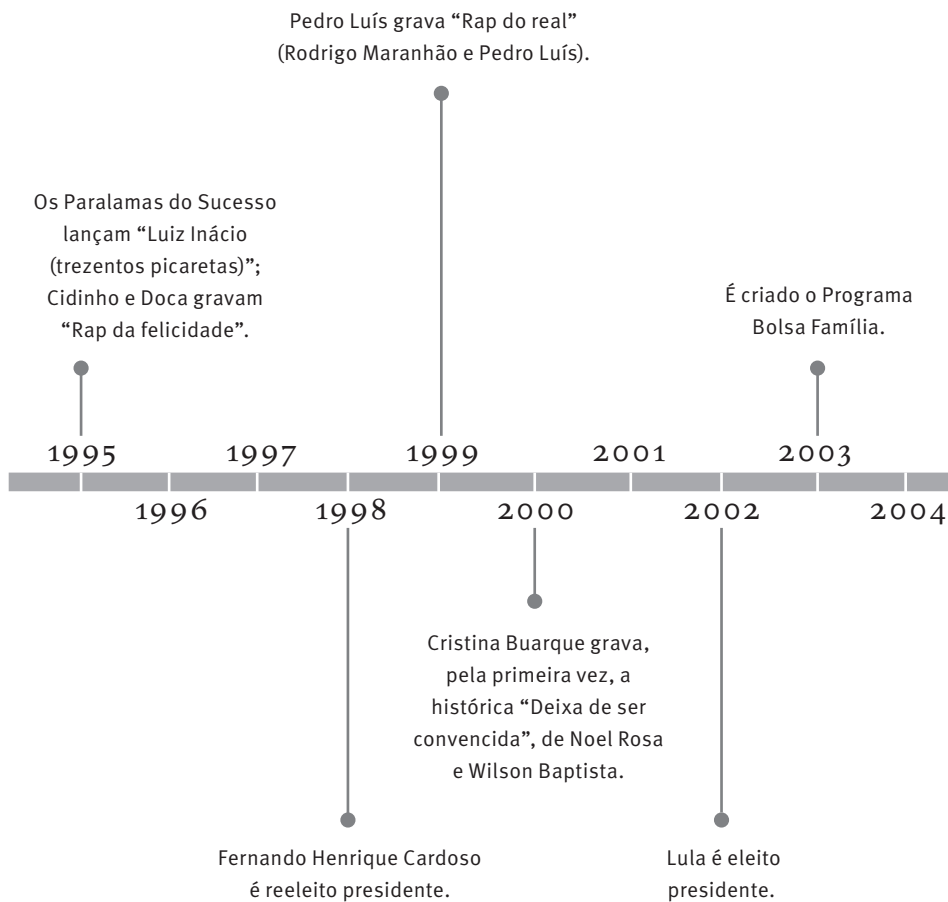
O Plano Real mudou a vida de milhões de brasileiras e brasileiros, mas não seria o samba-enredo que daria o ritmo dos próximos presidentes. Agora a corte da política dançaria ao som do funk, do rap, do “mangue beat”, do tecnobrega, do sertanejo universitário, caminhando e cantando e pouco ouvindo a canção.

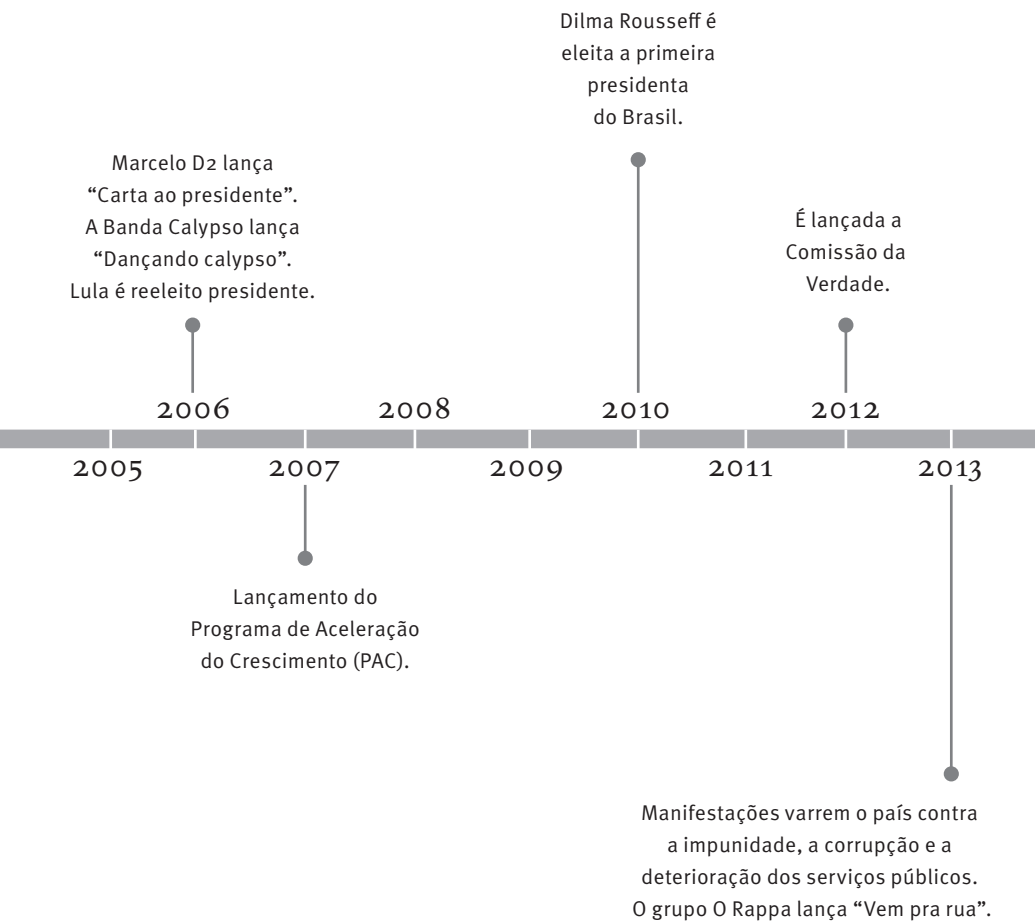
9. No batidão do real



“Parapapapapapapapa
Parapapapapapapapa
Papapapapapapara clack bum
Parapapapapapapapa
Fé em Deus, DJ,
Vamo lá.”

MC JÚNIOR e MC LEONARDO, O “Rap das armas”





SOB ÊXITO BOMBÁSTICO do Plano Real e da estabilização econômica, o recém-eleito presidente Fernando Henrique Cardoso gozava de boa popularidade e tinha ampla base de apoio no Congresso. FHC alardeava que o povo estava colocando dentadura, consumindo mais frango, iogurte e produtos eletrônicos. No funk “Rap da felicidade”, de Cidinho e Doca, o baile cantava:

Eu só quero é ser feliz,
Andar tranquilamente
Na favela onde eu nasci.
É...

Nos anos 1990, a classe média tomou conhecimento do funk e do hip-hop, duas linguagens musicais dos jovens das periferias e das favelas que crescem nas principais metrópoles brasileiras. Com a ausência do Estado, em meio à proliferação de igrejas evangélicas e na mira do fuzil de milicianos, traficantes e policiais, os jovens têm o futuro abreviado. A cultura que emergiu desses ambientes produz diversão, festas, críticas, conflitos e projetos sociais que enriquecem as experiências do Brasil contemporâneo. Passamos da zona oeste carioca, do bairro de Cidade de Deus, dos funkeiros Cidinho e Doca, à zona oeste paulista, no bairro de Carapicuíba, dos pagodeiros do Negritude Júnior. O recado era dado ao “Senhor presidente” por Netinho de Paula e Waguinho:

Senhor presidente, espero que se encontre bem,
Pois a nossa gente ainda anda esmagada no trem.
Idosos vendendo pipoca e amendoim.
Que país é este, meu Deus, o que será de mim?

O Plano Real tirou 8 milhões de brasileiros da linha de pobreza. Entretanto, o alto índice de desemprego, os pífios investimentos nas áreas sociais, o déficit histórico de investimento em infraestrutura e moradia deixavam milhões de brasileiros sem esgoto tratado e água encanada. Em “A cidade”, de Chico Science e Nação Zumbi, para ser feliz era preciso sair da “lama e enfrentar os urubus”. Misturando música eletrônica, rap e rock aos tradicionais maracatu, coco, ciranda, caboclinho, Chico Science e Nação Zumbi sacudiram a música brasileira com o movimento “mangue beat”:

Eu vou fazer uma embolada, um samba, um maracatu,
Tudo bem envenenado, bom pra mim e bom pra tu,
Pra gente sair da lama e enfrentar os urubus. Ê...

Aprovada a reeleição no Congresso depois de muita barganha política, Fernando Henrique venceu Lula outra vez nas urnas. O compositor Pedro Luís reproduzia os gritos dos camelôs em “Rap do real”, alertando sobre o crescente subemprego:

Com quantos reais se faz uma realidade?
Preciso muito sonho pra sobreviver numa cidade
...
Um real aí, é um real.

FHC fez da privatização uma de suas principais bandeiras. Várias empresas estatais foram vendidas, como a Vale do Rio Doce, uma das maiores mineradoras do mundo. Não adiantou a grita da oposição. Na música “Negócio do Brasil”, o grupo Mundo Livre S/A ironizou a ideia de vender o país:

Pode ser às claras,
Ninguém vai notar.
Mesmo que algo vaze, vai evaporar.
Sua Excelência autoriza aquela venda...

No campo, a tensão crescia. Os embates tomaram proporções incontroláveis. O mais conhecido enfrentamento aconteceu entre o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) e a Polícia Militar, em Eldorado dos Carajás, no Pará, em 1996. A polícia matou dezenove trabalhadores, dezenas de pessoas ficaram feridas. Somente em maio de 2012 o coronel Mário Colares Pantoja e o major José Maria Pereira de Oliveira foram presos e condenados. Sob o impacto do massacre de Eldorado dos Carajás e na defesa da reforma agrária foi lançado em 1997 o livro *Terra*, com a participação de Chico Buarque (autor das músicas do CD), do fotógrafo Sebastião Salgado e do escritor José Samarago, Prêmio Nobel de Literatura. A composição “Assentamento”, de Chico, se inspirou nos versos do escritor Guimarães Rosa:

Quando eu morrer,
Cansado de guerra,
Morro de bem
Com a minha terra.

Em 1998, ao abrir as portas de seu segundo governo, FHC de cara teve de enfrentar a crise econômica dos “tigres asiáticos” (Tailândia, Filipinas, Malásia e Indonésia), com reflexos imediatos sobre o Brasil. O grupo de reggae Tribo de Jah mandou em “Globalização: o delírio do dragão” (Fauzi Beydoun) o seu alô sobre a crise:

Não sentem o momento crítico, talvez apocalíptico.
Os tigres asiáticos são um exemplo típico,
Agora mais parecem gatinhos raquíticos e asmáticos.

Na área da energia elétrica, não se via luz no fim do túnel.
Os brasileiros passaram a fazer economia no consumo de luz.
Era o risco de apagão. A música “Quando a maré encher”, do grupo Nação Zumbi, soava como um mantra nos ouvidos do governo, preocupado com o nível de água dos reservatórios:

Fui na rua jogar bola, ver os carros correr,
Tomar banho de canal quando a maré encher,
Quando a maré encher, quando a maré encher...

Desgastado depois de oito anos de governo, com suas bases políticas sofrendo a pressão de denúncias, de greves pelo país todo, alta taxa de desemprego e uma grande dívida social, o presidente FHC não conseguiu emplacar seu sucessor. O rap “Ei, presidente”, de Gog, fez um prognóstico da derrota:

Ei, presidente, li um dos seus livros,
Um best-seller do socialismo,
Confusões, relatos sinceros,
Um defensor da foice e do martelo, ham...

Ao ampliar sua base política, o PT e seu candidato Lula acabaram derrotando José Serra, do PSDB, no segundo turno das eleições de 2002. O vice era um empresário e senador pelo Partido Liberal, José Alencar. Lula ganhou com o aval de 61,27% dos votos válidos.

O governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva começou sob a desconfiança do mercado financeiro e de parte do empresariado. Parecia que só o povão levava fé na caneta do presidente, apesar dos tropeços iniciais na condução da política social, sobretudo do programa Fome Zero. A dupla Caju e Castanha mandou um recado na embolada “A Fome Zero zerou”:

Peço ao nosso presidente que nos dê mais atenção,
Essa tal de Fome Zero tá uma esculhambação,
Arrecada as comida, mas não chega pro povão!

Então o governo resolveu unificar as iniciativas já existentes na gestão FHC criando o Programa Bolsa Família, com melhor estrutura e verbas mais vultuosas. O Programa virou uma das grandes marcas do governo Lula quanto à inclusão social e uma referência internacional no combate à pobreza. O Estado interferia na vida dos cidadãos mais humildes e gerava melhorias que não se restringiam apenas aos diretamente beneficiados. Como mais dinheiro entrava em circulação, houve um incremento na venda de alimentos, roupas e eletrodomésticos, sobretudo em áreas como Norte, Nordeste e nas periferias das grandes cidades.

A governabilidade teve um preço alto para o PT. Graças à ampliação para o centro de sua base política, o governo incluiu entre seus parceiros nomes como o do deputado do PTB Roberto Jefferson, conhecido por ter sido um dos homens da “tropa de choque” do governo Collor. Acuado por irregularidades na Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos, na qual dava as cartas, Jefferson resolveu denunciar o que ficou conhecido pela imprensa como Mensalão, o esquema de propinas para os deputados votarem a favor do governo. Vários parlamentares do PT e de outros partidos aliados viram-se

envolvidos nas denúncias. O episódio do Mensalão inspirou o grupo de rock Titãs a lançar, “Vossa Excelência” (Charles Gavin, Paulo Miklos e Tony Bellotto):

Estão nas mangas
Dos senhores ministros.
Nas capas
Dos senhores magistrados.
Nas golas
Dos senhores deputados.

Em 2006, o cantor irlandês Bono Vox, da banda U2, estava no Brasil para um show e improvisou uma versão de “No woman, no cry”, de Bob Marley, para o presidente Lula:

I remember Carnival
In the beautiful city of Salvador.
A new Brazil is coming.*

Bono Vox acertou no prognóstico. Em 2006, esse “novo Brasil” reelegera Lula com 60,8% dos votos no segundo turno. Antes de iniciar mais um mandato, o presidente “recebeu” do rapper Marcelo D2 a letra de “Carta ao presidente” (Marcelo D2 e Renato Venom):

O Brasil quer mudar, crescer, pacificar,
Com uma justiça social que tanto alguns tentam conquistar.

* “Eu me lembro do Carnaval/ Na bela cidade de Salvador./ Um novo Brasil está chegando.”

Se em algum momento algum político conseguiu despertar a
esperança,
O final da história é uma lambança.

...

Sem mais delongas,
Não repare o sorriso amarelo,
Um abraço do ainda amigo
Marcelo.

Em 2007, o presidente Lula lançou o Programa de Aceleração do Crescimento, PAC, com a finalidade de fazer investimentos na infraestrutura do país. Lula entregaria a Presidência bombando na aprovação popular e na onda do “Funk do Lula”, da Gaiola das Popozudas:

Conheci o Lula no Complexo do Alemão,
E ele não tirou o olho do meu popozão.
Com todo respeito, senhor presidente,
O senhor gostou de mim, e o seu olhar não mente,
Mas, senhor presidente, meu papo é outro.
Sou popozuda e represento a voz do morro.
Luiz Inácio é do povo e escuta o que ele diz.
A favela tem muita gente que só quer é ser feliz.
Que Dilma, que nada! Me leva pra Casa Civil,
Vou pôr o som na caixa e balançar o quadril.
O funk não é problema, para alguns jovens é a solução.
Quem sabe algum dia viro ministra da Educação.

O presidente ouviu com atenção o “Funk do Lula”. Tirou a ministra Dilma da Casa Civil para ela concorrer à Presidência. Com a campanha acirrada entre os militantes no segundo

turno, houve um fato no Rio de Janeiro que caiu no gosto dos sambistas. Durante um corpo a corpo, o candidato José Serra (PSDB) foi atingido por um objeto “terrível”. Alguns veículos de comunicação, querendo ver o circo pegar fogo, aumentaram o tamanho e o peso do artefato, uma simples bolinha de papel. O compositor Tatinho da Mangueira, um dos representantes da linhagem do samba de partido-alto, aproveitou e fez um partido que correu na internet, em parceria com o portelense Sérginho Procópio, “Bolinha de papel”:

Deixa de ser enganador,
Pois bolinha de papel
Não fere nem causa dor.

Seria o partido-alto a trilha sonora do governo Dilma? Em 1984, o compositor Aniceto do Império, outro craque na arte de versar nas rodas de samba, gravou a visionária música “Mulher na Presidência”:

Se acaso acontecer
Uma mulher na Presidência?
É sapiência,
É sapiência.

Ou voltariamos ao rock do Ultraje a Rigor, “Eu gosto de mulher”?

Mulher de corpo inteiro.
Não fosse por mulher, eu nem era roqueiro.
Mulher que se atrasa, mulher que vai na frente,
Mulher dona de casa, mulher pra presidente.

Na eleição, deu “mulher pra presidente” e “mulher na Presidência”. Dilma virou a primeira presidenta do Brasil e assumiu sob o sucesso do tecnobrega e do sertanejo universitário. O primeiro surgiu no Pará, misturava música eletrônica com canções “bregas” e rapidamente ganhou os grandes centros urbanos. A Banda Calypso, uma das precursoras do novo ritmo, emplacou o hit “Dançando calypso” (Josiel e Carla Maués):

Chega pra cá, meu bem,
Que vou te ensinar
A nossa dança do estado do Pará.
É o calypso que chegou para ficar.

E se os ministros da presidenta Dilma tinham dificuldades para mexer o pezinho e soltar o corpo com a dança do grupo Calypso – até porque a mandatária do país tem uma cintura... digamos... dura –, eles podiam ao menos bailar juntinhos, ao som do sertanejo universitário, mescla do antigo clima romântico do gênero com levadas mais rápidas, agitadas, para agradar e embalar as noites da juventude. É um new sertanejo com forte pitada de axé e pop rock. Os compositores Wilian e Marcelo, na letra de “Tsunami”, reclamam de uma mulher que como uma onda gigante levou tudo de casa:

Essa mulher é um tsunami,
Chegou sem avisar, chegou fazendo onda,
E quando foi embora
Levou a minha casa, levou o meu dinheiro e o
Carro e meu terreno, e ainda sujou meu nome.

E a presidenta Dilma seria um tsunami para o Congresso Nacional. Acostumada ao estilo conciliador de Lula, a classe política passou a conviver com uma governante dura nas negociações e pouco afeita aos sabores do fisiologismo. Ela demitiu ministros envolvidos em denúncias, deu bronca em correligionários, cobrou eficiência dos seus comandados e passou para a população a imagem de pessoa austera e trabalhadora. Aos poucos Dilma foi imprimindo seu ritmo. Se o Brasil não cresceu economicamente como na era Lula, e a inflação colocou suas manguinhas de fora, a perene inclusão das camadas de baixa renda no mercado de trabalho e o avanço das políticas sociais situaram o país como referência de política nessas áreas. A taxa de emprego se manteve num patamar recorde: 19 milhões de vagas criadas em dez anos e um total histórico de 48 milhões de trabalhadores com carteira assinada.

Dilma, apesar da grita de militares e de alguns políticos, pôs em prática a Comissão da Verdade, buscando obter informações sobre pessoas torturadas, desaparecidas, presas e assassinadas pela ditadura civil-militar de 1964. Nesse caso, é bom lembrar a composição “Apesar de você”, de Chico Buarque, gravada nos anos 1970:

Quando chegar o momento,
Esse meu sofrimento,
Vou cobrar com juros, juro...

Em julho de 2013, a presidenta Dilma e a classe política tiveram que rebolar diante das mobilizações que varreram o país. Um mar de gente nunca visto na história foi para as ruas reivindicar melhorias no serviço público (sobretudo transporte) e combater a corrupção no meio político. Mobilizados pela inter-

net, sem lideranças nítidas, eles colocaram os partidos em xeque. Sua música não era “Caminhando e cantando” nem alguns dos hinos “ideológicos” do século XX. De certa maneira, grande parte desses jovens representava uma classe média emergente e novas formas de comunicação, e seu destino provavelmente dependerá de sua capacidade de diferenciar a crítica política da crítica à política e de não rejeitar a democracia. De modo coincidente, o grupo O Rappa, lançou a música “Vem pra rua”, para uma empresa automobilística, chamando o povo às ruas, em alusão a Copa das Confederações e do Mundo. Mas caiu como um bom cartaz nos MP3 dos manifestantes:

Vem, vamos com a gente,
Vem torcer, bola pra frente.
Sai de casa, vem pra rua,
Pra maior arquibancada do Brasil.

Um dos índices da deterioração da vida pública brasileira é o processo de “judicialização” da política. Decisões que deveriam ser tomadas por representantes do povo acabam deliberadas nos tribunais, como se essa instância pairasse nas nuvens. A nós só resta lembrar o sambista Bezerra da Silva na música “Meu bom juiz” (Beto Sem Braço e Serginho Meriti), torcendo para que a desgastada classe política ouça as vozes das ruas e recupere sua legitimidade:

Aaah, meu bom juiz, meu bom juiz,
Não bata este martelo nem dê a sentença
Antes de ouvir o que o meu samba diz,
Pois este homem não é tão ruim quanto o senhor pensa.

BIBLIOGRAFIA

- Andrade, Mário de. *Dicionário musical brasileiro*. Belo Horizonte, Itatiaia, 1999.
- Araújo, Paulo Cesar de. *Eu não sou cachorro, não: música popular cafona e ditadura militar*. Rio de Janeiro, Record, 2002.
- Barreto, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. São Paulo, Ática, 1995.
- Cabral, Sérgio. *As escolas de samba do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Lumiar, 1996.
- Carvalho, José Murilo de. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo, Companhia das Letras, 3ª ed., 1987.
- Castro, Maurício Barros de. *Zicartola: política e samba na casa de Cartola e Dona Zica*. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2004.
- Castro, Ruy. *Carmen: uma biografia – a vida de Carmen Miranda, a brasileira mais famosa do século XX*. São Paulo, Companhia das Letras, 2005.
- _____. *Chega de saudade: a história e as histórias da bossa nova*. São Paulo, Companhia das Letras, 1990.
- Caymmi, Stella. *Dorival Caymmi: o mar e o tempo*. São Paulo, Editora 34, 2001.
- Conti, Mario Sergio. *Notícias do planalto: a imprensa e Fernando Collor*. São Paulo, Companhia das Letras, 1999.
- Cunha, Maria Clementina Pereira. *Ecos da folia: uma história social do carnaval carioca entre 1880 e 1920*. São Paulo, Companhia das Letras, 2001.
- Dapieve, Arthur. *BRock: o rock brasileiro dos anos 80*. São Paulo, Editora 34, 1995.
- _____. *Discoteca brasileira do século XX (os anos 90)*. Rio de Janeiro, Infoglobo, 2007.

- Diniz, André. *Almanaque do samba: a história do samba, o que ouvir, o que ler, onde curtir*. Rio de Janeiro, Zahar, 2ª ed., 2007.
- _____. *Noel Rosa: o poeta do samba e da cidade*. Rio de Janeiro, Casa da Palavra, 2011.
- _____. *Pixinguinha: o gênio e o tempo*. Rio de Janeiro, Casa da Palavra/Leya, 2012.
- _____. e Diogo Cunha. *Nelson Sargento: o samba da mais alta patente*. Rio de Janeiro, Prefeitura do Rio, 2012.
- Diniz, Edinha. *Chiquinha Gonzaga: uma história de vida*. Rio de Janeiro, Zahar, 2009.
- Diniz, Júlio Cesar Valladão, Emerson Giumbelli e Santuza Cambraia Naves (orgs.). *Leituras sobre música popular: reflexões sobre sonoridades e cultura*. Rio de Janeiro, 7Letras, 2008.
- Dreyfus, Dominique. *Vida do viajante: a saga de Luiz Gonzaga*. São Paulo, Editora 34, 1996.
- Essinger, Silvio. *Batidão: uma história do funk*. Rio de Janeiro, Record, 2005.
- Faoro, Raymundo. *Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro*, 2 vols. Porto Alegre, Globo, 4ª ed., 1977.
- Faour, Rodrigo. *História sexual da MPB: a evolução do amor e do sexo na canção brasileira*. Rio de Janeiro, Record, 2006.
- Fausto, Boris. *História do Brasil*. São Paulo, Edusp/FDE, 2ª ed., 1995.
- Ferreira, Felipe. *O livro de ouro do carnaval brasileiro*. Rio de Janeiro, Ediouro, 2004.
- Franceschi, Humberto M. *A Casa Edison e seu tempo*. Rio de Janeiro, Sarapuí, 2002.
- Gaspari, Elio. *A ditadura derrotada: o sacerdote e o feiticeiro*. São Paulo, Companhia das Letras, 2003.
- _____. *A ditadura escancarada*. São Paulo, Companhia das Letras, 2002.
- Goes, Fred. *50 anos de trio elétrico*. Salvador, Corrupio, 2000.
- Gomes, Angela de Castro, Dulce Chaves Pandolfi e Verena Alberti. *A República no Brasil*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira/CPDoc, 2002.
- Gomes, Sampaio Aldamir. *Revista Nossa História: a construção do Brasil*. São Paulo, Vera Cruz, 2006.
- Grinberg, Lucia. *Partido político ou bode expiatório: um estudo sobre a Aliança Renovadora Nacional (Arena)*. Rio de Janeiro, Mauad X, 2009.
- Guerreiro, Goli. *A trama dos tambores: a música afro-pop de Salvador*. São Paulo, Editora 34, 2000.

- Hobsbawm, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX*. São Paulo, Companhia das Letras, 1997.
- Koifman, Fábio (org.). *Presidentes do Brasil: de Deodoro a Juscelino*. Rio de Janeiro, Editora Rio, vol.1, 2002.
- _____. *Presidentes do Brasil: de Jânio a Lula*. Rio de Janeiro, Editora Rio, vol.2, 2002.
- Konder, Leandro. *Barão de Itararé: o humorista da democracia*. São Paulo, Brasiliense, 2002.
- Lins, Juliana e Adriana Victor. *Ariano Suassuna: um perfil biográfico*. Rio de Janeiro, Zahar, 2007.
- Lopes, Nei. *Partido alto: samba de bamba*. Rio de Janeiro, Pallas, 2005.
- Loredano, Cássio. *O bonde e a linha: um perfil de J. Carlos*. São Paulo, Capivara, 2002.
- Lustosa, Isabel. *Histórias de presidentes: a República no Catete*. Petrópolis, Vozes, 1989.
- Mello, Zuza Homem de. *A era dos festivais: uma parábola*. São Paulo, Editora 34, 2003.
- Morais, Fernando. *Chatô, o rei do Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.
- Motta, Nelson. *Noites tropicais: solos, improvisos e memórias musicais*. Rio de Janeiro, Objetiva, 2005.
- Moura, Roberto M. *No princípio, era a roda: um estudo sobre samba, partido-alto e outros pagodes*. Rio de Janeiro, Rocco, 2004.
- Napolitano, Marcos. *História e música: história cultural da música brasileira*. Belo Horizonte, Autêntica, 2002.
- Naves, Santuza Cambraia. *Violão azul: modernismo e música popular*. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- Rodrigues, Antonio Edmilson Martins. *Nair de Teffê: vidas cruzadas*. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 2002.
- Rodrigues, Nelson. *O berro impresso das manchetes*. Rio de Janeiro, Agir, 2007.
- Rosa, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984.
- Sandroni, Carlos. *Feitiço descende: transformações do samba no Rio de Janeiro (1917-1933)*. Rio de Janeiro, Zahar, 2001.
- Santos, Paulo César dos. *Nair de Teffê: símbolo de uma época*. Petrópolis, Sermograf, 1999.
- Schmidt, Mario. *Nova história crítica do Brasil: 500 anos de história mal contada*. São Paulo, Nova Geração, 2001.

- _____. *Nova história crítica*. São Paulo, Nova Geração, 2007.
- Schwarcz, Lilia Moritz. *As barbas do Imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.
- Sevcenko, Nicolau (org.). *História da vida privada no Brasil*, vol. 3. *República: da Belle Époque à era do rádio*. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.
- Severiano, Jairo. *Uma história da música popular brasileira: das origens à modernidade*. São Paulo, Editora 34, 2008.
- Simas, Luiz Antonio e Alberto Mussa. *Samba de enredo: história e arte*. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2010.
- Souza, Tárík de. *Tem mais samba: das raízes à eletrônica*. São Paulo, Editora 34, 2003.
- Tinhorão, José Ramos. *Música popular: de índios, negros e mestiços*. Petrópolis, Vozes, 2ª ed., 1972.
- _____. *História social da música popular brasileira*. São Paulo, Editora 34, 1998.
- Veloso, Caetano. *Verdade tropical*. São Paulo, Companhia das Letras, 1997.
- Ventura, Zuenir. *1968: o ano que não terminou*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1988.
- Vianna, Hermano e Ernesto Baldan. *Música do Brasil*. São Paulo, Abril, 2000.
- Vianna, Hermano. *Galeras cariocas: territórios de conflitos e encontros culturais*. Rio de Janeiro, Ed. UFRJ, 2003.
- _____. *O mistério do samba*. Rio de Janeiro, Zahar, 1998.
- Vianna, Luiz Fernando. *Geografia carioca do samba*. Rio de Janeiro, Casa da Palavra, 2004.
- Wisnik, José Miguel e Enio Squeff. *O nacional e o popular na cultura brasileira*. São Paulo, Brasiliense, 1982.
- Zaluar, Alba e Marcos Alvito (orgs.). *Um século de favela*. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1999.

SUGESTÕES DE FILMES

1. E o Império dançou (p.11-21)

República, de Walter Avancini (minissérie, Brasil, 1989). A série foi exibida pela TV Globo no ano do centenário da República. Apresentada de forma didática e romanceada, abordava a queda da monarquia e o início da República.

Abolição, de Zózimo Bulbul (documentário, 150min, Brasil, 1988). Aborda a condição do negro no Brasil através de entrevistas realizadas com artistas, músicos, intelectuais e políticos, enfocando temas como padrão de vida dos negros, preconceito racial e desigualdade social.

2. A República do maxixe doido (p.23-34)

Policarpo Quaresma, herói do Brasil, de Paulo Thiago (drama, 123min, Brasil, 1998). Baseado no romance *Triste fim de Policarpo Quaresma*, do escritor Lima Barreto, o filme mostra os primeiros anos da República no Brasil.

3. Músicas do Catete (p.35-62)

Guerra de Canudos, de Sergio Rezende (drama, 169min, Brasil, 1997). Filme épico que recria o processo de formação, por Antônio Con-

selheiro e seus seguidores, do arraial de Canudos, no sertão da Bahia, até sua destruição pelo Exército republicano.

Revolução de 30, de Sylvio Back (documentário, 120m, Brasil, 1980). Documentário sobre o movimento que levou o gaúcho Getúlio Vargas ao poder em 1930.

4. “Seu Gegê” (p.63-80)

A era do rádio, de Woody Allen (drama, 85min, Estados Unidos, 1987). O filme faz um retrato nostálgico da era de ouro do rádio, no início da Segunda Guerra Mundial, mostrando o cotidiano de uma humilde família judia em Nova York.

Senta a pua!, de Erik de Castro (documentário, 112min, Brasil, 1999). O desembarque, no dia 6 de outubro de 1944, dos integrantes do 1º Grupo de Aviação de Caça do Brasil no porto de Livorno, Itália, para participar da Segunda Guerra Mundial.

Banana da terra, de Ruy Costa (comédia musical, 75min, Brasil, 1938). Filme que lançou o modelito pelo qual Carmen Miranda ficaria conhecida no mundo todo: uma baiana estilizada.

5. “Bota o retrato do velho outra vez” (p.81-96)

Maracanã, de Sebastián Bednarik e Andrés Varela (documentário, 70min, Uruguai, 2014). O documentário uruguaio mostra cenas e fotos raras e imagens inéditas da vitória do Uruguai sobre o Brasil na decisão da Copa de 1950.

Agosto, de Jorge Furtado e Giba Assis Brasil (minissérie, 451min, Brasil, 1993). A minissérie exibida pela TV Globo é uma adaptação do livro homônimo do escritor Rubem Fonseca. Retrata os principais acontecimentos, conflitos e disputas políticas do ano de 1954, que culminaram no suicídio do presidente Getúlio Vargas.

Getúlio, de João Jardim (drama, 100min, Brasil, 2014). O filme retrata os últimos dias de Getúlio Vargas na Presidência da República.

6. O presidente bossa-nova e outras bossas (p.97-112)

Os anos JK: uma trajetória política, de Silvio Tendler (documentário, 110min, Brasil, 1980). O documentário retrata o Brasil no período entre o suicídio de Getúlio Vargas, em 1954, e o golpe de 1964.

Coisa mais linda: história e casos da bossa nova, de Paulo Thiago (documentário, 120min, Brasil, 2005). O filme faz um painel histórico, musical e informativo do nascimento da bossa nova nos anos 1950.

Vinicius, de Miguel Faria Jr. (documentário, 110min, Brasil, 2005). O documentário mostra a vida, a obra, os amores e as músicas de Vinicius de Moraes.

Jango, de Silvio Tendler (documentário, 117 min, Brasil, 1984). A trajetória política de João Goulart, o 24º presidente brasileiro, que foi deposto por um golpe militar nas primeiras horas de 1º de abril de 1964.

7. “Vai passar” (p.113-36)

Doces Bárbaros, de Jom Tob Azulay (documentário, 100min, Brasil, 1978). O filme registra acontecimentos da vida de Gilberto Gil, Maria Bethânia, Caetano Veloso e Gal Costa durante a preparação do show dos Doces Bárbaros, como ensaios gerais, o assédio dos fãs e da imprensa, a prisão e o julgamento de Gil.

O que é isso companheiro?, de Bruno Barreto (drama, 105min, Brasil, 1997). No período da ditadura, após 1964, vários estudantes abraçaram a luta armada, passaram a viver na clandestinidade e foram presos. O filme conta o sequestro do embaixador americano Charles Burke Elbrick e sua troca por militantes de esquerda então encarcerados.

O ano em que meus pais saíram de férias, de Cao Hamburger (drama, 110min, Brasil, 2006). Em 1970, Mauro é um garoto de doze anos que adora futebol e jogo de botão. Um dia sua vida muda completamente, porque seus pais “saem de férias” de forma inesperada.

8. “Geração Coca-Cola” (p.137-54)

Cacique de Ramos, Sierra Maestra do pagode, de Alexandre Iglesias (documentário, 28min, Brasil, 2005). Documentário sobre o Cacique de Ramos, um dos maiores blocos do carnaval carioca e lugar onde se formou toda uma geração de sambistas dos anos 1980.

Cazuza: o tempo não para, de Walter Carvalho e Sandra Werneck (drama, 98min, Brasil, 2004). O filme mostra os primeiros passos de Cazuza no democrático Circo Voador, o encontro com os integrantes do Barão Vermelho, os shows, os amigos, os amores.

9. No batidão do real (p.155-68)

Peões, de Eduardo Coutinho (documentário, 85min, Brasil, 2004). A história pessoal de trabalhadores da indústria metalúrgica do ABC paulista que tomaram parte no movimento grevista de 1979 e 1980, mas permaneceram em relativo anonimato.

Tropa de elite, de José Padilha (drama, 116min, Brasil, 2007). Outro filme baseado em livro homônimo, escrito por Luiz Eduardo Soares, Rodrigo Pimentel e André Batista. A narrativa está ligada aos conflitos protagonizados pelo capitão Nascimento, que recebe ordens de chefiar uma equipe policial no Rio de Janeiro, em 1997, com o objetivo de apaziguar o morro do Turano.

Sou feia, mas tô na moda, de Denise Garcia (documentário, 61min, Brasil, 2005). Retrato do universo funk carioca e seus protagonistas, que vivem nas favelas e nos subúrbios.

CRÉDITOS DAS IMAGENS

p.11. *Último baile*, de Francisco Aureliano de Figueiredo e Melo, óleo sobre tela. Acervo Museu Histórico Nacional.

p.23. *O baile pobre* (1905), de Calixto Cordeiro.

p.35. Os Oito Batutas. Fotógrafo não identificado/Coleção Pixinguinha/Acervo Instituto Moreira Salles.

p.63. Getúlio Vargas com artistas da Rádio Nacional (1939): entre eles, Dorival Caymmi, Braguinha, Almirante, Dircinha Batista, Lamartine Babo, Carlos Galhardo, Paulo Tapajós e Orlando Silva. Fotógrafo não identificado/Coleção Museu da Imagem e do Som/RJ.

p.81. Cassino da Urca (janeiro de 1941). Crédito: Hart Preston/Time & Life Pictures/Getty Images.

p.97. JK, Angela Maria e outros premiados como “Os melhores do rádio de 1955” (Rio de Janeiro, 5 de julho de 1956). Arquivo Nacional. Fundo/Coleção: Agência Nacional (EH). Notação: EH.NEG.P.05722 (foto 2).

p.113. Chico Buarque, Gilberto Gil e outros na Passeata dos Cem Mil (26 de junho de 1968). Agência O Globo.

p.137. Comício na Candelária (Rio de Janeiro, 10 de abril de 1984). Foto Hipólito Pereira/Agência O Globo.

p.155. Baile funk no clube Canto do Rio (Rio de Janeiro, abril de 1986). Foto Bruno Veiga/Agência O Globo.

AGRADECIMENTOS

Gostaríamos de agradecer à Editora Zahar pela acolhida da nossa proposta e pelo carinho e profissionalismo de sempre; a nossa querida amiga dra. Lucia Grinberg; a Juliana Lins, João Carlos Carino, Lia Baron e Marcos Gomes, pelas constantes leituras. Ao sempre admirável Aldir Blanc, referência na escrita, na composição e nas posições políticas que tornaram sua trajetória um exemplo de artista engajado nas principais questões públicas do país. Muito obrigado pelo prestígio. Os acordes imperfeitos do livro são obra exclusiva dos autores.



A marca fsc é a garantia de que a madeira utilizada na fabricação do papel deste livro provém de florestas de origem controlada e que foram gerenciadas de maneira ambientalmente correta, socialmente justa e economicamente viável.

Este livro foi composto por Mari Taboada em Dante Pro 11,5/16 e impresso em papel offwhite 80g/m² e cartão triplex 250g/m² por Geográfica Editora em agosto de 2014.